

ALINE MOREIRA LUCENA

RECONHECIMENTO DO PRÓPRIO NOME
POR CRIANÇAS DE 6 E 7 MESES DE IDADE

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Medicina

Belo Horizonte – MG

2013

ALINE MOREIRA LUCENA

RECONHECIMENTO DO PRÓPRIO NOME
POR CRIANÇAS DE 6 E 7 MESES DE IDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde – Área de Concentração Saúde da Criança e do Adolescente

Orientadora: Prof^a Dr^a Erika Maria Parlato-Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Medicina

Belo Horizonte - MG

2013

L935r Lucena, Aline Moreira.
Reconhecimento do próprio nome por crianças de 6 e 7 meses de idade [manuscrito]. / Aline Moreira Lucena. - - Belo Horizonte: 2013. 140f.: il.
Orientadora: Erika Maria Parlato-Oliveira.
Área de concentração: Saúde da Criança e do Adolescente.
Dissertação (mestrado): Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina.

1. Percepção da Fala. 2. Audição. 3. Linguagem. 4. Desenvolvimento Infantil. 5. Dissertações Acadêmicas. I. Parlato-Oliveira, Érika Maria. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina. III. Título.

NLM: WS 105

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitor: Prof. Clélio Campolina Diniz

Vice-Reitoria: Prof^a Rocksane de Carvalho Norton

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Ricardo Santiago Gomez

Pró-Reitor de Pesquisa: Prof. Renato de Lima dos Santos

FACULDADE DE MEDICINA

Diretor da Faculdade de Medicina: Prof. Francisco José Penna

Vice-Diretor da Faculdade de Medicina: Prof. Tarcizo Afonso Nunes

Coordenador do Centro de Pós-Graduação: Prof. Manoel Otávio da Costa Rocha

Subcoordenadora do Centro de Pós-Graduação: Prof^a. Tereza Cristina de Abreu Ferrari

Chefe do Departamento de Pediatria: Prof^a Benigna Maria de Oliveira

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

Coordenadora: Prof^a Ana Cristina Simões e Silva

Subcoordenador : Prof. Eduardo Araújo Oliveira

Colegiado:

Prof^a Ana Cristina Simões e Silva

Prof. Cássio da Cunha Ibiapina

Prof. Eduardo Araújo de Oliveira

Prof. Francisco José Penna

Prof^a Ivani Novato Silva

Prof Jorge Andrade Pinto

Prof Marcos José Burle de Aguiar

Prof^a Maria Cândida Ferrarez Bouzada Viana

Maria de Lourdes Melo Baeta (Disc. Titular)

Fernanda Gontijo Minafra (Disc. Suplente)

DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente a Deus, por ter proporcionado esse momento em minha vida, e pela concretização do sonho de me tornar mestre.

Dedico o presente trabalho ao mundo acadêmico, à possibilidade de fazer acontecer pesquisas e conseqüentemente, a aquisição de novos conhecimentos, dúvidas, hipóteses e soluções, em um contínuo que contribui para o benefício da humanidade.

A minha dedicatória especial aos meus futuros alunos, que hão de multiplicar meus conhecimentos e meu amor pela profissão. Logo, dedico à Fonoaudiologia, que me proporciona crescimento humano a cada dia.

Dedico ainda aos meus pacientes, pois sem eles, e se não fosse por eles, eu não teria esta iniciativa de buscar o conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação foi elaborada no período de dois anos, nos quais contei com o apoio de uma equipe maravilhosa e muito dedicada: Renato, Narli, Cynthia, Patrícia, Raíssa, Blenda, Vanessa e Vera, que não mediram esforços para o sucesso dessa pesquisa. À mestrande e amiga Letícia, por seu companheirismo.

Agradeço aos meus familiares e amigos, pela grande paciência, disponibilidade para escutar-me e por tornar mais leve esses tempos de tanto trabalho. Agradeço especialmente à minha mãe, incentivadora incansável, que não mediu esforços para me auxiliar. Ao papai, que se manteve presente o tempo todo, apoiando e sorrindo, independente do resultado obtido com a pesquisa. Ao meu irmão, cuja paciência para escutar-me foi indispensável à organização das minhas ideias e planejamentos. Agradeço ao Cristiano, sereno, companheiro e compreensivo, que com palavras de amor, acalmava-me mediante as situações mais difíceis.

Meus sinceros agradecimentos ao Prof. Leandro Malloy, grande motivador e responsável por minha admiração pela carreira acadêmica e pesquisa.

Agradeço ao Dr. Walter Camargos, autor da pergunta que fez gerar esse projeto. À prof^a Erika Parlato-Oliveira, que acolheu a pergunta e a mim. Confiou no meu trabalho e na minha capacidade, lapidou meus conhecimentos e reforçou o quanto é importante a troca de saberes. À prof^a Sirley Carvalho, o meu carinho, por estar sempre disponível para debater metodologias, achados e não achados. E as amigas Aloísia Teixeira, Uly Guimarães e Carolina Santos pelas palavras de coragem na etapa final.

Agradeço também ao esporte, que me proporcionou momentos de revitalização para reabastecer a energia mental e dar continuidade aos estudos.

A realização dessa dissertação apenas se tornou possível devido à contribuição de todos os bebês avaliados, e à gentil disponibilidade das mães de se deslocarem até a clínica-escola. Por isso, meu agradecimento a todas elas.

À equipe de funcionários da Universidade Federal de Minas Gerais, em especial às secretárias Márcia e Danuza, que receberam com muito carinho os bebês participantes e contribuíram para a concretização desse projeto.

Por fim, meu muito obrigada a todos que conviveram comigo nesses dois anos de mestrado e que, de uma forma ou de outra, colaboraram com esse trabalho.

EPÍGRAFE

É a história de uma ondazinha saltitando no oceano, divertindo-se a valer. Está apreciando o vento e o ar fresco – até que dá com as outras ondas na frente, arrebentando-se na praia.

- Meu Deus, que coisa horrível! diz a ondazinha. É isso que vai acontecer comigo!

Aí chega outra onda. Vê a primeira que está triste, e pergunta:

- Por quê está triste?

- Você não está entendendo, diz a primeira onda. Vamos todas arrebentar! Nós todas vamos acabar em nada! Não é horrível?

Responde a segunda onda:

- Não, você é que não está entendendo. Você não é uma onda. Você é parte do oceano.

Mitch Alborn, 1998

LISTA DE QUADROS, FIGURAS E TABELAS

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quadro 1: Instrumentos de avaliação de linguagem para bebês entre 0 a 12 meses de idade.....	2
--	---

CASUÍSTICA E MÉTODOS

Quadro 1: Participantes segundo achados clínicos nas fases de avaliação.....	29
Quadro 2: Participantes do estudo segundo a idade.....	30
Quadro 3: Participantes do estudo de acordo com o sexo.....	30
Quadro 4: Caracterização do NPS e Frequência dos Instrumentos	35
Figura 1: Cenário do ambiente de pesquisa	37

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Artigo 2: Avaliação do Reconhecimento do Próprio Nome, linguagem e audição de crianças com 6 e 7 meses de idade.

Quadro 1: Instrumentos de avaliação de linguagem para bebês entre 0 a 12 meses de idade	51
Figura 1: Cenário do ambiente de pesquisa	55
Quadro 2: Grupo 1 e quantidade de busca a fonte sonora.....	57
Quadro 3: Grupo 1 e tempo de permanência do olhar	57
Quadro 4: Grupo 2 e quantidade de busca à fonte sonora	58
Quadro 5: Grupo 2 e tempo médio de permanência do olhar	58
Tabela 1: Grupo 1 e 2 – Busca do olhar para os dois grupos.....	59
Tabela 2: Grupo 1 e 2 – Busca do olhar x Evocação PN ou ON x Sexo.....	60
Tabela 3: Resultados - Projeto piloto 2011	60

Artigo 3: Percepção linguística do próprio nome por crianças de 6 e 7 meses de idade

Figura 1: Cenário do ambiente de pesquisa	76
Quadro 1: Quantidade de busca à fonte sonora por categoria.....	79
Gráfico 1: Porcentagem de busca a PN para cada categoria	80
Gráfico 2: Porcentagem de busca a PN para cada categoria – Projeto Piloto	80
Tabela 1: Tempo médio de permanência do olhar x categoria PN/ON	81
Tabela 2: Estatísticas descritivas PN x ON	81
Tabela 3: Tempo médio de permanência do olhar por categoria. Projeto piloto: crianças 4 e 5 meses	82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CCN: Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas.

CECAE SACI USP: Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e de Atividades Especiais – Solidariedade, Apoio, Comunicação e Informação – Universidade de São Paulo.

CLASE: Citas Latinoamericanas em Ciencias y Humanidades

COPE: Committee on Publication Ethics

dBNPS: decibéis de nível de Pressão Sonora

DOAJ: Directory of Open Access Journals

EDCC: Escala de desenvolvimento do comportamento da criança

EDCCP: Escala de desenvolvimento do comportamento da criança prematura no primeiro ano de vida.

ELM: Early Language Milestone Scale

EOAT: Emissões Otoacústicas Transientes

FHEMIG: Fundação Hospitalar de Minas Gerais

HC: Hospital das Clínicas

ISSN: International Standard Serial Number

LATINDEX: Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal

LILACS: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

M-CHAT: Modified Checklist for Autism Toddlers

ON: Outro nome

PEA: Perturbações do espectro do autismo

PN: Próprio nome

RCP: Reflexo Cócleo Palpebral

SUS: Sistema Único de Saúde

TANU: Triagem Auditiva Neonatal

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UBS: Unidade Básica de Saúde

UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais

ULRICHWEB: Ulrich's Periodicals Directory

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1.	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	1
2.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	5
3.	REVISÃO DE LITERATURA	7
	3.1 Artigo 1: Reconhecimento do Nome: Considerações Bibliográficas sobre o Tema	7
4.	OBJETIVOS	25
5.	CASUÍSTICA E MÉTODOS	26
	5.1 Casuística	26
	5.1.1 Critérios de inclusão	27
	5.1.2 Critérios de exclusão	28
	5.1.3 Seleção da amostra	28
	5.1.4 Participantes do estudo	29
	5.2 Métodos	30
	5.3 Material	40
	5.4 Análise estatística	41
	5.5 Aspectos éticos	42
	5.6 Referências da Metodologia	45
6.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	47

6.1 Artigo 2 : Avaliação do Reconhecimento do Próprio Nome, linguagem e audição de crianças com 6 a 7 meses de idade	47
6.2 Artigo 3 : Percepção linguística do próprio nome por crianças de 6 a 7 meses de idade	66
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
8. ANEXOS / APÊNDICES	91
Anexo A: Diretrizes para publicação na revista Temas sobre Desenvolvimento	91
Anexo B: Diretrizes para publicação na revista Distúrbios da Comunicação	97
Anexo C: Diretrizes para publicação na revista Letras de Hoje	105
Anexo D: Aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa	107
Anexo E: Avaliação Auditiva Infantil	108
Anexo F: Protocolo Adaptado para Crianças de 0 a 24 meses	109
Anexo G: Escala de Linguagem: ELM	111
Anexo H: Resultados estatísticos	112
Anexo I: Declaração de Aprovação	114
Anexo J: Ata de Defesa	115
Apêndice A: Lista de Prenomes comuns da TANU	116
Apêndice B: Questionário sobre a Experiência Linguística	117
Apêndice C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: sujeito.....	118
Apêndice D: Lista dos pares de Prenomes por categoria	120
Apêndice E: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: avaliador.....	122
Apêndice F: Ficha de avaliação das filmagens	124

Apêndice G: Cartilha de orientações aos pais	125
---	------------

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os questionamentos que deram origem a esta pesquisa foram suscitados pela clínica e esperamos que os resultados possam trazer benefícios para o aprimoramento de triagens do desenvolvimento infantil.

As discussões multidisciplinares no Ambulatório dos Transtornos Complexos do Desenvolvimento Infantil do Hospital Infantil João Paulo II da rede FHEMIG, motivaram o interesse em desenvolver essa pesquisa. Nesse ambulatório, profissionais identificam diversos sinais que apontam o risco de Autismo Infantil, no intuito de iniciar intervenção a tempo. Um desses sinais, segundo Nadig (2007)¹ é a capacidade – ou incapacidade – da criança em reconhecer-se pelo nome. Desse modo, um dos critérios testados na investigação de risco para o desenvolvimento de autismo pelo Questionário M-CHAT² é: “Responde/olha quando (a) chama pelo nome?”.

Foi entre esses profissionais interessados na investigação de Transtornos Invasivos do Desenvolvimento que surgiu em 2010, a seguinte pergunta: **“Quando os bebês respondem ao nome?”**.

Pesquisas realizadas em diversos países como França, Estados Unidos e Bélgica, confirmaram a importância da identificação do próprio nome, sendo esse considerado um marco no desenvolvimento da criança.^{3,4} Verificou-se escassez de estudos a este respeito na literatura brasileira, o que acarreta prejuízo para a ciência nacional.

Mandel, Jusczyk, Pisoni publicaram, em 1995, estudos a respeito do reconhecimento do nome. Esses autores afirmaram que é a partir do reconhecimento do próprio nome que se torna mais fácil a compreensão de outras palavras pelas crianças. Aos 6 meses de idade, as crianças devem ser capazes de detectar palavras familiares em um discurso contínuo.³

A capacidade de reconhecimento do próprio nome já é um item presente em diversos testes e avaliações do desenvolvimento infantil utilizados atualmente no Brasil. Sabendo disso, há a necessidade de se conhecer a idade em que os bebês estão aptos a responder a esse item.

Nos estudos realizados no exterior ^{3,4}, a idade estimada para reconhecimento do nome – 4 a 6 meses - é anterior a aqui adotada – 7 a 10 meses - como dado de normalidade na maioria das avaliações citadas a seguir.

QUADRO 1: Instrumentos de avaliação de linguagem para bebês (modificado) ⁵

Nome do Teste	Idade sugerida para aplicação do teste.	Verificação do item "Reconhece o próprio nome"	Autores
Roteiro de avaliação fonoaudiológica ⁶	0 a 36 meses	"Reconhece ao nome" 7 a 9 meses. "Atende quando é chamado" 4 a 6 meses.	Pereira MR, Funayama CAR. 2004
Teste de Triagem de Desenvolvimento Denver II (TTDD) ⁷	0 a 72 meses	* "Volta-se ao chamado" 4 a 8 meses	Frankenburg, W.K.; Dodds, J.; Archer, P.; et al.
Protocolo de observação (Chiari) ⁸	0 a 72 meses	"Responde ao próprio nome (apelido)" 0 a 1 ano	Chiari BM, Basílio CS, Nakagwa EA, Cormedi MA, Silva NSM, Cardoso RM, Parreira 1991
Protocolo adaptado para avaliação de crianças de 0 a 24 meses ⁹	0 a 24 meses	"Reconhece o próprio nome" a partir dos 9 meses	Gordo A, Parlato EM, Azevedo MF, Guedes ZCF. 1994
Modified Checklist for Autism in Toddlers M-CHAT [©] ¹	16 a 30 meses	"Responde/ olha quando o (a) chamam pelo nome?" 16 a 30 meses	Robins D, Fein D & Barton M, 1999
Manual of Developmental Diagnosis ¹⁰	Desde o nascimento.	"Responde ao som do nome?" 10 meses	Knobloch H, Stevens F, Malone AF. 1980
Escala de Desenvolvimento do Comportamento da Criança Prematura no primeiro ano de vida – EDCP ¹¹	Até completar um ano de idade	"Vira-se quando chamada pelo nome?" <u>Meninos:</u> estabilização aos 6 meses <u>Meninas:</u> inicia resposta entre 4/5 meses, estabiliza 8/9 meses	Pinto EB 2008

*Não diz a respeito ao próprio nome.

No experimento realizado nesta pesquisa, optou-se pela inclusão das crianças de 6 e 7 meses de idade; uma vez que os estudos anteriormente citados ^{3,4}

a respeito do *reconhecimento do próprio nome* afirmam tendências para esta resposta em crianças de 4 a 6 meses. Além disso, é a partir dos 6 meses que os bebês já são hábeis motoramente, considerando a maturação do controle cervical, para explorarem melhor o mundo ao seu redor.¹²

De forma geral, esta dissertação tem como objetivo investigar o reconhecimento do próprio nome, relacionando às habilidades auditivas e de linguagem de crianças de 6 e 7 meses de idade.

Os resultados dessa dissertação serão apresentados na forma de três artigos a serem posteriormente submetidos às publicações indexadas.

O artigo 1, aqui escrito, obedeceu às diretrizes para publicação na REVISTA TEMAS SOBRE DESENVOLVIMENTO (Abreviatura: Temas Desenvol.) – ISSN 0103-7749, periódico de divulgação de informações técnico-científicas sobre o desenvolvimento infantil e sobre os distúrbios desse desenvolvimento. (ANEXO A)

O artigo 2, aqui escrito, obedeceu às diretrizes para publicação na REVISTA DISTÚRBIOS DA COMUNICAÇÃO (Abreviatura: Distúrb Com) - ISSN.2176-2724, indexada na base de dados LILACS,CECAE SACI USP e ULRICHSWEB. É um periódico especializado, que busca contribuir para a atualização dos profissionais fonoaudiólogos ou de áreas afins através da publicação de artigos científicos originais sobre temas relevantes no âmbito nacional ou internacional. (ANEXO B)

O artigo 3, aqui escrito, obedeceu às diretrizes para publicação na REVISTA LETRAS DE HOJE.- online (Abreviatura: Let hoj). ISSN 1984-7726, indexada nas bases: CLASE, LATINDEX, DOAJ, EBSCO, CCN e COPE. A Revista Letras de Hoje objetiva a divulgação de trabalhos inéditos relacionados às áreas de Linguística, Teoria da Literatura e Língua Portuguesa. (ANEXO C)

Buscou-se com este trabalho, afirmar os achados da literatura e caracterizar o estado linguístico das crianças de 6 e 7 meses de idade, a fim de proporcionar à população científica dados que favoreçam estratégias na identificação de possíveis alterações do desenvolvimento auditivo, de linguagem e da constituição psíquica da

criança, além do estabelecimento de condutas adequadas para evolução das crianças com atraso na linguagem.

1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Nadig AS, Ozonoff S, Young GS, Rozga A, Sigman M, Rogers SJ. A Prospective Study of Response to Name in Infants at Risk for Autism. *Arch pediatrics adolesc med.* 2007; 161(4): 378-383.
2. Robins DL, Fein D, Barton ML. The modified checklist for autism in toddlers (M-CHAT™). Atlanta. ed Selfpublished. 1999.
3. Mandel DR, Jusczyk PW, Pisoni DB. Infants' recognition of the sound patterns of their own names. *Psychol Sci.* 1995; 6 (5): 314-17.
4. Perrin E, Maquet P, Peigneux P, Ruby P, Degueldre C, Balteau E, et al. Neural mechanisms involved in the detection of our first name: a combined ERPs and PET study. *Neuropsychologia.* 2005; 43: 12-19.
5. Ribeiro CN. Revisão de literatura: Instrumentos de avaliação de linguagem para bebês entre 0 a 12 meses de idade [monografia na Internet]. Belo Horizonte: UFMG; 2012 [acesso em 2012 Nov1]. Disponível em: ftp://ftp.medicina.ufmg.br/for/monografias/20121/CYNTHIA_RIBEIRO.pdf
6. Pereira MR, Funayama CAR. Avaliação de alguns aspectos da aquisição e desenvolvimento da linguagem de crianças nascidas pré-termo. *Arq Neuropsiquiatr.* 2004; 62(3-A):641-648.
7. Frankenburg WK, Dodds J, Archer P et al. Denver II Technical Manual. Denver, Colorado: Denver Developmental Materials, Inc. 1996.
8. Chiari BM, Basílio CS, Nakagwa EA, Cormedi MA, Silva NSM, Cardoso RM, Parreira VEW. Proposta de sistematização de dados da avaliação fonoaudiológica através da observação de comportamentos de crianças de 0 a 6 anos. *Pró-Fono R. Atual. Cient.* 1991; 3(2): 29-36.
9. Gordo A, Parlato EM, Azevedo MF, Guedes ZCF. Triagem auditiva em bebês de 2 a 12 meses. *Pró-Fono R. Atual. Cient.* 1994; 6(1): 7-13.
10. Knobloch H, Stevens F, Malone AF. *Manual of Developmental Diagnosis™: the administration and interpretation of the revised Gesell and Amatruda developmental and neurologic examination.* Harper & Row. 1980.
11. Pinto EB. O desenvolvimento do bebê prematuro no primeiro ano de vida. *Psicol Refl Crít.* 2008, 22(1): 76-85.

12. Feigelman S. O Primeiro Ano. In: Kliegman RM, Jenson HB, Behrman RE e Stanto BF. Nelson Tratado de Pediatria. 18 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009, p.43-48.

3. REVISÃO DA LITERATURA

3.1 ARTIGO 1

RECONHECIMENTO DO PRÓPRIO NOME:

CONSIDERAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS SOBRE O TEMA

Own Name Recognition: Considerations Literature On The Subject

Artigo de Revisão

Aline Moreira Lucena¹, Erika Maria Parlato-Olveira²

¹ Fonoaudióloga mestranda em Ciências da Saúde: Saúde da Criança e do Adolescente – UFMG, BH/MG

² Fonoaudióloga. Dra. Professora Adjunto da Faculdade de Medicina – UFMG, BH/MG

Programa da Saúde da Criança e do Adolescente

Faculdade de Medicina

Universidade Federal de Minas Gerais

Endereço para correspondência: Aline Moreira Lucena

Rua Feliciano Negrão, 228. Bairro Santa Rosa

Belo Horizonte. CEP: 31255-790

Minas Gerais – Brasil

amlfono@hotmail.com

Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior - CAPES

RESUMO

A habilidade de percepção do próprio nome é considerada como parâmetro para identificar características de normalidade da linguagem e da audição. Pesquisas sobre esse tema têm sido realizadas em vários países. Nesse contexto, o objetivo deste estudo foi realizar uma revisão narrativa da literatura nacional e internacional, através de livros e artigos sobre o tema, para disponibilizar aos fonoaudiólogos, profissionais da saúde e da educação, informações relativas à habilidade de reconhecimento do próprio nome. Os resultados deste trabalho apontaram escassez de estudos no Brasil acerca do tema para crianças nativas de língua portuguesa brasileira. As pesquisas registradas na literatura internacional concluem que a idade apresentada pelas crianças para resposta ao próprio nome foi em média de 4 a 6 meses. Diversos métodos podem ser aplicados com estudos de percepção da fala em crianças com menos de um ano. Dentre as avaliações de desenvolvimento infantil utilizadas no Brasil, sete apresentam pelo menos um tópico em investigação ao reconhecimento do próprio nome pela criança.

Descritores: desenvolvimento infantil, percepção da fala, audição, linguagem, cognição.

ABSTRACT

The ability to recognize the own name is considered a parameter to identify characteristics of normal speech and hearing. Research on this topic has been conducted in several countries. In this context, the aim of this study was to conduct a narrative review of national and international literature, through books and articles on the subject, to make available to speech pathologists and health and education professionals, information about the ability to recognize the own name. The results of this study showed a lack of studies on the subject in Brazil for children of native Brazilian Portuguese. The research reported in the international literature concluded that age presented by children to respond for their own name was on average 4-6 months. Several methods can be applied to studies of speech perception in children younger than one year old. Among the reviews of child development used in Brazil, seven have at least one research topic in the recognition of the child's own name.

Keywords: child development, speech perception, hearing, language, cognition.

INTRODUÇÃO

Desde a metade do século 20, estudiosos se dedicam a pesquisar a aquisição da linguagem pelas crianças. Chomsky e Skinner, que abordaram o Inatismo e o Comportamento Verbal, são exemplos de importantes autores precursores do tema.^{1,2,3}

Atualmente existem diversas vertentes de estudos sobre o processo de aquisição dos sons da língua, o que demonstra sua complexidade.¹ Contudo, ao longo dos anos as pesquisas aperfeiçoaram-se, tornando-se cada vez mais eficazes na identificação das etapas desse processo.

Dentre os cientistas que colaboraram com esses estudos pode-se citar Peter Jusczyk (1995), que enfoca o reconhecimento do próprio nome como etapa importante da aquisição de linguagem.

A importância que Jusczyk e outros autores conferem ao tema justifica esse artigo, que se propõe a investigar, em uma revisão narrativa, os achados na literatura existente sobre o assunto do reconhecimento do nome até a presente data.^{1,4-6}

MÉTODOS

De outubro de 2010 a junho de 2012 foi realizado levantamento bibliográfico em artigos, livros, e demais publicações. Buscou-se encontrar na literatura nacional e internacional registros que abordassem o tema do reconhecimento do próprio nome em bebês, sendo este o principal objetivo deste trabalho.

Foram pesquisados artigos publicados no período de 1950 a 2012, e os mesmos incluídos na revisão, de acordo a análise qualitativa de cada um, para abordagem ampla do tema proposto.

O levantamento bibliográfico foi feito utilizando indexadores, tais como: *IBECs, Medline, Lilacs, Academic Search Premier (EBSCO), Cambridge Journals Online, Highwire Press, Nature (NPG), Oxford Journals, Scielo, Science (AAAS), ScienceDirect (Elsevier), SpringerLink (Metapress), Wiley Online Library*, por meio dos sites de busca do Portal Capes (PC) e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), utilizando a combinação dos seguintes descritores em português: desenvolvimento infantil, percepção da fala, audição, linguagem, cognição; e em inglês: child development, speech perception, hearing, language, cognition.

REVISÃO DA LITERATURA

Há grande diversidade de proposições teóricas que tratam do *desenvolvimento infantil*. Desse modo, discute-se a seguir algumas dessas concepções, tendo como enfoque as habilidades de linguagem e de audição.

O termo *desenvolvimento infantil* aborda o processo de crescimento e maturação dos sistemas orgânico-funcionais de crianças, interligando os domínios sensório-motor, cognitivo-linguístico e sócio-emocional. Envolve estudos sobre o contexto sociocultural, uma vez que este pode aumentar o risco de exposição aos fatores biológicos e psicossociais que afetam o desenvolvimento da criança, determinando alterações na estrutura e funcionamento cerebral, além de mudanças comportamentais.⁷

O desenvolvimento humano é, portanto, produto de uma dupla incidência. De um lado, atuam os processos maturativos de ordem neurológica e genética e, de outro, agem os processos de constituição do sujeito psíquico. No entanto, tais pesquisas tendem a privilegiar a dimensão neurológico-genética.^{8,9}

A aquisição de linguagem envolve ainda o processo de formação da noção de sujeito, do “EU”. Esse “EU” é constituído já no início da vida da criança a partir de um campo social pré-existente, como a história de um povo, de uma família, do desejo dos pais, e faz gerar a comunicação.^{10,11}

O sujeito psíquico surge através da experiência cultural e da vivência com a linguagem. Esse sujeito psíquico age como elemento organizador do desenvolvimento da criança em todas as suas vertentes – física, psicomotora, cognitiva e psíquica.^{10,11}

O processo de comunicação é complexo, operado por um codificador e um decodificador. A mensagem geralmente é nova, o decodificador a recebe e através do código, ele a interpreta.¹²

Para o ser humano, falante de língua oral, este código chega pelas vias auditivas. Mehler e Dupoux (1990)⁵ lembram da importância do sistema auditivo que participa na elaboração de um mundo perceptivo coerente e ordenado. Para os autores, o som aparece como veículo privilegiado da linguagem articulada, pela qual torna-se ao homem possível codificar e trocar informações, elaborar e transmitir, além de conhecimentos e pensamentos, toda uma cultura.

Os bebês apresentam o sentido da audição muito evoluído. Desde o nascimento eles são capazes não só de se orientar através dos sons, mas ainda de

discriminar tons que diferem em volume e, assim organizam os sons em melodias e vozes.⁶

A evolução do sistema auditivo é contínuo e ao completar duas semanas de vida, a criança desenvolve mais reações motoras aos estímulos auditivos provenientes do som da voz humana. Com quatro semanas, ela se acalma através do som, modificando sua atividade. Por volta dos quatro meses, o bebê move a cabeça na direção dos sons, ainda de maneira rudimentar, localizando a fonte sonora de forma indireta, por movimentação lateral da cabeça. Nessa mesma fase ocorre a inibição das respostas reflexas e o desenvolvimento da habilidade de discriminar a presença ou a ausência do som. O bebê também passa a partir daí a efetuar respostas corretas à procura do som. O período de localização indireta do som se estende até o sétimo mês, coincidindo com a habilidade de virar e de sustentar a cabeça.¹⁴⁻¹⁵

A partir do sétimo mês de vida até o nono mês, a criança desenvolve a habilidade auditiva de localizar diretamente para o lado e indiretamente para baixo a fonte sonora. As habilidades de localização direta para o lado e para baixo; indireta para cima, direta para cima e direta para todos os ângulos ocorrem no décimo terceiro, décimo sexto e vigésimo primeiro meses, respectivamente. A importância do desenvolvimento de todas essas habilidades relaciona-se à manutenção, pela criança, de um contato estável com o ambiente e à associação dos sons com as fontes sonoras.^{14,15}

Desta forma, o desenvolvimento auditivo constitui uma das vias sensoriais centrais para a aquisição e para o desenvolvimento da linguagem, uma vez que é necessário que haja recepção dos sinais auditivos para a posterior emissão sonora,

utilizando a fala. A ausência da associação de sons fornece pistas acerca do processo perceptual do indivíduo. A criança com perda auditiva poderá apresentar alterações na linguagem em função da não integridade das habilidades cognitivas, tais como memória auditiva, localização e discriminação de sons.¹⁴

O reconhecimento do próprio nome é indicativo do processo de aquisição da linguagem da criança. Isso porque fornece dados acerca da acuidade auditiva, dos fatores perceptuais fonéticos, fonológicos e prosódicos da linguagem e da relação da criança com seu entorno. Alguns estudos apontam para a preferência ao som do próprio nome¹⁶ do que a outras estruturas lexicais e à importância da avaliação da percepção auditiva no que tange à memória, à fala e às habilidades auditivas.¹⁷

Pesquisas em diversos países dedicam-se a obter maiores informações sobre o tema de desenvolvimento da linguagem infantil. Gervain e Werker (2008)¹⁸ concluíram que bebês possuem maior capacidade que os adultos para identificar outras línguas com prosódias diferentes. Entretanto, o que eles identificam melhor é a língua materna. Bebês de 1 a 4 meses já conseguem reconhecer pseudopalavras pronunciadas com diferentes sílabas tônicas, segundo características da língua nativa (traço melódico).¹⁹

Para adquirir a linguagem, o bebê inicialmente não escuta palavras ou frases, isto é, não ouve apenas sinais linguísticos perfeitos nas condições ideais, mas sons difusos e abstratos. Mehler e Dupoux (1990), descrevem esta escuta do bebê como um sinal de fala muito complexo e opaco. Entre um a quatro meses o bebê está apto a discriminar vogais e consoantes de todas as línguas, e não só as de sua língua materna. Tal habilidade tende a diminuir por volta dos 6 meses, quando começa a se especializar nos sons da língua materna.^{5,20}

Newman (2005,2009)^{21,22} observou que crianças de 5 meses de idade podem perceber os próprios nomes quando a relação sinal/ruído for de pelo menos 10 dB. Aos 9 meses, as crianças demonstraram pouca evolução quanto à esta capacidade. Aos 13 meses, contudo, os bebês apresentaram maior sucesso nas respostas, o que levou a autora a afirmar que, nesta idade, eles percebem o próprio nome com uma relação sinal-ruído de até 5 dB. Ela verificou, ainda, que aos cinco meses eles possuem capacidade de atender seletivamente a uma voz interessante, feminina, com estrutura prosódica melódica, próxima ao *manhês*^{*}, em meio a outras vozes concorrentes.

A mesma autora investigou o efeito, sobre os resultados atingidos, do aumento do número de vozes de fundo no discurso quando um estímulo auditivo igual ao vocábulo é oferecido. Esses estímulos, utilizados por Newman, podem ser chamados de “mascaramentos” e contribuíram para inibir a interferência de outros fatores nas respostas ao teste. Os resultados sugeriram que, mesmo quando a fala é mascarada, as crianças podem reconhecer as representações de palavras que lhes são familiares. No entanto, Newman ressalta que o tipo de competição sonora interfere claramente nas respostas dos bebês. Quando ele trabalhou com a voz única de fundo, a tarefa de reconhecimento do próprio nome foi mais difícil do que quando o discurso concorrente eram múltiplas vozes.^{21,22}

Existem várias vertentes com relação aos estudos sobre aquisição da linguagem. Skinner, em 1957³, publicou o comportamento verbal, teoria que defende que o aprendizado ocorre através da intervenção do meio, na sucessão de

* O *manhês* refere ao modo como as mães do mundo tendem a se dirigirem aos seus filhos, utilizando a voz num tom mais alto e entonação exagerada.⁵

mecanismos de estímulo-resposta-reforço. Já Chomsky em 1959, propôs o Inatismo, que afirma a existência de uma predisposição biológica das crianças para aprendizagem da língua.²

Na década de 70, a partir da observação de bebês, Azcoaga afirma que o início da aquisição da linguagem pode ser observado através do “jogo vocal”. Essa etapa compõe o período denominado como pré-linguístico. Nessa fase o bebê produz alguns sons vocais que, gradativamente, vão se diversificando e enriquecendo-se, por meio da imitação, principalmente na interação com os pais, tornando possível o processo de desenvolvimento da linguagem da criança.²³

Segundo o mesmo autor, em uma segunda etapa, a produção sonora da criança passa a ter interesse proprioceptivo-auditivo. Nesse período, há maior organização de gnosias, além da integração das aferências auditivas no bebê. A complexidade da comunicação é aumentada, uma vez que são introduzidos novos recursos comunicativos – gestos e novos sons – entre o bebê e os outros adultos. É neste momento, que corresponde ao segundo semestre de vida da criança, que ela já é capaz de elaborar conhecimentos mais complexos, os quais envolvem o reconhecimento e a preferência por alguns objetos, o refinamento da preensão em pinça, além do aumento das atividades sensório-motoras e da evidência de seletividade das relações com os adultos.²³

Também é no início da vida que o conjunto dos fonemas, pertencentes à língua materna da criança, vai sendo apreendido e os fonemas que não fazem parte desta língua são esquecidos. Desta forma, grande parte das emissões vai sendo suprimida e ocorrem modificações na compreensão da língua, a partir da relação entre uma determinada palavra e os objetos que fazem parte da vida da criança.

Esta relação, embora inicial, possibilita a aquisição dos primeiros significados, uma vez que as palavras também representam estímulos sensório-perceptivos.^{12, 23, 26}

É importante ressaltar ainda que, a partir do segundo semestre de vida, a criança já é capaz de discriminar sequências de consoantes e de vogais, embora a produção de todos os sons ainda não seja possível.¹⁵

Entre os doze e os dezoito meses de vida tem início o período chamado de Primeiro Nível Linguístico, caracterizado pela presença de componentes silábicos, de gestos e de entonações. A função comunicativa é ampliada e a comunicação passa a exercer um caráter social.²³

Logo, existe um plano biológico que define etapas do desenvolvimento da criança durante o progresso de aquisição linguística. Esse plano tem início no momento em que o bebê apresenta padrões auditivos no reconhecimento de palavras, passa pela compreensão de significado referencial em que surgem sons vocais representando pessoas, coisas e ações e, enfim, inicia o balbúcio, que são as primeiras formas de expressão oral até chegar àquele momento mágico em que o bebê pronuncia a primeira palavra, expressando exatamente o que deseja.²⁶

Mas toda essa determinação biológica é influenciada também pelo entorno da criança, como nos mostra a epigenética.²⁷ A constituição psíquica da criança se dará considerando esses dois aspectos: orgânicos e relacionais.²⁸

A linguagem sonora apresentada pelo bebê pode ser dita como o protótipo da linguagem articulada humana. O grande objetivo da linguagem dos bebês é atingir resultados no campo social, obtendo interlocutores interessados voltados para ele e

que, portanto, buscariam junto ao bebê a compreensão de sua linguagem e tradução dos sinais sonoros para a sua língua materna.²⁸

O que se verifica é que os estudos sobre o desenvolvimento da linguagem infantil têm evoluído bastante quanto à metodologia e linhas de debates. É possível citar pesquisadores do tema como Patrícia Kuhl (2000)¹, Anne Christophe, Jusczyk, Mandel e Pison, que apresentam além de novas visões da aquisição de linguagem, metodologias inovadoras para quantificar a percepção da fala pelos bebês, como: tempo de sucção²⁴, tempo de permanência do olhar¹⁹⁻²¹, quantidade e graus de deslocamento de cabeça²⁵, e respostas captadas por eletrodos¹⁷.

Embora na literatura existam relatos de utilização do teste do nome na detecção dos distúrbios de linguagem, autismo²⁹ e no rastreio da surdez infantil³⁰, o procedimento ainda não faz parte da prática clínica no Brasil. Isso dificulta o melhor direcionamento a respeito dos estágios vencidos ou não pela criança no que diz respeito à linguagem e à audição.

Um dos protocolos de avaliação que considera a verificação da resposta da criança para o próprio nome é o Modified Checklist for Autism in Toddlers (M-CHAT). Essa avaliação é composta por um questionário referente ao desenvolvimento e comportamento da criança. É indicado para o uso de crianças com idade entre 16 e 30 meses, com o objetivo de rastrear as perturbações do espectro do autismo (PEA). O M-CHAT pode ser aplicado tanto numa avaliação periódica de rotina (cuidados primários de saúde) quanto por profissionais especializados em casos de suspeita de autismo.

Como na maioria dos testes de rastreio, os resultados do M-CHAT poderão apresentar grande número de falsos positivos, o que indica que nem todas as

crianças que constam neste questionário irão ser diagnosticadas com essa perturbação autística. Entretanto, esses resultados podem apontar para a existência de outras anomalias do desenvolvimento sendo, por isso, necessária a avaliação por profissionais desta área.³¹

Há ainda outras avaliações voltadas para o desenvolvimento da linguagem que utilizam o questionamento sobre a resposta da criança ao próprio nome como marco do desenvolvimento. Por exemplo: Protocolo de Observação proposto por Brasília Chiari³², o Protocolo Adaptado para Avaliação de Crianças de 0 a 24 meses definido por Gordo et al em 1994³³, o Roteiro de Avaliação Fonoaudiológica de Pereira e Funayama, 2004³⁴, a Escala de Desenvolvimento do Comportamento da Criança Prematura no Primeiro ano de vida – EDCP e da mesma autora, a Escala do Desenvolvimento do Comportamento da Criança – EDCC³⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no desenvolvimento auditivo e de linguagem, descritos até o momento, é possível afirmar que uma criança já consegue reconhecer o próprio nome a partir do segundo semestre de vida. Desta forma, torna-se viável e necessário que, na prática clínica, a criança seja avaliada também sob o aspecto de reconhecimento do próprio nome, o que dará pistas a respeito do desenvolvimento da linguagem, da audição e da sua relação com o seu entorno.

Ao final deste levantamento bibliográfico sobre o Reconhecimento do Próprio Nome, pode-se concluir que ao longo do desenvolvimento da linguagem infantil, o reconhecimento do próprio nome é um marco que deve ser melhor explorado durante as avaliações de linguagem das crianças.

Não existem estudos dirigidos no Brasil que tratem exclusivamente das respostas ao próprio nome apresentadas por bebês de língua nativa portuguesa brasileira. Isso limita os achados com pesquisas de percepção da fala já iniciadas em territórios nacionais.

Segundo a maioria dos autores, como Mandel, Jusczyk e Pisoni (1995) e Newman (2005), as habilidades de percepção do próprio nome têm início por volta dos 4 a 6 meses de idade. É de senso comum entre os estudiosos do tema que o reconhecimento do próprio nome permite à criança facilitar a construção de novos vocábulos e novos domínios. ^{19,21}

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Kuhl PK. A new view of language acquisition. PNAS. 2000; 97 (22): 11850-57.
2. Chomsky N. A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior. Language. 1959; 35 (1): 26-58.
3. Skinner BF. Verbal Behavior. New York: Appleton-Century-Crofts; 1957.
4. Eimas PD, Siqueland ER, Jusczyk PW, Vigorito J. Speech perception in infants. Science. 1971; 171: 303-6.
5. Mehler J, Dupoux E. Naître Humain. Paris: Éditions Odile Jacob; 1990.
6. Aislin RN, Pison DB, Jusczyk PW. Auditory Development and Speech Perception in Infancy. In Haith MM, Campos JJ. Handbook of Child Psychology: Infancy and Developmental Psychobiology. 4th New York: John Wiley & Sons; 1983. p. 573-687.
7. Walker SP, Wachs TD, Gardner JM, Lozoff B, Wasserman GA, Pollitt E et al. Child development: risk factors for adverse outcomes in developing countries. Lancet. 2007; 369:145-57.
8. Dargassies SA. Confrontation Neurologique de deux concepts: Maturation et développement chez le jeune enfant. Rev. Neuropsych. 1974; 22: 227-235.
9. Kandel ER; Shwartz JH; Jessell TM. Essentials of Neural Science and Behavior. Londres: Prentice Hall International, 1995.
10. Jerusalinsky A. Psicanálise e desenvolvimento infantil. 1^aed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1989.
11. Bernardino L. O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição. São Paulo: Escuta; 2006.

12. Jakobson R. A linguagem comum dos lingüistas e dos antropólogos. In. Trad. Bilikstein I e Paes JP. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix; 1995a , p. 15-33.
13. Jakobson R. Dois aspectos da Linguagem e dois tipos de Afasia. In. Trad. Bilikstein I e Paes JP. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix; 1995b , p. 34-62.
14. Russo ICP, Santos MTM. *Audiologia Infantil*. 4 ed, São Paulo: Cortez; 1994.
15. Northern JL, Downs MP. Avaliação Auditiva Comportamental. In *Audição na Infância*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 6:135-143: 2005.
16. Mandel DR, Jusczyk PW, Pisoni DB. Infants' recognition of the sound patterns of their own names. *Psychol Sci*. 1995; 6 (5): 314-17.
17. Nelson DGK, Jusczyk PW, Mandel DR, Myers J, Turk A, Gerken L. The head-turn preference procedure for testing auditory perception. *Infant behav dev*. 1995; 18: 111-116.
18. Gervain J, Werker JF. How Infant Speech Perception Contributes to Language Acquisition. *Lang Linguist Compass* 2008; 2(6): 1149-70.
19. Friederici AD, Friedrich M, Christophe A. Brain responses in 4-month-old infants are already language specific. *Curr Biol*. 2007; 17, 1208-11.
20. Dupoux E. Percepção de fala nos bebês. In: Laznik MC, Cohen David. *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. 1ª ed. São Paulo: Instituto Langage; 2011. p.71-83.

21. Newman RS. The cocktail party effect in infants revisited: Listening to one's name in noise. *Dev Psychol.* 2005; 41(2), p.352-362.
22. Newman RS. Infant's listening in multitalker environments: Effect of the number of background talkers. *Atten. Percept. Psychophys.* 2009; 71 (4), p.822-836.
23. Azcoaga JE, Bello JA, Citrinovitz J, Derman B, Frutos WM. Los retardos del language en el niño. Buenos Aires: Paidós; 1981.
24. Jusczyk PW, Pison DB, Mullennix J. Some consequences of stimulus variability on speech processing by 2-month-old infants. *Cognition.* 1992; 43(3), p. 253-291.
25. Christophe A, Gout A, Peperkamp S, Morgan J. Discovering words in the continuous speech stream: the role of prosody. *J Phon.* 2003; 31: 585-98.
26. Mc Guinness D. Cultivando um leitor desde o berço: a trajetória de seu filho da linguagem à alfabetização. Rio de Janeiro: Record; 2006.
27. Ansermet F. A cada cual su cérebro: plasticidad neuronal e inconsciente. Buenos Aires: Katz; 2006.
28. Camargos Junior W, Lambertuci MC, Magalhães LC, Parlato-Oliveira E. Psicopatologia do Bebê. In Assumpção Junior FB, Kuczynski. Tratado de psiquiatria da infância e da adolescência. 2 ed. São Paulo: Atheneu; 2012. p. 439-448.

29. Nadig AS, Ozonoff S, Young GS, Rozga A, Sigman M, Rogers SJ. A Prospective Study of Response to Name in Infants at Risk for Autism. *Arq pediatrics adolesc med.* 2007; 161(4): 378-383.
30. Oliveira P, Castro F, Ribeiro A. Surdez Infantil. *Rev. Bras. Otorrinolaringol.* 2002. 68(3): 417-23.
31. Robins DL, Fein D., Barton ML. The modified checklist for autism in toddlers (M-CHAT™). Atlanta: Selfpublished; 1999.
32. Chiari BM, Basílio CS, Nakagwa EA, Cormedi MA, Silva NSM, Cardoso RM, Parreira VEW. Proposta de sistematização de dados da avaliação fonoaudiológica através da observação de comportamentos de crianças de 0 a 6 anos. *Pró-Fono R. Atual. Cient.* 1991; 3(2): 29-36.
33. Gordo A, Parlato EM, Azevedo MF, Guedes ZCF. Triagem auditiva em bebês de 2 a 12 meses. *Pró-Fono R. Atual. Cient.* 1994; 6(1): 7-13.
34. Pereira MR, Funayama CAR. Avaliação de alguns aspectos da aquisição e desenvolvimento da linguagem de crianças nascidas pré-termo. *Arq Neuropsiquiatr.* 2004; 62(3-A):641-648.
35. Pinto EB. O desenvolvimento do bebê prematuro no primeiro ano de vida. *Psicol Refl e Crít.* 2008, 22(1): 76-85.

4. OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Investigar o reconhecimento do próprio nome por crianças de seis e de sete meses de idade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Correlacionar os achados das avaliações de linguagem e audição com os dados de reconhecimento do próprio nome.
- Caracterizar as ocorrências comportamentais durante o reconhecimento do próprio nome pelas crianças de 6 e 7 meses de idade.
- Investigar qual aspecto linguístico interfere no reconhecimento do próprio nome.

5. CASUÍSTICA E MÉTODOS

A pesquisa apresentada nesta dissertação é intitulada: *Reconhecimento do próprio nome por crianças de 6 e 7 meses de idade*. Trata-se de um estudo de caráter transversal que teve início após aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa nº 0418.0.203.000-11 (Anexo D).

A pesquisa Reconhecimento do próprio nome por crianças de 6 e 7 meses de idade teve início com um projeto piloto realizado em julho de 2011, concluído em dezembro do mesmo ano, envolvendo bebês de 3 a 9 meses, cujos resultados enfocaram as idades, 4 e 5 meses. A coleta de novos dados foi retomada entre julho e setembro de 2012. Nesse segundo momento foram coletados dados de crianças de 6 e 7 meses, em desenvolvimento normal que foram avaliadas pelo serviço de Triagem Auditiva Neonatal Universal do Hospital das Clínicas (TANU-HC).

A idade escolhida - 6 e 7 meses - justificou-se pela maturação motora, controle cervical, além do desenvolvimento auditivo e de linguagem necessário para as respostas na qual a metodologia se baseia.

A partir dos 6 meses, os bebês já possuem habilidades motoras suficientes para explorar o mundo ao seu redor. Nessa fase, eles desenvolvem conhecimento cognitivo, competências comunicativas e já manifestam vontades e intenções.¹

5.1 CASUÍSTICA

A pesquisa *Reconhecimento do próprio nome por crianças de 6 e 7 meses* foi realizada no Ambulatório de Fonoaudiologia (3º andar) e Serviço de Audiologia (1º andar) do Hospital São Geraldo, anexo ao Hospital das Clínicas (HC) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), localizado na Avenida Alfredo Balena, 190.

O Hospital das Clínicas de Belo Horizonte é um Hospital Universitário, público e geral que realiza atividades de ensino, pesquisa e assistência, sendo referência no

sistema municipal e estadual de saúde, e também no atendimento aos pacientes portadores de patologias de média e alta complexidade. Integrado ao Sistema Único de Saúde (SUS), o HC atende a uma clientela universalizada e, sendo uma unidade especial da UFMG, é campo de ensino para cursos das diversas áreas: medicina, enfermagem, farmácia, fisioterapia, terapia ocupacional, psicologia, nutrição e fonoaudiologia entre outras.

O Ambulatório de Fonoaudiologia faz parte do complexo do Hospital das Clínicas desde julho de 2003, tendo como função principal proporcionar a prática clínica aos acadêmicos do curso de fonoaudiologia da UFMG, assim como ampliar a rede de assistência fonoaudiológica pelo sistema público de saúde. Dentre os serviços oferecidos nas áreas da fonoaudiologia estão fala, linguagem, motricidade orofacial, audição e voz. Encontra-se ainda o Programa de Triagem Auditiva Neonatal – TANU, no qual foram recrutados os participantes desta pesquisa.

Para a presente pesquisa foi utilizado o ambiente onde são realizados os exames da TANU e uma sala acusticamente tratada, que serão mais detalhados no item 5.2 “F” da metodologia.

5.1.1 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

- Ter idade entre 180 e 239 dias, de ambos os sexos;
- Apresentar resultados normais para a idade na Triagem Auditiva Neonatal (TANU);
- Não apresentar indicadores de risco para deficiência auditiva;
- Não apresentar indicadores de risco para desenvolvimento global;
- Apresentar o próprio nome na lista de Prenomes coletados a partir do estudo, em 2012, dos prontuários da TANU. (Apêndice A)
- Preencher os critérios solicitados no *Questionário sobre Experiência Linguística da Criança e da Família com Relação ao Prenome* elaborado pelo grupo de pesquisa. (Apêndice B)

5.1.2 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

- Ter comprometimento neurológico e/ou visual, comprovado mediante laudo médico;
- Apresentar nome composto;
- Não assinar o termo de consentimento livre e esclarecido;
- Responder de forma afirmativa para os seguintes itens do *Questionário sobre Experiência Linguística da Criança e da Família com Relação ao Prenome*:

Possui nome composto? () SIM () NÃO
Possui apelidos? () SIM () NÃO Quais? _____
O nome do pai coincide com o da criança?
Tem outras crianças com o mesmo nome na creche? () SIM () NÃO
Convive com crianças que tem o mesmo nome em outros ambientes?() SIM () NÃO

- Apresentar resposta negativa na avaliação auditiva (EOAT) da TANU: *Teste da Orelhinha*, verificado nos prontuários da criança.
- Cadastro telefônico incompleto.

5.1.3 SELEÇÃO DA AMOSTRA

Foram convidados a participar do estudo 100% das crianças que se enquadravam nos critérios de inclusão anteriormente citados, na coorte realizada no período de dezembro de 2011 a março de 2012 com idade entre 6 e 7 meses durante a etapa de coleta.

Este grupo era inicialmente constituído de um total de 251 crianças de 449 prontuários pesquisados. Muitas exclusões se deram, devido ao cadastro telefônico incompleto.

Todas as 251 crianças receberam pelo menos uma tentativa de contato para participação do estudo, sendo recrutadas as que compareceram para realização da avaliação: 50 crianças acompanhadas pelos responsáveis.

Destas 50, 14 crianças não puderam concluir todas as avaliações propostas para finalizar a etapa do “Reconhecimento do Próprio Nome” por intercorrências diversas: 4 por choro excessivo, 3 por inquietude e falta de colaboração (comportamental) para execução das etapas da avaliação e 7 por presença de cerume na orelha. Foi finalizada em uma amostra de **36 indivíduos para estudo**.

5.1.4 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Quadro 1: Participantes segundo achados clínicos nas fases de avaliação

GRUPO	TOTAL	CARACTERÍSTICA
Grupo 1 - G1	21	21 crianças com resultados totalmente adequados para a idade
Grupo 2 - G2	15	6 crianças com alteração de linguagem 6 crianças com alteração auditiva (unilateral) 3 crianças com alteração em audição e linguagem

O grupo 1 (G1) foi formado por indivíduos com resultados totalmente dentro dos padrões da normalidade e no grupo 2 (G2) estavam envolvidos os indivíduos que passaram nos critérios de inclusão, isto é, não apresentavam alteração de audição na primeira triagem auditiva (registrada nos prontuários) mas que apresentaram alterações verificadas ao longo do processo de avaliação da pesquisa em linguagem e/ou audição.

Como indício de alteração da linguagem para inclusão da criança no Grupo 2, adotou-se os critérios do teste ELM (Anexo G). Considerou-se atraso quando o lactente apresentava respostas falhas nos itens das funções expressiva, receptiva ou visual, com escore entre 90% ou mais, para sua faixa etária, em uma ou mais funções.

Para audição adotou-se a medida de normalidade das Emissões Otoacústicas Transientes (EOAT) de reprodutibilidade mínima de 70%, a partir de estabilidade mínima da sonda de 95%, amplitude mínima TE de -10 e relação sinal-ruído maior ou igual a 6 dBNPS na banda de frequência 1,2 a 3,4 kHz. Somente as crianças com ausência de respostas auditivas unilateral participaram do Grupo 2. Sendo aquelas com ausência de respostas bilateralmente nas orelhas direita e esquerda impedidas

de continuarem na pesquisa, segundo os critérios de exclusão previstos na pesquisa.

Quadro 2: Participantes do estudo segundo a idade

	180 - 209 dias (6 meses)	210 - 239 dias (7 meses)
Grupo 1	13	8
Grupo 2	8	7
TOTAL	21	15

Quadro 3: Participantes do estudo de acordo com o sexo.

	Nº de crianças	Sexo fem.	Sexo masc.
Grupo 1	21	10	11
Grupo 2	15	6	9
TOTAL	36	16	20

5.2 MÉTODOS

Para alcançar os objetivos propostos por esta pesquisa foram observadas as seguintes fases:

- A) Seleção dos sujeitos de pesquisa, por meio de levantamento dos dados, obtidos em prontuário da TANU;
- B) Criação da *Lista de Prenomes* dos participantes – Apêndice A;
- C) Convite aos responsáveis;
- D) Aplicação do *Questionário Sobre a Experiência Linguística da Criança e da Família com Relação ao Prenome* – Apêndice B;
- E) Assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) – Apêndice C;
- F) Avaliação auditiva - Anexo E;

- G) Avaliação de linguagem – Anexo F, G;
- H) Avaliação do reconhecimento do próprio nome;
- I) Análise dos dados.

FASE A: Seleção dos sujeitos de pesquisa por meio de levantamento dos dados obtidos em prontuário da TANU

A coleta das informações foi realizada por meio da análise dos prontuários das crianças que obtiverem EOAT presentes, isto é, resultado normal no “teste da orelhinha”, que será melhor explicado no item “FASE F” - submetidas à TANU no Ambulatório de Fonoaudiologia do HC-UFMG.

FASE B: Criação da Lista de Prenomes dos participantes

A partir da verificação da Fase A, constituiu-se uma lista do total de nomes dos pacientes investigados pela TANU naquele período, totalizando 64 nomes femininos e 59 nomes masculinos. (Apêndice A)

Excluíram-se todos os nomes compostos e o restante foi utilizado para formação da Lista de Prenomes. Posteriormente, os nomes foram pareados para participação nas categorias 1, 2 e 3, como detalhado na Fase H: Estímulos. (Apêndice D)

FASE C: Convite aos responsáveis

O convite aos responsáveis foi feito por contato telefônico àqueles que possuíam cadastros atualizados nos prontuários da TANU. Não foi realizado contato por carta, via Correios.

Os responsáveis pelos sujeitos de pesquisa foram informados sobre o caráter voluntário da investigação, seus objetivos, importância e sigilo das informações obtidas. Neste momento, os responsáveis pela criança receberam informações sobre o funcionamento das avaliações, detalhando as ferramentas constituintes do trabalho, a forma como as atividades seriam realizadas, o que aconteceria após a leitura e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

FASE D: Aplicação do Questionário Sobre a Experiência Linguística da Criança e da Família com Relação ao Prenome por telefone

Após aceitarem o convite, os pais respondiam a algumas perguntas constantes do Questionário Linguístico, no mesmo contato telefônico.

As perguntas realizadas no telefone justificavam-se pela necessidade de formar um grupo uniforme para análise e eliminar possíveis variáveis durante as investigações.

FASE E: Assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) – Apêndice C

Para início das avaliações dentro do Ambulatório de Fonoaudiologia e prosseguimento da *Avaliação do Reconhecimento do Nome* todos os responsáveis necessitavam assinar o TCLE. Uma cópia do mesmo foi oferecido às famílias.

FASE F: Avaliação Auditiva – Anexo E

A avaliação auditiva foi realizada por meio de meatoscopia e dos exames de Emissões Otoacústicas Evocadas Transientes, Avaliação do comportamento auditivo e Imitanciometria. Sendo este último realizado somente se o avaliador julgasse necessário, mediante o comportamento e resultados apresentados pela criança nos outros dois testes.

Em alguns casos, o paciente foi encaminhado para setor de Otorrinolaringologia ou Unidade Básica de Saúde (UBS) de referência para avaliação e conduta. Quando solucionado o problema antes da criança finalizar a idade de 7 meses, ela ainda permanecia no estudo e era agendado novo dia para realização completa da avaliação do Reconhecimento do Próprio Nome.

A realização do exame de Emissões Otoacústicas, utilizado no “*Teste da Orelhinha*”, assim nomeado pelos serviços de atenção às crianças, dá-se por meio de um sistema de microfone com sonda, envolto por uma oliva de borracha macia. Esse sistema, que atua como fonte sonora – sonda – e como medidor das emissões otoacústicas – microfone - é introduzido no meato acústico externo da criança, que ouvirá uma série de estímulos sonoros. Os estímulos, referentes às Emissões Otoacústicas Evocadas Transientes (EOAT) são dados em forma de cliques de repetição rápida. Em orelhas com audição normal, espera-se que as respostas tenham início entre 4 a 15 milissegundos após a apresentação dos estímulos.

Nas EOAT foi adotado o protocolo de “clique não linear” (1 a 4 kHz) a 80 dB NPS de intensidade. Os critérios utilizados para considerar as respostas como presentes foram a estabilidade mínima da sonda de 95%, a reprodutibilidade mínima de 70%, a amplitude mínima TE de -10 e a relação eco sinal-ruído maior ou igual a 6 dB NPS na banda de frequência 1,2 a 3,4 kHz.²

Após a realização do exame de EOAT, as crianças que apresentaram ausência de respostas foram encaminhadas para a realização da imitanciometria. A imitanciometria avalia a integridade do sistema tímpano-ossicular por meio da curva timpanométrica e pesquisa dos reflexos acústicos estapedianos contralaterais. De acordo com o padrão de normalidade para este exame, a curva timpanométrica deve ser do tipo A e os reflexos acústicos ipsilateral e contralateral devem estar presentes.³

O comportamento auditivo foi avaliado por meio da observação da mudança do comportamento da criança após a apresentação de um estímulo sonoro instrumental. As respostas esperadas, frente aos estímulos apresentados são respostas reflexas e de atenção ao som e, de acordo com Azevedo (1991)⁴, podem

ser classificadas em Respostas Reflexas e Etapas do Processamento Auditivo Central:

Respostas Reflexas

1- Reflexo Cócleo-Palpebral (RCP) – movimentação palpebral, que ocorre pela contração do músculo orbicular do olho. Esta resposta deve estar presente em todos os indivíduos audiológicamente normais e é eliciada por meio de estímulos instrumentais com nível de pressão sonora acima de 90 dBNPS e 2- Reação de Sobressalto (STARTLE) – Reação corporal global, que pode aparecer como reação de moro, completa ou incompleta, ou com movimentação súbita de membros. Esta resposta predomina durante os dois primeiros meses de vida e diminui a frequência de ocorrência entre o segundo e o quarto meses de vida, quando desaparece. Os estímulos para esta resposta devem ser acima de 90 dBNPS.

Etapas do Processamento Auditivo Central

1- Atenção ao som: pode ser manifestada por meio da parada de atividade ou de sucção, abertura da rima palpebral, movimentos faciais etc. 2- Localização lateral: a criança volta a cabeça ou o olhar imediatamente em direção à fonte sonora; 3- Localização de sons para baixo: localização da fonte sonora, situada a 20 cm abaixo do pavilhão auricular da criança, no plano lateral; 4- Localização de sons para cima: localização da fonte sonora, a 20 cm do pavilhão auricular da criança, no plano lateral.

A localização abaixo ou acima do pavilhão auricular pode ocorrer de forma indireta - quando a criança olha primeiro para o lado e, em seguida, para a fonte sonora – como de forma direta, quando a criança olha diretamente para a fonte sonora. Para que as respostas de atenção e de localização ocorram, os estímulos apresentados devem ser inferiores a 90dBNPS, no nível do pavilhão auricular.

Na pesquisa da localização sonora os estímulos foram apresentados na seguinte ordem:

- abaixo do nível do pavilhão auricular à direita;
- acima do nível do pavilhão auricular à esquerda;

- abaixo do nível do pavilhão auricular à esquerda;
- acima do nível do pavilhão auricular à direita.

Os estímulos sonoros instrumentais foram apresentados fora do campo visual da criança em ordem crescente de intensidade: guizo I, guizo II, sino, tambor e agogô campânula grande.⁵

Quadro 4: Caracterização do Nível de Pressão Sonora e Frequência dos Instrumentos

Instrumento	Nível de Pressão Sonora (dBNPS) Mínimo- Máximo	Frequência (Hz)
Guizo (I)	54,2 a 58,7	4000
Guizo (II)	73,0 a 76,0	2600
Sino	80.0 a 84.0	4440
Tambor	98,3 a 104,7	315
Agogô grande	100,5 a 111,8	4040 e 5120

Seguindo o protocolo, ocorreu um intervalo de vinte segundos entre a apresentação dos estímulos, com duração de 2 segundos cada um. Durante toda a avaliação do comportamento auditivo estavam presentes dois avaliadores: um observador, que verificava as respostas da criança e outro examinador, que eliciava os estímulos sonoros.

Durante a avaliação, considerando que as crianças incluídas no estudo já possuíam controle suficiente de tronco e cabeça, elas permaneciam sentadas no colo da mãe, ou cuidador, de frente para o observador.

FASE G: Avaliação de Linguagem:

Nesta etapa foram utilizados o Protocolo Adaptado para Crianças de 0 a 24 meses⁶ (Anexo F) e a Escala de Aquisições Iniciais de Linguagem (Escala ELM)⁷, (Anexo G).

O Protocolo Adaptado para Avaliação de Crianças de 0 a 24 meses⁶ consiste em avaliar a linguagem de acordo com os marcos do desenvolvimento em várias

funções, questionando o acompanhante e avaliando os aspectos expressivos, receptivos, visuais, alimentação e interação social da criança. Considerou-se como alterada a função quando o bebê apresentou 25% de erros.

A Escala ELM consiste em um instrumento específico para avaliação da aquisição e desenvolvimento de linguagem e da função auditiva e visual. Caracteriza-se como um teste de triagem aplicável desde o nascimento até os trinta e seis meses de idade. Esse teste é dividido em três partes que representam as funções expressiva, receptiva e visual.⁷

A função expressiva é composta pelos itens: gorjeio (E1), vocalização recíproca (E2), riso social (E3), produção de bolhas (E4), produção de balbucio monossilábico (E5), produção de mamã/papá (E6), produção da primeira palavra (E7), produção de quatro a seis palavras (E8).

A função receptiva da Escala ELM é composta pelos itens: alerta a voz (R1), orientação lateral à voz (R2), reconhecimento de sons (R3), localização do sino à direita e à esquerda na lateral (R4), localização do sino para cima e para baixo indiretamente (R5), inibe-se à palavra não (R6), localização do sino para cima indiretamente e para baixo diretamente (R7), entendimento de ordem verbal de um comando (R8), apontar para mais de uma parte do corpo (R9).

A função visual compõe-se de: sorriso (V1), reconhecimento dos pais (V2), reconhecimento de objetos (V3), resposta para expressões faciais (V4), fazer seguimento visual na horizontal e vertical (V5), piscar para objetos se aproximando do campo visual (V6), imitar jogos gestuais (V7), seguir ordem com gesto (V8), iniciar jogos gestuais (V9), apontar para objetos desejados (V10).

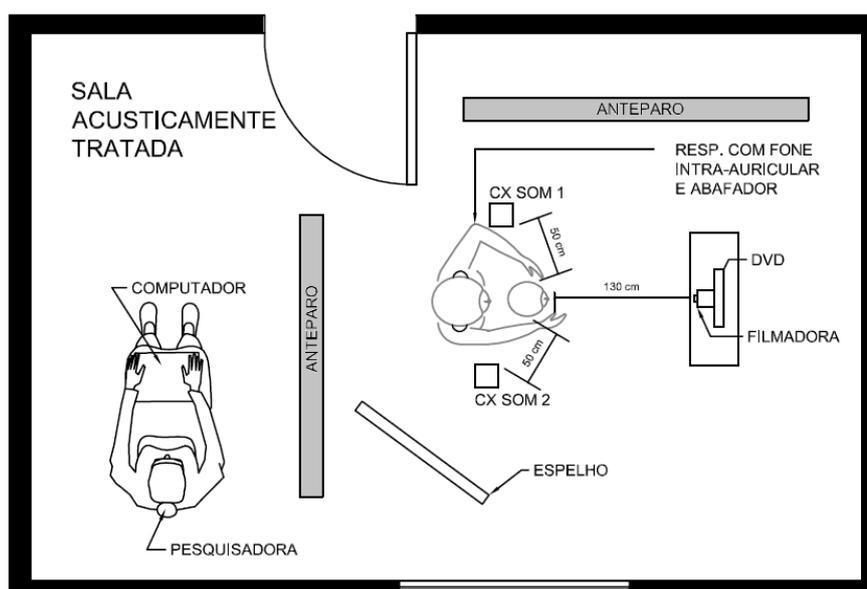
As crianças que demonstraram algum indício de alteração durante a avaliação para seleção da amostra foram encaminhadas para atendimento otorrinolaringológico ou fonoaudiológico, seguindo procedimentos do SUS.

FASE H: Avaliação do Reconhecimento do Próprio Nome

Após passar por todas as fases detalhadas anteriormente a criança, era encaminhada para a *Avaliação do Reconhecimento do Próprio Nome*.

A avaliação aconteceu em uma sala no Ambulatório de Fonoaudiologia/UFMG. A sala seguia os padrões representados pela figura a seguir, com as posições de material e pessoas como descritas pictograficamente. Nessa sala havia um decibelímetro calibrado para controle da interferência de ruídos externos a 60-65 dBNPS.⁸

Figura 1: Cenário do ambiente de pesquisa



Descrição do cenário: (fig.1) havia uma cadeira posicionada ao centro da sala para a mãe ou responsável permanecer com a criança no colo. Nas laterais haviam duas caixas de som, uma à direita e outra à esquerda, em uma distância de 50 cm do pavilhão auditivo da criança, medida ideal segundo Azevedo e col (1991)⁴.

Em frente à cadeira onde mãe e bebê permaneciam, fora exposta uma tela de DVD, na qual era projetado um filme infantil, sem áudio, previamente escolhido, adequado para a idade das crianças testadas. As mesmas imagens, do Filme: *Baby Einstein*, foram exibidas a todas as crianças do estudo. O trecho apresentado refere ao minuto 05:48 adiante do filme.

Esse trecho foi escolhido após pesquisa em campo, realizada pela própria equipe de estudo do Reconhecimento do Nome, na qual os pesquisadores apresentaram, de forma individual, todo o filme para 5 crianças selecionadas aleatoriamente da cidade de Belo Horizonte (uma de 4 meses, duas de 5 meses, uma de 6 meses e uma de 9 meses). Tais sessões foram filmadas e posteriormente analisadas por 3 integrantes do grupo que identificaram o trecho pelo qual crianças de 4 a 9 meses apresentaram maior interesse, focando por maior tempo a visão na tela da televisão.

Acima do DVD estava posicionada uma filmadora para registro das reações das crianças. Um espelho fixado atrás da mãe permitia o controle na filmagem do que a criança estava assistindo no momento das evocações dos nomes.

Todo este cenário era limitado por anteparos para que a criança não desviasse o olhar para outros instrumentos da sala e não tivesse contato com a pesquisadora, que se posicionou atrás do anteparo, juntamente com o computador que gerava os estímulos.

A mãe também recebia estímulos distratores em ambas as orelhas, permanecendo com fones intra-auriculares que tocava a música: *Mia Speranza Adoratta* de Natalie Dessay, em intensidade confortável, e outro protetor auricular (abafador), para que não transmitisse informação corporal ao filho e, assim, não interferisse nas respostas da criança.

Uma locutora feminina falante da língua materna portuguesa realizou a gravação de uma lista de prenomes - referente à lista dos nomes mais frequentes das crianças atendidas na TANU - criando previamente um banco de dados com os nomes das crianças a serem testadas. A voz era pronunciada com estrutura prosódica semelhante ao *manhês*, assim como adotado por estudos semelhantes com bebês.⁹⁻¹²

Segundo Dupoux e Mehler (1990)¹¹ o *manhês* consiste no dialeto utilizado pelas mães de todo mundo ao falarem com seus bebês, quando utilizam voz mais aguda, com entonação exagerada. É possível observar no *manhês* um prolongamento das vogais, elevação da frequência fundamental e repetição de curvas melódicas.¹¹

A evocação dos nomes era ouvida pelo bebê a partir das caixas sonoras. Foram apresentados às crianças pares de nomes do banco de dados, em sequências variadas (próprio nome e outro nome) e de forma aleatória (lado direito e esquerdo). As evocações ocorriam na sequência de 3 repetições para cada “próprio nome”, ou “outro nome”.

ESTÍMULOS: Os estímulos sonoros apresentados aos bebês eram refletidos pelas caixas de som posicionadas ao lado da criança. Os estímulos armazenados no banco de dados do computador da pesquisadora - ver figura1- apresentavam-se distribuídos em três categorias:

Sendo,

- Categoria 1: Nomes com duração diferente e componentes fonológicos diferentes.
- Categoria 2: Nomes com duração semelhante e componentes fonológicos diferentes.
- Categoria 3: Nomes com duração semelhante e componentes fonológicos semelhantes (apenas um ou dois fonemas diferentes).

Considerando, por exemplo, Ana como próprio nome, as categorias seriam formadas da seguinte maneira:

PN: Ana (2 sílabas)

Categoria 1: Daniele (4 sílabas)

Categoria 2: Uly (2 sílabas)

Categoria 3: Anne (2 sílabas)

Todas as fases anteriores, incluindo a assinatura do TCLE, avaliação auditiva, de linguagem e reconhecimento no nome, foram realizadas em um período médio de 50 minutos.

FASE I: ANÁLISE DOS DADOS

As crianças foram filmadas durante a fase de avaliação do reconhecimento do próprio nome, e estas filmagens foram posteriormente analisadas. Durante a análise foram considerados a busca pela fonte sonora e o tempo de permanência do olhar.

A execução dessa fase contou com a participação voluntária de três analistas que se comprometeram e assinaram o TCLE (Apêndice E). Os analistas foram previamente treinados para verificar as reações das crianças. Cada analista registrou suas observações em um banco de dados (Apêndice F), que foi posteriormente conferido e direcionado para a análise estatística.

O banco de dados foi realizado em Microsoft Office Excell 2007.

5.3 MATERIAL

Os instrumentos utilizados para a avaliação realizada na seleção da amostra e para o reconhecimento do próprio nome compreenderam: 1 otoscópio (marca Kole, de luz óptica); 1 imitanciômetro (marca Interacoustics, modelo AZ7), calibrado segundo o padrão ANSI S3; 1 aparelho de emissões otoacústicas da marca ILO 292; 1 decibelímetro digital (marca icel – modelo dl-4020); 1 cronômetro profissional (marca Guepardo – modelo OF0200); 1 microfone de lapela (marca Multilaser – modelo MI61200); 2 fones de ouvido (marca C3 Tech – modelo voicer confort); 2 caixas de som (marca Polk Audio – modelo Subwoofer PSW125); DVD Baby Einstein: Baby Bach - Aventura Musical, indicado para a idade de 0 a 3 anos (The Walt Disney Company, 2004); 1 filmadora digital (marca Sony – modelo HDR-CX12) e 1 computador (marca Dell – modelo Notebook Inspiron 1525, processador Intel Core Duo, memória RAM de 2GB).

5.4 ANÁLISE ESTATÍSTICA

Para estudo dos resultados e estruturação metodológica desta pesquisa, consideraram-se achados importantes do Projeto Piloto, realizado em 2011 e aceito para publicação, em 2 de setembro de 2012, pela revista *CEFAC- Atualização Científica em Fonoaudiologia e Educação*.

Neste trabalho, referenciado acima, observou-se que dentre as reações apresentadas pelas crianças, como: choro, atenção, expressão facial, busca pela mãe; as mais recorrentes e possíveis de serem medidas foram a “busca pela fonte sonora” e o “tempo de permanência do olhar”.

As variáveis “busca a fonte sonora”, e “tempo de permanência do olhar para a fonte sonora após evocação do nome” foram comparadas com as diversas covariáveis em estudo.

Para a análise estatística do projeto piloto (crianças de 4 e 5 meses), adotou-se o software Statistical Package for Social Sciences (SPSS), versão 15.0 for windows - SPSS Incorporation, Chicago, Illinois, Estados Unidos da América, 2008. Além disso, foi realizada análise descritiva das variáveis utilizadas no estudo. Para as variáveis categóricas foram feitas tabelas de distribuição de frequências. Para as variáveis contínuas foram utilizadas medidas de tendência central e variabilidade (média, desvio padrão, mínimo e máximo). As variáveis contínuas foram comparadas por meio do teste T pareado, pois trata-se de variáveis com resposta contínua, amostra dependente e com distribuição normal. Considerou-se nível de significância (valor de p) de 5% e coeficiente de confiança de 95%.

Para a análise estatística da pesquisa Reconhecimento do Próprio Nome por Crianças de 6 e 7 meses, foi utilizado o teste *Qui-Quadrado*, que é um teste amplamente conhecido para verificar associação entre duas variáveis categóricas. O método consiste em medir a distância entre as frequências observadas e as esperadas das tabelas de frequência. Haverá associação quando houver discrepâncias nas diferenças, levando a acreditar que haja associação entre as variáveis¹³. Para os casos em que as condições não eram adequadas para

aplicação do teste Qui-quadrado, devido às frequências esperadas ou tamanho da amostra, utilizou-se o Teste Exato de Fisher.¹⁴

Foi utilizado também o Teste de *Wilcoxon* para a comparação de variáveis ordinais ou quantitativas entre dois grupos emparelhados. O teste de postos sinalizados de *Wilcoxon* substitui o teste *t* de *Student* para amostras emparelhadas quando os dados não satisfazem as exigências deste último. O teste *Wilcoxon* baseia-se nos postos (*ranks*) das diferenças dos valores de cada par de observação, dando maior importância às diferenças maiores.¹⁴

Para comparação de três ou mais grupos independentes, utilizou-se o teste não paramétrico, teste H de Kruskal-Wallis.¹⁴

5.5 ASPECTOS ÉTICOS

Publicado em 1978, o Relatório Belmont propõe-se a identificar os princípios éticos básicos que norteiam pesquisas envolvendo seres humanos e a desenvolver procedimentos que garantam que tais pesquisas se orientem sob a égide destes princípios.¹⁵

Três princípios básicos são particularmente relevantes para a questão ética da pesquisa envolvendo seres humanos: o princípio do respeito pelas pessoas, o da beneficência e o da justiça.¹⁵

O princípio do respeito pelas pessoas congrega em si pelo menos duas convicções éticas: a primeira é que os indivíduos sejam tratados como agentes autônomos capazes de deliberar acerca de objetivos pessoais e de atuar a partir de tal deliberação. Isso significa que nos “casos de pesquisa envolvendo sujeitos humanos, o respeito pelas pessoas exige que os sujeitos entrem na pesquisa voluntariamente e com informação adequada”. A segunda é “que as pessoas com autonomia diminuída sejam protegidas” (Barchifontaine, Pessini 2009, p.571)¹⁵.

O princípio da beneficência determina que qualquer pessoa envolvida em uma investigação deve ter suas decisões respeitadas, ser protegida do perigo e ter garantido o seu bem-estar.

O princípio da justiça aborda, em sua essência, o tratamento igualitário, que significa que o conhecimento e os benefícios alcançados devem ser partilhados de forma justa e tendo sempre em conta o mérito dos resultados.

Considerando as informações acima, alguns cuidados se fizeram necessários.

A proposta de estudo que originou a pesquisa em discussão neste documento foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob protocolo de número: 048.0.203.000.11 (Anexo D).

Os indivíduos foram recrutados mediante convite, via telefone, direcionado aos responsáveis.

Os pais ou cuidadores das crianças foram informados em detalhes sobre o caráter voluntário do estudo, os objetivos que o norteiam e possíveis repercussões. Consentindo na participação da criança, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Caso algum sujeito se sentisse constrangido ou desconfortável com algum procedimento realizado, o mesmo seria interrompido. Além disso, garantiu-se o direito de recusa dos sujeitos a qualquer procedimento proposto e o direito de desistência de participação em qualquer etapa do estudo.

Foi garantido sigilo aos dados nominais dos pacientes e respostas coletadas, evitando qualquer tipo de constrangimento e permissão aos responsáveis de terem acesso aos resultados das avaliações e filmagens das crianças.

Paralelamente aos contatos da Equipe de Pesquisa com o grupo avaliado, cartilhas de orientações às famílias sobre desenvolvimento infantil (Apêndice G) foram distribuídas, enfocando o desenvolvimento de linguagem e do brincar. Além disso, eventuais dúvidas foram totalmente esclarecidas.

As crianças nas quais foram detectadas alterações em alguma etapa da avaliação audiológica, linguagem, ou comportamental - foram encaminhadas para as UBS, via procedimento do SUS, especialmente nos casos das alterações

audiológicas, as crianças receberam atenção da equipe de Otorrinolaringologia do próprio HC.

O presente estudo não apresentou riscos à integridade física dos indivíduos. As crianças foram submetidas apenas a avaliações indolores e não invasivas.

Ressalte-se que esta pesquisa não acarretou ônus aos sujeitos da amostra e nem ao HC-UFMG.

Os resultados deste trabalho contribuirão como fonte complementar aos estudos acadêmicos fonoaudiológicos e multidisciplinares em relação às respostas obtidas pelas crianças de 6 e 7 meses de idade quanto ao reconhecimento do próprio nome, assim como na obtenção de novos dados para aplicações na avaliação audiológica, linguagem e comportamento.

REFERÊNCIAS DA METODOLOGIA:

1. Feigelman S. O Primeiro Ano. In Kliegman RM, Jenson HB, Behrman RE, Stanton BF. 18 ed. Nelson Tratado de Pediatria. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p. 43-47.
2. Garcia CFD, Isaac ML, Oliveira JAA. Emissão otoacústica evocada transitória: Instrumento para detecção precoce de alterações auditivas em recém-nascidos a termo e pré-termo. Rev Bras Otorrinolaringol 2002; 68: 344-52.
3. Jerger J. Clinical experience with impedance audiometry. Arch Otorynl. 1970; 92 (4): 311-24.
4. Azevedo MF. Avaliação Subjetiva da audição no primeiro ano de vida. Temas Desenvol. 1991; 1 (3): 11-14.
5. Suzuki MR. Avaliação audiológica infantil: Estudo comparativo entre avaliação comportamental e eletrofisiológica. [dissertação mestrado]. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo; 1996.
6. Gordo A, Parlato EM, Azevedo MF, Guedes ZCF. Triagem auditiva em bebês de 2 a 12 meses. Pró-Fono R. Atual. Cient. 1994; 6(1): 7-13.
7. Coplan J. Early language Milestone Scale [kit]. 2nd ed. Austin, Texas: Pro Ed; 1993.
8. LACERDA AP. Logoaudiometria. In: LACERDA AP. Audiologia clínica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1976; 60-75.
9. Christophe A, Guasti T, Nespor M, Dupoux E, Oyen BV. Reflections on Phonological Bootstrapping: Its role for lexical and Syntactic Acquisition. Lang Cognitive Proc. 1997, 12 (5/6): 585-612.
10. Mandel DR, Jusczyk PW, Pisoni DB. Infants' recognition of the sound patterns of their own names. Psychol Sci. 1995; 6:315-7.
11. Dupoux E, Mehler J. Nascido Humano. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
12. Parlato-Oliveira EM. Os aspectos constitucionais do bebê na constituição do sujeito. In Proceedings of the 5. Colóquio do LEPSI IP/FE-USP. 2004 [online] [cited 02 december]. Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/>
13. Pereira JCR. Análise de dados qualitativos: estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais. 3 ed. São Paulo: Edusp; 2004.

14. Motta VT, Filho PFO. Análise de dados biomédicos. Rio de Janeiro: Medbook, 2009.
15. Barchifontaine CP, Pessini L. Problemas atuais de bioética. 9 ed. São Paulo: Loyola, 2009.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 ARTIGO 2

Artigo Original

Avaliação do Reconhecimento do Próprio Nome, linguagem e audição de crianças com 6 e 7 meses de idade

Review of Recognition of Own Name, language and hearing children at 6 and 7 months old

Aline Moreira Lucena¹, Erika Maria Parlato-Oliveira²

Universidade Federal de Minas Gerais

¹ Fonoaudióloga mestranda em Ciências da Saúde: Saúde da Criança e do Adolescente – UFMG, BH/MG

² Fonoaudióloga. Professora Adjunto da Faculdade de Medicina – UFMG, BH/MG

Endereço para correspondência: Aline Moreira Lucena

Rua Feliciano Negrão, 228. Bairro Santa Rosa

Belo Horizonte. CEP: 31255-790

Minas Gerais – Brasil

amlfono@hotmail.com

Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

RESUMO:

Introdução: A linguagem é permeada por processos biológicos, fisiológicos e sociais, nos quais a audição atua como facilitadora na sua aquisição e no seu desenvolvimento. O reconhecimento do próprio nome é indicativo do processo de aquisição da linguagem da criança, pois fornece dados acerca da acuidade auditiva, dos fatores perceptuais fonéticos, fonológicos e prosódicos da linguagem e da relação da criança com seu entorno. **Objetivo:** O presente trabalho pretende correlacionar os dados, obtidos por meio de avaliações auditivas, de linguagem e de reconhecimento do próprio nome, bem como associa-los às respostas apresentadas pelas crianças de 6 e 7 meses. **Material e Método:** Este artigo contou com a participação de 36 sujeitos que foram avaliados em sala acusticamente tratada. Os resultados registrados foram investigados e analisados quanto à quantidade de busca da fonte sonora e quanto ao tempo de permanência do olhar. **Resultados:** Observou-se diferença na média do tempo de permanência do olhar ao ser evocado o próprio nome e outro nome. O grupo de crianças que apresentaram fatores de alteração de linguagem e audição apresentou menor quantidade de busca à fonte sonora. **Conclusão:** A importância dos achados desta pesquisa encontra-se na aplicação do teste de reconhecimento do nome na prática clínica, de forma a instrumentalizar os profissionais da atenção primária à saúde para a identificação de possíveis alterações no desenvolvimento auditivo, de linguagem e comportamentais da criança.

Palavras-chave: desenvolvimento infantil, percepção da fala, linguagem, percepção auditiva, cognição.

ABSTRACT

Introduction: The language is permeated by biological, physiological and social processes, in which the hearing acts as facilitator in its acquisition and development. The recognition of own name is an indicative of the process of child language acquisition because it provides data on the hearing acuity, the perceptual phonetic, phonological and prosodic language factors and the child's relationship with their surroundings. **Objective:** This study aims to correlate the data obtained through hearing, language and recognition assessments of one's own name, as well as linking them to the answers given by children of 6 and 7 months. **Material and Methods:** The experiment described in this article included the participation of 36 subjects who were evaluated in an acoustically treated room. The results recorded were investigated and analyzed for the amount of searches for the sound source and time of gaze. **Results:** Significant differences were observed in mean residence time of the look of its name and another name. The group of children with language impairment factors and hearing showed fewer searches to the sound source. **Conclusion:** The importance of the findings of this research lies in the application of the test of name recognition in clinical practice, in order to equip professionals in primary care to identify potential changes in auditory development, language and behavior of the child.

Keywords: child development, speech perception, language, auditory perception, cognition.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento infantil está diretamente relacionado à aquisição motora e da linguagem nos níveis: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. Desse modo, tal desenvolvimento será mais efetivo se as habilidades linguísticas e motoras do indivíduo se desenvolverem adequadamente e de forma recíproca. Tal desenvolvimento é um processo biológico dotado de leis internas e que acontece por etapas, onde os processos de aprendizagem e de maturação biológica se entrelaçam e se combinam intimamente com o entorno da criança.¹

O sistema auditivo humano evolui desde a 22ª semana de gestação.² A partir deste momento, o feto passa a demonstrar reações aos estímulos sonoros, percebidas através da mudança de frequência dos batimentos cardíacos fetais e associados frequentemente a movimentos corporais.^{3,4} A audição é uma importante via sensorial para o desenvolvimento humano, principalmente relacionada ao desenvolvimento da linguagem, da fala e dos aspectos psicossociais, visto que atua como um dos facilitadores para a aquisição e o aprimoramento de tais processos^{5,6}.

A partir da investigação da audição, vários pesquisadores conseguiram obter informações importantes sobre a aquisição de linguagem do bebê. Utilizaram diferentes formatos metodológicos, tais como tempo de sucção⁷, tempo de permanência do olhar⁸⁻¹⁰, quantidade e graus de deslocamento de cabeça¹¹, e respostas captadas por eletrodos.¹²

Tendo por base o critério “Tempo de permanência do olhar”, pesquisas em diversos países abordaram estudos com relação ao reconhecimento do próprio nome. Os resultados desses estudos afirmaram a importância desse marco no desenvolvimento da criança na condição de fornecer indícios do processo de aquisição da linguagem, além de dados acerca da acuidade auditiva, fatores perceptuais linguísticos e da relação da criança com seu entorno⁸⁻¹³

As publicações a respeito do reconhecimento do próprio nome por crianças nos meses iniciais da vida afirmaram que é a partir do reconhecimento do próprio nome que se torna mais fácil a compreensão de outras palavras pelas crianças. Aos 6 meses de idade elas são capazes de detectar palavras familiares em um discurso contínuo.^{8,11,14}

A linguagem deve ser vista como variável essencial nas avaliações e intervenções durante o desenvolvimento infantil, por ser forte indicador do desenvolvimento cognitivo e emocional da criança. Ela atua como fator-chave da regulação comportamental e posterior sucesso no ambiente escolar.^{5,15}

Considerando que a pergunta sobre o reconhecimento do nome já está incluída em diversos testes e avaliações do desenvolvimento infantil no Brasil^{7,18-22}, há possibilidade de se pesquisar sobre a idade real em que os bebês irão responder a esse item. Nos estudos realizados no exterior^{9,10,14}, a idade estimada, 4 a 6 meses, é anterior a aqui utilizada como dado de normalidade, em média 7 a 10 meses, na maioria das avaliações citadas a seguir.

Exemplo de avaliações / protocolos utilizados no Brasil: ¹⁶

QUADRO 1: Instrumentos de avaliação de linguagem para bebês (modificado) *

Nome do Teste	Idade sugerida para aplicação do teste.	Verificação do item “Reconhece o próprio nome”	Autores
Roteiro de avaliação fonoaudiológica ⁷	0 a 36 meses	“Reconhece ao nome” 7 a 9 meses. “Atende quando é chamado” 4 a 6 meses.	Pereira MR, Funayama CAR. 2004
Teste de Triagem de Desenvolvimento Denver II (TTDD) ¹⁸	0 a 72 meses	“Volta-se ao chamado” ** 4 a 8 meses	Frankenburg WK.; Dodds J; Archer P; et al. 1990.
*Protocolo de observação (Chiari) ¹⁹	0 a 72 meses	“Responde ao próprio nome (apelido)” 0 a 1 ano	Chiari BM, Basílio CS, Nakagwa EA, Cormedi MA, Silva NSM, Cardoso RM, Parreira 1991
Protocolo adaptado para avaliação de crianças de 0 a 24 meses ²⁰	0 a 24 meses	“Reconhece o próprio nome” a partir dos 9 meses	Gordo A, Parlato EM, Azevedo MF, Guedes ZCF. 1994
Modified Checklist for Autism in Toddlers M-CHAT ²¹	16 a 30 meses	“Responde/ olha quando o (a) chamam pelo nome?” 16 a 30 meses	Robins D, Fein D, Barton M 1999
Manual of Developmental Diagnosis ²²	Desde o nascimento	“Responde ao som do nome” 10 meses	Knobloch H, Stevens F, Malone AF. 1980

* Para facilitar a leitura dessa dissertação, os quadros e tabelas estarão expostos no corpo do texto e posteriormente reformulados para submissão à revista.

Escala de Desenvolvimento do Comportamento da Criança Prematura no primeiro ano de vida EDCP	Até completar um ano de idade	<p>“Vira-se quando chamada pelo nome?”</p> <p><u>Meninos:</u> Estabilização aos 6 meses</p> <p><u>Meninas:</u> Iniciam resposta entre 4/5 meses, estabilização 8/9 meses</p>	<p>Pinto EB</p> <p>2008</p>
--	-------------------------------	--	-----------------------------

**Não diz a respeito ao próprio nome;

A presente pesquisa apoiou-se nos experimentos de Mandel, Jusczyk e Pison (1995)¹⁴, com modificações que permitissem tornar uma avaliação mais próxima ao cotidiano do bebê nesta faixa etária de 6 e 7 meses de idade, baseada na observação dos comportamentos das crianças, sem que houvesse situação de treino e teste.

Na pesquisa referenciada, intitulada: *“Infants’ Recognition of the sound patterns of their own names”*, os autores, realizaram um treino com a criança a ser testada, de 4 e 5 meses. Inicialmente, a criança permanecia de frente para uma luz verde que, em sequência, se apagava. Então, uma luz vermelha se acendia na lateral, e passados 2 segundos de atenção à luz vermelha, o nome da criança era evocado. Quando um nome aleatório era evocado, a luz vermelha não piscava. Compreendido o teste pela criança, iniciava-se de fato o procedimento para análise. Dessa vez, o estímulo auditivo era emitido depois da luz verde ao centro apagar-se e antes da luz vermelha acender. Esse procedimento foi realizado justamente para que se observasse o movimento de cabeça da criança em busca da fonte sonora e depois, o tempo de fixação à fonte sonora.¹⁴

O presente trabalho pretende investigar as respostas das crianças de 6 e 7 meses em uma perspectiva mais próxima do cotidiano da criança. Espera-se correlacionar os achados obtidos por meio de avaliações auditivas, de linguagem e do reconhecimento do próprio nome, assim como associar os resultados à literatura existente até o momento sobre o tema reconhecimento do próprio nome.

MATERIAL E MÉTODOS:

A pesquisa do *“Reconhecimento do Próprio Nome em Crianças com 6 e 7 meses”*, trata de estudo quantitativo, transversal que teve início após aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa nº 0418.0.203.000-11 (Anexo D).

Para a realização da pesquisa, foram analisados os prontuários do serviço de Triagem Auditiva Neonatal Universal (TANU) do Ambulatório de Fonoaudiologia do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG).

Buscou-se selecionar os prontuários de todas as crianças que no período de julho a setembro de 2012 apresentassem idade entre 180 dias e 239 dias (6 e 7 meses) e que obedecessem aos parâmetros de inclusão e exclusão apresentados pelo estudo, totalizando 449 prontuários investigados.

Os critérios de exclusão apresentados foram: apresentar comprometimento neurológico e visual, comprovado mediante laudo médico; a não assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE (Anexo C), pelos responsáveis, ou ter apresentado resultados inadequados nas avaliações de audição e de linguagem, responder positivamente para alguns itens do *Questionário Sobre Experiência Linguística da Criança e da Família em Relação ao Prenome* (Apêndice B), elaborado para eliminar variáveis durante a investigação e cadastro telefônico incompleto.

Como critérios de inclusão consideraram-se: a idade entre 180 a 239 dias no momento da coleta; apresentar resultados normais na avaliação da TANU, registrados no prontuário da criança; não apresentar indicadores de risco para a deficiência auditiva; não apresentar indicadores de risco para o desenvolvimento global; ter família falante de língua materna portuguesa, possuir nome na lista elaborada a partir dos prenomes de todas as crianças dos 449 prontuários investigados e ainda preencher os critérios solicitados no *Questionário Sobre Experiência Linguística da Criança e da Família em Relação ao Prenome* (Apêndice B).

Muitas exclusões se deram por cadastro telefônico incompleto. Dentre as 251 crianças que receberam pelo menos uma tentativa de contato, 50 compareceram para realização das avaliações. Destas 14 crianças foram excluídas por não concluírem alguma etapa da avaliação de linguagem ou audição, devido a diversos motivos: 4 por choro excessivo, 3 por inquietude e falta de colaboração para execução das etapas, e 7 crianças devido presença de cerume na orelha. Uma amostra total de 36 crianças foi utilizada para verificação dos resultados.

Uma locutora feminina de língua materna portuguesa brasileira realizou a gravação da lista de nomes - referente à lista dos prenomes das crianças da TANU/HC-UFMG (Apêndice A) - utilizando voz com prosódia semelhante ao *manhês*, modo no qual ocorre um prolongamento das vogais, elevação da frequência fundamental e repetição de curvas melódicas.^{14,24}

Para a gravação dos estímulos, foram consideradas três categorias de evocação, a saber: categoria 1 (duração diferente e componentes fonológicos diferentes) – nomes com diferentes números de sílabas, ou seja, contraposição entre palavras dissílabas e polissílabas (exemplo: Ana e Daniele); categoria 2 (duração semelhante e componentes fonológicos diferentes) – nomes com o mesmo número de sílabas, mas com composição fonológica diferente (exemplo: Ana e Uily); categoria 3 (duração semelhante e componentes fonológicos semelhantes) – nomes com o mesmo número de sílabas e apenas um ou dois fonemas diferente (exemplo: Ana e Anne). Os critérios utilizados nesta etapa partem do pressuposto de que os bebês têm capacidade de discriminar a duração dos estímulos sonoros²⁵⁻²⁷.

Os responsáveis pelos bebês foram convidados a participar do presente estudo por telefone. Já nesse primeiro contato, caso houvesse intenção de participar, a primeira parte do *Questionário Sobre Experiência Linguística da Criança e da Família em Relação ao Prenome* era preenchida e a data para a realização das avaliações auditiva, de linguagem e de reconhecimento do próprio nome era agendada.

Uma vez no local da pesquisa, antes que iniciassem qualquer procedimento em relação às crianças, os responsáveis assinaram o TCLE, mediante concordância de participação na pesquisa.

As avaliações compreenderam os aspectos auditivos, de linguagem e de reconhecimento do próprio nome.

A avaliação da audição foi composta por: a) meatoscopia (realizada com otoscópio marca Kole, de luz óptica), cujo objetivo foi verificar possíveis alterações do meato acústico externo e da membrana timpânica; b) exame de Emissões Otoacústicas Evocadas Transientes (EOAT), para verificar a integridade coclear. Para tanto, utilizou-se o aparelho da marca ILO 292; e c) avaliação do comportamento auditivo (com os instrumentos sino, agogô e guizo, da marca Quino), a fim de investigar as habilidades auditivas.

A avaliação da linguagem foi realizada por meio do protocolo adaptado para crianças de 0 a 24 meses²⁸, e Escala de Aquisições Iniciais de Linguagem (Escala ELM)

Caso apresentasse alguma alteração nas avaliações auditiva ou linguística, a criança era encaminhada à Unidade Básica de Saúde (UBS) para avaliação e conduta.

A avaliação para o reconhecimento do próprio nome seguiu o seguinte procedimento, representado pela figura 1:

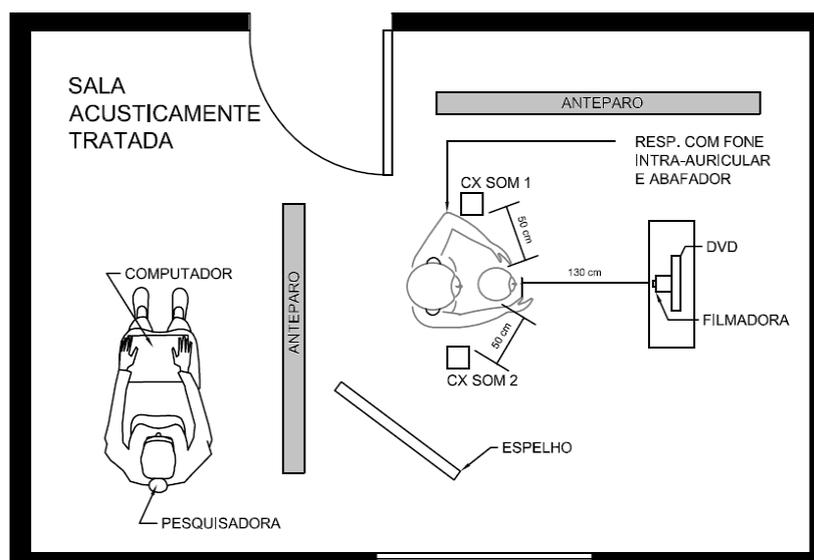


Figura 1 *

1. A criança foi encaminhada para um ambiente acusticamente tratado, que continha um decibelímetro digital, marca Icel – modelo dl-4020, para controle da intensidade das emissões sonoras;
2. Durante o teste a criança permaneceu sentada no colo da mãe ou do cuidador;
3. A mãe ou o cuidador permaneceu com um equipamento de proteção auricular e com fone de ouvido (marca C3 Tech – modelo voicer confort) em ambas as orelhas, através do qual foi emitido estímulo sonoro musical, em intensidade confortável, a fim de que não houvesse interferência nas respostas dos bebês;
4. Em frente à criança havia uma tela, na qual foi exibido um DVD infantil, *baby Einstein: Baby Bach/ Aventura Musical* (The Walt Disney Company, 2004), sem áudio, apropriado à idade da população alvo. As mesmas imagens foram exibidas a todas as crianças;
5. Foram apresentados à criança pares de nomes em sequências variadas e de forma aleatória, quanto à ordem e aos lados;
6. Cada par de nomes (o próprio nome da criança - PN e outro nome - ON) foi apresentado e cada nome foi repetido três vezes, com intervalo de 10 segundos. A intensidade era mantida em uma média de 60 decibéis, nível de intensidade sonora (dBNIS). Os estímulos foram oferecidos à distância de 50 centímetros do pavilhão auricular da criança, por meio de duas caixas de som (marca Polk Audio – modelo Subwoofer PSW125).

Durante o teste do reconhecimento do nome, a criança foi filmada por uma filmadora Sony, modelo HDR-CX12, posicionada em frente e acima do nível da cabeça da criança, a 60 centímetros de distância. Posteriormente, os vídeos foram analisados. Na análise foram considerados como critérios para o reconhecimento do

* Para facilitar a leitura dessa dissertação, a figura 1 estará exposta no corpo do texto e posteriormente reformulada para submissão à revista.

nome a busca pela fonte sonora e o tempo de permanência do olhar após cada evocação.

Para análise das filmagens foram convidados três avaliadores, previamente treinados. Cada um, de forma individual, registrou o comportamento dos bebês observados, configurando o método “duplo-cego”, uma vez que os avaliadores também não sabiam previamente a ordem e tipo de estímulo oferecido às crianças. Os dados obtidos foram digitados em um banco de dados no programa Excel, versão 2007, e posteriormente conferidos. Os juízes também assinaram o TCLE, mediante concordância de participação na pesquisa.

A amostra não probabilística foi composta de 36 indivíduos, sendo 20 do sexo masculino e 16 do sexo feminino, com idade entre 180 e 239 dias. Com o objetivo de conhecer o perfil dos participantes do estudo, foi feita a análise descritiva dos dados coletados através do questionário semiestruturado. A associação entre o número de buscas após evocação do nome e o grupo de bebês foi avaliada através do teste qui-quadrado.

As amostras pareadas dos tempos de permanência do olhar após evocação do próprio nome (PN) e do outro nome (ON) foram analisadas através do teste de *Wilcoxon*. Optou-se por utilizar o teste não-paramétrico já que o tamanho da amostra em cada grupo avaliado era reduzido e os tempos não tinham distribuição normal.

Para as análises descritas, utilizou-se o *software IBM SPSS Statistics*, versão 20.

RESULTADOS:

As 36 crianças testadas foram distribuídas em dois grupos distintos mediante características apresentadas nas avaliações que antecipam a Avaliação do Reconhecimento do Nome.

Dessa forma, os resultados serão apresentados descritivamente para cada um dos dois grupos de crianças formados, a fim de obter melhor exposição dos achados.

O Grupo 1 (G1) foi formado por indivíduos com resultados totalmente dentro dos padrões da normalidade, e em conformidades com os critérios de inclusão;

O Grupo 2 (G2) foi formado por todos aqueles indivíduos que passaram nos critérios de inclusão, isto é, não demonstravam alteração auditiva na triagem auditiva registrada no prontuário, mas apresentaram alterações verificadas ao longo do processo de avaliação da pesquisa, no campo da linguagem e/ou da audição. Como indício de alteração da linguagem para inclusão da criança neste grupo, adotou-se os critérios da própria autora do teste ELM (Anexo G). Para audição adotou-se a medida de normalidade das Emissões Otoacústicas Transientes (EOAT) de reprodutibilidade mínima de 70%, a partir de estabilidade mínima da sonda de 95%, amplitude mínima TE de -10 e relação sinal-ruído maior ou igual a 6 dBNPS nas

frequências 1,2 a 3,4 kHz. Somente as crianças com ausência unilateral da audição participaram desse grupo, sendo aquelas com ausência de respostas bilateralmente nas orelhas direita e esquerda impedidas de continuarem na pesquisa, segundo os critérios de exclusão previstos na pesquisa.

Para o G1, formado por 21 crianças: 21 foram avaliados na categoria 1, 18 na categoria 2, pois 3 crianças foram excluídas por chorarem exageradamente e apenas 9 participantes da categoria 3. Dos 21 nomes das crianças participantes do grupo 1, apenas 9 contemplavam as características solicitadas pela categoria 3.

Quadro 2: Grupo 1 e quantidade de busca à fonte sonora*

Nº Busca- G1	Categoria 1 (n=21)		Categoria 2 (n=18)		Categoria 3 (n=9)	
	PN	ON	PN	ON	PN	ON
0 – 1	4,8%	9,5%	11,1%	11,1%	0%	11,1%
2 – 3	95,2%	90,5%	88,9%	88,9%	100%	88,9%
Valor-p	0,55		1,00		0,30	

PN: Próprio Nome / ON: Outro Nome. Categ.1: duração e componentes fonológicos diferentes, Categ.2: duração semelhante e componentes fonológicos diferentes, Categ.3: duração e componentes fonológicos semelhantes.

Quanto à quantidade de busca à fonte sonora para o G1, verificou-se que ocorreu maior porcentagem de buscas quando evocado PN para as categorias 1 e 3, já para a categoria 2, o número de buscas para PN e ON é equivalente.

Quadro 3: Grupo 1 e tempo médio de permanência do olhar*

Grupo 1	Categoria 1 (n=21)		Categoria 2 (n=18)		Categoria 3 (n=9)	
	PN	ON	PN	ON	PN	ON
Tempo médio (segundos)	6,32	6,13	4,90	5,94	5,05	5,49
Valor-p	0,70		0,35		0,95	

PN: Próprio Nome / ON: Outro Nome.

O quadro acima permite verificar que, embora em menor proporção, a identificação das crianças do G1 pelo PN é maior do que para ON na categoria 1, apesar de não apresentar resultado com significância estatística. ($p < 0,05$)

Nas categorias 2 e 3, a resposta de tempo de permanência para ON é maior do que para o PN. Vale ressaltar o nível de complexidade entre as categorias e o número reduzido de participantes na categoria 3.

* Para facilitar a leitura dessa dissertação, os gráficos e tabelas estarão expostos no corpo do texto e posteriormente reformulados para submissão à revista.

- Na tabela 1 utilizou-se o Teste exato de Fisher
- Na tabela 2 utilizou-se o Teste Wilcoxon

Nota-se uma tendência dos bebês em manter maior tempo de permanência do olhar para a categoria 1, ocorrido devido a duas hipóteses; à posição da categoria 1 no teste, que foi sempre a primeira a ser investigada, ou ainda pela acuidade dos bebês de estarem atentos prioritariamente à duração da palavra, característica de maior relevância da categoria 1.

Participaram do G2, 15 crianças na categoria 1, 15 na categoria 2 e apenas 6 crianças na categoria 3, pois desses 15 nomes participantes, apenas 6 contemplavam as características da categoria 3. O grupo 2 foi formado pelas 15 crianças participantes da pesquisa que apresentaram algum tipo de alteração linguística ou auditiva detectados na avaliação de linguagem ELM e EOAT.

Quadro 4: Grupo 2 e quantidade de busca à fonte sonora*

Nº Busca- G2	Categoria 1 (n=15)		Categoria 2 (n=15)		Categoria 3 (n=6)	
	PN	ON	PN	ON	PN	ON
0 - 1	20%	20%	13,3%	33,3%	33,3%	16,7%
2 - 3	80%	80%	86,7%	66,7%	66,7%	83,3%
Valor-p	1,00		0,20		0,51	

PN: Próprio Nome / ON: Outro Nome.

Na investigação de quantidade de buscas à fonte sonora no G2 a categoria 1 apresentou percentual equivalente para PN e ON, na categoria 2 as buscas para PN ocorreram em maior quantidade do que para ON e na categoria 3 observou-se o contrário, sendo o número de buscas para ON, maior do que para PN.

Quadro 5: Grupo 2 e tempo médio de permanência do olhar*

Grupo 2	Categoria 1 (n=15)		Categoria 2 (n=15)		Categoria 3 (n=6)	
	PN	ON	PN	ON	PN	ON
Tempo médio (segundos)	4,76	5,14	5,65	4,40	5,71	4,68
Valor-p	0,61		0,09		0,05	

PN: Próprio Nome / ON: Outro Nome

Comparando os resultados obtidos no G1 (tabela 2) com o G2 (tabela 4), observa-se inversão dos resultados, nesse caso, a categoria 1 apresentou média do tempo de permanência maior para ON do que para PN. Já na categoria 2 e 3 a média do tempo de permanência para PN é maior.

* Para facilitar a leitura dessa dissertação, os gráficos e tabelas estarão expostos no corpo do texto e posteriormente reformulados para submissão à revista.

- Na tabela 3 utilizou-se o Teste Qui-quadrado
- Na tabela 4 utilizou-se o Teste Wilcoxon

Tabela 1: Grupo 1 e 2- Busca de olhar para os dois grupos.*

SOMA_PN	Grupo		Total (n=36)
	G1	G2	
0	0,0%	6,7%	2,8%
1	0,0%	0,0%	0,0%
2	4,8%	0,0%	2,8%
3	14,3%	0,0%	8,3%
4	4,8%	20,0%	11,1%
5	14,3%	33,3%	22,2%
6	23,8%	26,7%	25,0%
7	14,3%	0,0%	8,3%
8	14,3%	6,7%	11,1%
9	9,5%	6,7%	8,3%
Total	100,0%	100,0%	100,0%

A tabela 1 ilustra as condições de busca à fonte sonora englobando as 3 categorias. A quantidade máxima de evocações foi 9 e, conseqüentemente, as buscas que a criança poderia fazer durante toda a avaliação do reconhecimento do nome, foram no máximo, 9.

Os bebês que realizaram de 7 a 9 buscas do G1, representam 38,1% da amostra, valor superior ao verificado para o G2 que, em análise idêntica, apresentou 13,4%.

Na análise exploratória das variáveis levantadas pelo questionário (Apêndice B) foi realizado o teste Qui-quadrado para verificar o poder de influência dessas variáveis nas respostas de busca à fonte sonora e tempo de permanência pelas crianças participantes, sendo elas: idade (6/7 meses), sexo (feminino e masculino), inserção na creche (sim/não). (Anexo H)

Embora nenhuma correlação tenha sido estatisticamente significativa, é interessante observar alguns resultados: não houve tendência a melhores respostas para as crianças que frequentam ou não creche, nem mesmo para diferença de idade. Em relação ao sexo, também não se obteve diferença significativa na análise, mas vale ressaltar que o grupo dos meninos apresentou maior porcentagem de busca para o PN, conforme observado na tabela abaixo:

* Para facilitar a leitura dessa dissertação, os gráficos e tabelas estarão expostos no corpo do texto e posteriormente reformulados para submissão à revista.

Tabela 2: Busca do olhar x Evocação PN ou ON x SEXO por categoria*

Sexo	Busca olhar	Categoria1		Categoria2		Categoria3	
		PN	ON	PN	ON	PN	ON
Feminino	Sim	78,3%	80,4%	70,3%	80,6%	77,8%	88,9%
	Não	21,7%	19,6%	29,7%	19,4%	22,2%	11,1%
Masculino	Sim	83,9%	78,6%	85,7%	78,6%	78,6%	78,6%
	Não	16,1%	21,4%	14,3%	21,4%	21,4%	21,4%

DISCUSSÃO:

Tendo por base dados da literatura que afirmam que a partir dos 6 meses os bebês são hábeis motoramente para explorar o mundo a sua volta e progredem no conhecimento cognitivo, nas competências comunicativas, nas manifestações de vontades e intenções, acreditou-se que a idade ideal para a realização deste teste seria entre 6 e 7 meses de idade.¹⁵

Pode-se verificar nos resultados que não há significância estatística nas respostas das crianças, quando comparado o tempo de permanência para PN e ON. Entretanto, dentre os fatores que contribuíram para não obtermos dados com significância estatística, pode-se referir à idade da criança, que por já ter um desenvolvimento neuropsicomotor mais evoluído que as crianças de 4 e 5 meses do projeto piloto e estudo de Mandel, Jusczyk e Pison (1995).¹⁴ Desse modo, apresentam interesse maior aos estímulos ao seu redor, mais movimentos corporais e reações que impediram as analisadoras voluntárias a concretizarem as análises das respostas com exatidão.

No projeto piloto, realizado em 2011, encontraram-se resultados positivos (com p valor < 0.05) para o reconhecimento do nome por crianças de 4 e 5 meses de idade, em situação similar ao exposto nesse artigo, com crianças de 6 e 7 meses.

Tabela 3: Resultados projeto piloto 2011. Comparação entre médias das categorias.*

	TOTAL DE CRIANÇAS							
	GERAL		CATEGORIA 1		CATEGORIA 2		CATEGORIA 3	
	PN	ON	PN	ON	PN	ON	PN	ON
Número de crianças	16	16	9	9	16	16	7	7
Média	6,36	5,5	5,22	4,33	6,44	5,06	4,57	3,29
Mediana	4,75	4,5	3	2	4,5	2,5	3	0
Desvio padrão	6,33	4,7	7,1	5,27	5,99	4,8	4,392	4,75
Mínimo	0	1	0	0	0	0	0	0
Máximo	22	14	23	13	22	14	10	11
Valor de p	0,001		0,058		0,001		0,033	
IC	2,98-9,73				3,25-9,63		0,51-8,63	

Legenda: PN= próprio nome; ON= outro nome; IC= intervalo de confiança.

* Para facilitar a leitura dessa dissertação, os gráficos e tabelas estarão expostos no corpo do texto e posteriormente reformulados para submissão à revista.

No projeto piloto as crianças de 4 e 5 meses mantiveram maior tempo de permanência do olhar para PN em todas as categorias 1, 2 e 3. Nesse estudo as respostas das crianças foram somadas, diferente da última análise, na qual foi realizada a média dos tempos de permanência a cada evocação e média entre os achados das analisadoras. Além disso, o tempo de silêncio entre as evocações modificou-se de 3 segundos para 10 segundos.

A variedade de estudos com medidas comportamentais e fisiológicas afirmaram que as crianças discriminam ou preferem a voz da mãe à de um estranho. Não foi possível realizar esta pesquisa com a voz de cada mãe, por medidas de padronização da intensidade sonora. No entanto, durante a avaliação auditiva, realizamos teste de “atenção à voz da mãe” e todos apresentaram resposta positiva.
29

Os resultados apontam que os bebês da idade de 6 e 7 meses tiveram melhor desempenho na identificação do próprio nome, na categoria 1, tanto quanto ao tempo de permanência, quanto à quantidade de busca. A categoria 1 refere àquela no qual o pareamento dos nomes se dá pela diferença na duração de PN e ON. Para as demais categorias, eles não mostraram-se aptos à discriminar as diferenças. As categorias 2 e 3 que apresentam mesma duração e diferença fonética em todo o PN, ou apenas em um fonema, respectivamente, são mais complexas e contribuem para respostas aleatórias dos bebês, gerando como resultados, a média de tempo de permanência muito próxima, ou maior para ON do que para PN.

Analisando-se os resultados, observa-se sobretudo, o quadro 3, que mostra a quantidade de busca à fonte sonora, e ainda coerência quanto à relação da audição, linguagem e reconhecimento no nome. A dificuldade no campo da linguagem e/ou auditivo impedem a verificação do próprio nome na categoria 1, que segundo dados na literatura, seria a de maior percepção das crianças, como foi encontrado nas respostas do grupo 1 (quadro 1). Existem dados na literatura acerca da capacidade dos bebês em verificar inicialmente as palavras pela duração, o que é controlado na categoria 1.²⁵⁻²⁷

Os achados na análise exploratória das variáveis apontaram melhores resultados na busca do PN por crianças do sexo masculino. Isso corrobora os resultados obtidos por Elizabeth Pinto, que apresenta em seu protocolo de avaliação do desenvolvimento infantil que os meninos demonstram estabilidade na resposta de “virar-se quando chamado pelo nome” aos 6 meses de idade. Segundo a autora, as meninas firmam esta habilidade aos 8/9 meses.²³

CONCLUSÃO:

Mediante os resultados obtidos, observou-se que alterações auditivas e de linguagem interferem no processo de reconhecimento do próprio nome da criança.

A aplicação de testes de desenvolvimento de linguagem e audição é necessária para se obterem informações sobre as capacidades de recepção das informações das crianças.

Contudo, o tema reconhecimento do próprio nome por crianças de 6-7 meses é pertinente para debates quanto à importância clínica de se firmarem marco no desenvolvimento da aquisição de linguagem.

A ampliação de pesquisas relacionadas a esse tema permitirá a obtenção de dados mais fidedignos para conclusões específicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Azcoaga JE, Bello JA, Citrinovitz J, Derman B, Frutos WM. Los retardos del lenguaje en el niño. Buenos Aires, Paidós; 1981.
2. Lecanuet J. Foetal responses to auditory and speech stimuli. In A. Slater (Org.), *Perceptual development: visual, auditory and speech perception in infancy*. Hove: Psychology; 1998, p. 317-355.
3. Northern JL, Downs MP. *Audição em crianças*. São Paulo: Manole. 1989.
4. Busnel M, Heron A. O desenvolvimento da sensorialidade fetal. In: Laznik MC, Cohen D. *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Langage; 2011. p. 23-44.
5. Russo ICP, Santos MTM. *Audiologia Infantil*. 4 ed, São Paulo: Cortez, 1994.
6. Northern JL, Downs MP. *Avaliação Auditiva Comportamental*. In *Audição na Infância*. 6 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2005, p. 135-143.
7. Jusczyk PW, Pison DB, Mullennix J. Some consequences of stimulus variability on speech processing by 2-month-old infants. *Cognition*. 1992; 43(3), 253-291.
8. Jusczyk PW, Aslin RN. Infants' detection of sound patterns of words in fluent speech. *Cognitive Psychol*. 1995; 29: 1–23.
9. Newman RS. The cocktail party effect in infants revisited: Listening to one's name in noise. *Dev Psychol*. 2005; 41(2), 352-362.
10. Newman RS. Infant's listening in multitalker environments: Effect of the number of background talkers. *Atten Percept e Psychophys*. 2009; 71 (4), 822-36.
11. Christophe A, Gout A, Peperkamp S, Morgan J. Discovering words in the continuous speech stream: the role of prosody. *J Phon*. 2003; 31,585-598.
12. Friederici AD, Friedrich M, Christophe A. Brain responses in 4-month-old infants are already language specific. *Curr Biol*, 2007; 17, 1208-11.
13. Parise E, Friederici AD, Striano T. "Did you call me?" 5-month-old Infants Own Name Guides Their Attention. *Plos One* [serial on the internet]. 2010 Dec [cited 2012 Nov]; 5(12): [about 17 p.]. Available from: <http://www.plosone.org/article>

14. Mandel DR, Jusczyk PW, Pisoni DB. Infants' recognition of the sound patterns of their own names. *Psychol Sci.* 1995;6:315-7.
15. Feigelman S. O Primeiro Ano. In: Kliegman RM, Jenson HB, Behrman RE e STANTO BF. *Nelson Tratado de Pediatria.* 18 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009, p.56.
16. Ribeiro CN. Revisão de literatura: Instrumentos de avaliação de linguagem para bebês entre 0 a 12 meses de idade (monografia). Belo Horizonte. UFMG; 2012 [acesso em 2012 Nov1]. Disponível em: ftp://ftp.medicina.ufmg.br/fon/monografias/20121/CYNTHIA_RIBEIRO.pdf
17. Pereira MR, Funayama CAR. Avaliação de alguns aspectos da aquisição e desenvolvimento da linguagem de crianças nascidas pré-termo. *Arq Neuropsiquiatr.* 2004; 62(3-A):641-648.
18. Frankenburg W.K.; Dodds J.; Archer P; et al. *Denver II Screening Manual.* Denver, Colorado: Denver Developmental Materials, Inc. 1990
19. Chiari BM, Basílio CS, Nakagwa EA, Cormedi MA, Silva NSM, Cardoso RM, Parreira VEW. Proposta de sistematização de dados da avaliação fonoaudiológica através da observação de comportamentos de crianças de 0 a 6 anos. *Pró-Fono R. Atual. Cient.* 1991; 3(2):29-36.
20. Gordo A, Parlato EM, Azevedo MF, Guedes ZCF. Triagem auditiva em bebês de 2 a 12 meses. *Pró-Fono R. Atual. Cient.* 1994; 6(1): 7-13.
21. Robins DL, Fein D, Barton ML. *The modified checklist for autism in toddlers (M-CHAT™).* Atlanta: Selfpublished. 1999.
22. Knobloch H, Stevens F, Malone AF. *Manual of Developmental Diagnosis: the administration and interpretation of the revised Gesell and Amatruda developmental and neurologic examination.* Harper & Row. 1980.
23. Pinto EB. O desenvolvimento do bebê prematuro no primeiro ano de vida. *Psicol Reflex Crít.* 2008, 22(1): 76-85.
24. Mehler J, Dupoux E. *Naître Humain.* Lisboa. Éditions Odile Jacob; 1990.
25. Ramus F, Nespor M, Mehler J. Correlates of linguistic rhythm in the speech signal. *Cognition.* 1999; 73 (3). p.265-292.
26. Eimas PD. Auditory and linguistic processing of cues for place of articulation by infants. *Percept e Psychophys.* 1974; 16. 513-21.

27. Christophe A, Guasti T, Nespor M, Dupoux E, Ooyen BV. Reflections on Phonological Bootstrapping: Its role for lexical and Syntactic Acquisition. *Lang Cognitive Proc.* 1997; 12 (5/6): 585-612.
28. Coplan J. Early language Milestone Scale [kit]. 2nd ed. Austin, Texas: ProEd; 1993.
29. Soderstrom, M. Beyond babytalk: Re-evaluating the nature and content of speech input to preverbal infants. *Dev Rev.* 2007. 27, 501-532. Available online at www.sciencedirect.com

6.2 ARTIGO 3

Artigo Original

Percepção linguística do próprio nome por crianças de 6 e 7 meses de idade

Perception of linguistic name for children aged 6 and 7 months old

Aline Moreira Lucena¹, Erika Maria Parlato-Oliveira²

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Medicina

¹ Fonoaudióloga, mestranda em Ciências da Saúde: Saúde da Criança e do Adolescente – UFMG, BH/MG

² Fonoaudióloga. Professora Adjunto da Faculdade de Medicina – UFMG, BH/MG

Endereço para correspondência: Aline Moreira Lucena

Rua Feliciano Negrão, 228. Bairro Santa Rosa

Belo Horizonte. CEP: 31255-790

Minas Gerais – Brasil

amlfono@hotmail.com

Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior .CAPES

RESUMO:

Esta pesquisa investigou o reconhecimento do próprio nome por crianças de 6 e 7 meses de idade. A pesquisa foi realizada em sala acusticamente tratada, onde a criança, sentada no colo da mãe, respondia aos seguintes estímulos sonoros: Próprio Nome e Outro Nome. Os nomes eram evocados em sequência de pares. Havia 3 categorias diferentes de pareamento: (1) nomes com duração e componentes fonológicos diferentes, (2) duração semelhante e componentes fonológicos diferentes, (3) duração semelhante e composição semelhante. Os nomes foram gravados por uma falante de língua portuguesa. Os resultados foram mensurados a partir do tempo de permanência do olhar e da quantidade de busca à fonte sonora. Os sujeitos responderam diferencialmente para Próprio Nome quando pareados com Outro Nome. Na comparação entre as categorias, a primeira apresentou melhores resultados confirmando a sensibilidade dos bebês para o traço suprasegmentar de duração.

Palavras-chave: aquisição de linguagem; percepção da fala; fonética; linguística

ABSTRACT:

This research investigates the recognition of own name for children aged 6 and 7 months old. The research was conducted in an acoustically treated room where the child sitting on the lap of his mother, responded to sound stimuli: Own Name and Other Name. The names were evoked in sequence of pairs. There were 3 different pairing categories: (1) different length and phonological components (2) similar duration and different phonological components, (3) similar length and similar composition. The names were recorded by a speaker of the Portuguese language. The results were measured from the time spent looking and the amount of search for the sound source. The subjects responded differentially to Own Name when paired with another name. Comparing the categories, the first showed better results confirming the sensitivity of babies to trace suprasegmentar duration.

Keywords: language acquisition; speech perception; phonetic; linguistic

INTRODUÇÃO

Desde muito cedo os bebês estão aptos a receber e decodificar informações por via auditiva. A partir da premissa de que todo evento percebido como novo induz o bebê a uma reação, foram realizados experimentos que observaram mudança de reação do bebê mediante estímulos verbais. As respostas foram obtidas a partir da mudança de frequência e de intensidade da sucção do bebê. Esses dados foram verificados por um captador de pressão, instalado no bico de uma chupeta, conectado a um dispositivo de registro. (EIMAS, 1971; MEHLER; DUPOUX, 1990)

Assim como o experimento de Eimas, 1971, Meher e Dupoux, 1990, várias outras pesquisas investigaram as respostas dos bebês a estímulos verbais utilizando procedimentos metodológicos diferentes como: captação de respostas por eletrodos (FRIEDERICI; WESSELS, 2007; PERRIN et al, 2005), ou respostas comportamentais: virar a cabeça em busca às fontes sonoras (CHRISTOPHE et al, 1994) e tempo de permanência do olhar (MANDEL et al, 1995).

Cada estudo permitiu constatar que o bebê, desde os primeiros dias de vida, é capaz de diferenciar sua língua materna de outras línguas, bem como distinguir entre duas línguas estrangeiras. De fato, o bebê apresenta extrema sensibilidade para a prosódia da língua para os traços suprasegmentares, que se referem ao ritmo, à duração e à entonação da fala. Tal habilidade tem sido estudada igualmente nos casos de crianças bilíngues, nos quais os resultados mostram a considerável plasticidade do cérebro humano. (EIMAS, 1974; PARLATO-OLIVEIRA, 2004).

Portanto, pode-se dizer que a aquisição da língua se inicia muito antes da produção das primeiras palavras. Inicia-se desde a percepção intra-úterina. Os fetos são capazes de ouvir frases, locutores, línguas e canções infantis já no útero. Quando recém-nascidos, preferem o som ao silêncio, especialmente quando o som é de uma voz feminina ou, principalmente, quando é a própria mãe. Citar o bebê demonstra maior interesse pela língua falada por sua mãe do que por outras línguas. Isso indica que além do recém-nascido discriminar sons percebidos intra-útero, ele também é capaz de reconhecê-los como sendo semelhantes àqueles que escuta após o nascimento. Esses fatos que reforçam o quanto os bebês são sensíveis às propriedades linguísticas. (BUSNEL, HERON, 2010; KUHL, TSAO, LIU, 2003)

Ao nascer, bebês são capazes de distinguir as estruturas mínimas da fala, os fonemas de qualquer língua do mundo. Somente ao redor do final do primeiro ano é que a percepção de fala se reorganiza em função da língua materna, aquela à qual está exposto, e assim há uma diminuição da sensibilidade na discriminação dos contrastes fonêmicos das línguas para melhor adquirir a língua materna. (EIMAS, 1974; WERKER, DESJARDINS, 1995; KUHL, TSAO, LIU, 2003)

Devido à percepção auditiva apurada, o bebê analisa em quais contextos particulares os sons são produzidos e, então, é capaz de deduzir propriedades da língua nativa. A esta habilidade dos bebês em processar as características próprias da fala do adulto, dar-se o nome de “*Bootstrapping*” *. (DUPOUX, 2011; CORRÊA, 2007)

O termo “*Bootstrapping*” é utilizado para se referir ao momento durante o qual a criança utiliza recursos limitados, devido à maturação correspondente à idade, para alcançar o desenvolvimento da linguagem. Por exemplo, no início da vida, o bebê utiliza-se apenas da primeira habilidade linguística adquirida, a percepção da prosódia, para só então adquirir conhecimentos de outras ordens, tais como fonológico, lexical ou sintático. (CHRISTOPHE et al, 1997; NAME, 2007; MORGAN; DEMUTH, 1996)

A criança pode perceber, inicialmente, a fala por um processo no qual ela verifica a regularidade dos sons da fala na língua materna, consegue distinguir os traços menores, como os fonemas, as frequências e distribuição de segmentos e possibilidades deles no discurso, o que corresponde a aquisição de linguagem pela hipótese teórica “*bottom-up*” (processamento guiado pelo dado ou estímulo). Já de acordo com a hipótese teórica “*top-down*” (processamento guiado pelo conhecimento ou conceito), o bebê adquire o fonema com a ajuda do léxico e da ortografia presente em cada língua. (MEHLER; CHRISTOPHE; RAMUS; 2000, ASHCRAFT, 1994, p.385-389, BORTFELD et al, 2005)

* ***Bootstrapping***: Termo sem tradução para o Português, é utilizado no contexto da aquisição de linguagem, integrando valores da palavra: *Bootstrap* que pode significar apenas a alça de couro presa nas botas para **facilitar** calçamento, ou na informática, essa palavra significa **inicializar** o computador por um **sistema operacional mais simples** do que os programas que seriam usualmente indicados, e ainda na expressão em inglês “*pulling oneself by one’s own bootstraps*” significa **alçar-se ao sucesso com recursos limitados**. (CORRÊA, 2007)

Neste artigo, propõe-se a combinação dos dois modelos teóricos: “*bottom-up*” e “*top-down*” para melhor interpretação do fenômeno de reconhecimento do próprio nome pela criança. Acredita-se que o indivíduo necessite dessa interação dos sistemas para a construção linguística e concretização da linguagem. Nos estudos de Bortfeld et al, 2005, verifica-se que palavras familiares aos bebês, como o próprio nome, além de “mamãe” e “papai”, serão facilitadoras de utilização do modelo “*top-down*” e do desenvolvimento de “alças fonológicas” para reconhecimento de palavras novas.

É possível dizer que existem duas vias de acesso: a semântica/intencional, na qual a criança percebe o enunciado da fala, mas nem sempre é capaz de interpretá-los, utilizando sinais linguísticos e não linguísticos na tentativa de verificar a possível intenção do falante. A segunda via de acesso, seria a fonética/fonológica, partindo do pressuposto de que, pela experiência perceptual da criança, ela estaria apta a distinguir as informações relevantes em um fluxo de fala contínuo. Por essa via podemos averiguar a sensibilidade do bebê para as pistas de natureza suprasegmental. (PYLYSHYN,1977).

Para verificar a aquisição sintática e lexical da língua nativa, Christophe et al (1997), avaliou a quantidade de informação fornecida por uma análise fonológica da voz utilizando como estratégia metodológica a verificação do movimento de cabeça da criança em resposta aos estímulos. Para esses pesquisadores, os bebês passam a adquirir o léxico observando as regularidades distribucionais e pistas nos níveis fonético, morfológico e prosódico e, a partir deste conjunto de informações, passa a aprender o padrão sonoro de um número razoável das palavras da língua nativa.

Name (2007) explica que a aquisição lexical e sintática estão interligadas e que irão se alimentar mutuamente para sustentação e crescimento de ambas as estruturas. Pistas semânticas seriam mais facilmente reconhecidas em uma fase mais adiantada do processo de aquisição lexical, quando há maior domínio linguístico por parte da criança.

Mas para que a aquisição lexical e sintática possa acontecer, é necessário o *bootstrapping* fonológico, que seria justamente o apoio nas pistas fonológicas da fala, pelo bebê, para formação do léxico e sintaxe no contexto da criança. (CHRISTOPHE et al, 1997)

Segundo Corrêa (2007), a hipótese do *bootstrapping fonológico* engloba quatro fontes de informação: 1- regularidade distribucional (intuição de que sequências de sons que ocorrem frequentemente e em vários contextos são melhores candidatas ao léxico) 2- fonotática (diz respeito às condições específicas dos sons dentro de uma sílaba em cada língua) 3- formato típico da palavra, 4- pistas prosódicas.

De acordo com um estudo com bebês franceses e alemães relativo à percepção de palavras bissilábicas destacou que, até os 6 meses de idade, os indivíduos estão atentos predominantemente à estrutura prosódica da palavra (HÖHLE et al, 2009).

Esse resultado pode ser corroborado pela pesquisa de revisão sobre a segmentação da palavra pelas crianças em aquisição de linguagem de Morgan e Demuth (2008). Esses pesquisadores reafirmaram que os bebês entre 6 e 8 meses utilizam predominantemente a observação do nível silábico e prosódico para recepção da mensagem sonora.

Os bebês compreendem melhor as estruturas fonotáticas, específicas de cada língua, e regras alofônicas, que se referem a sons que são pronunciados diferentemente de acordo com os dialetos, ou de acordo com os sons vizinhos (exemplo: / tia / e / tjia /). Em sequência ao processo de reconhecimento dessas estruturas, os bebês são capazes de segmentar as palavras contidas em um discurso contínuo. Essa habilidade de compreensão das estruturas fonotáticas e alofônicas depende da complexidade da estrutura silábica da palavra apresentada. (SONDEREGGER, 2008; JUSCZYK et al, 1994, 1997; FRIEDERICI; WESSELS, 1993)

Em torno dos 6 e 9 meses de idade os bebês verificam as diferenças pertinentes à língua materna, conseguem integrar informações relativas à propriedade, rítmica e distribucional pertinentes ao léxico. (CHRISTOPHE, 1994,1997; SONDEREGGER, 2008)

Em relação ao reconhecimento do próprio nome, Mandel, Jusczyk e Pison (1995) identificaram respostas positivas em crianças de 4 a 5 meses. Em seus experimentos, tais cientistas utilizaram uma lista de evocação de 4 nomes: primeiro o nome da criança, em seguida, outro semelhante foneticamente (mesma sílaba tônica) e mais dois grupos de nomes diferentes. Embora não se possa afirmar que

os bebês apresentaram consciência do próprio nome especificamente, o tempo de atenção foi maior para a evocação do próprio nome e para os nomes semelhantes, quando comparado ao grupo de nomes com morfologia diferente.

Segundo Mehler e Dupoux (1990), todas as línguas utilizam um número limitado de segmentos que se repetem e que estruturam o fluxo do discurso. Cada língua possui características distintivas. Quando se ouve um discurso em francês, verifica-se uma regularidade temporal, podendo considerar de forma constante a duração das vogais. No caso da língua inglesa, as vogais variam de duração. Em japonês, a periodicidade é marcada pelas moras, unidades de dimensão inferior à sílaba, mas superior ao fonema.

Considerando as características particulares de cada língua, a pesquisa sobre o Reconhecimento do Próprio Nome por Crianças com 6 e 7 meses, apresentada neste artigo, partiu do interesse de investigar, em crianças de língua materna portuguesa brasileira, habilidades já verificadas em outros países como Estados Unidos (MANDEL et al, 1995), França e Alemanha (PERRIN et al, 2005). Sendo o próprio nome, considerado por alguns autores, a primeira palavra adquirida pelo bebê, e segundo Diane Mc Guinness: *“essa palavra possui um significado mais forte, porque só se refere a ela”*. (MC GUINNES, 2006. p.26)

A pesquisa sobre o Reconhecimento do Próprio Nome tem como objetivo investigar as características do processo de aquisição da língua, como reconhecimento de estruturas suprasegmentares, mediante as respostas apresentadas pelas crianças à evocação do próprio nome em um experimento comportamental.

MÉTODOS:

A pesquisa do Reconhecimento do Próprio Nome por Crianças de 6 e 7 meses de idade consiste em um estudo quantitativo, transversal que teve início após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa nº 0418.0.203.000-11.

Para a realização da pesquisa foram analisados todos os prontuários do serviço de Triagem Auditiva Neonatal Universal (TANU) do Ambulatório de

Fonoaudiologia do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG). Buscou-se selecionar os prontuários de todas as crianças que, no período de julho a setembro de 2012, apresentavam idade entre 180 dias e 239 dias (equivalente a 6 e 7 meses) e que estavam de acordo com os critérios de inclusão e exclusão para o estudo.

PARTICIPANTES:

Os critérios de exclusão foram: apresentar comprometimento neurológico e visual, comprovado mediante laudo médico; a não assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) – Apêndice C, pelos responsáveis, ou ter apresentado resultados inadequados nas avaliações de audição e de linguagem, responder positivamente para alguns itens do *Questionário sobre Experiência Linguística da Criança e da Família em Relação ao Prenome* – Apêndice B - elaborado para eliminar variáveis durante a investigação e cadastro telefônico incompleto.

Como critérios de inclusão consideraram-se: a idade entre 180 e 239 dias no momento da coleta; apresentar resultados normais na avaliação da TANU; não apresentar indicadores de risco para a deficiência auditiva; não apresentar indicadores de risco para o desenvolvimento global; ter família falante de língua materna portuguesa, não apresentar nome composto, e ainda preencher aos critérios solicitados no *Questionário sobre Experiência Linguística da Criança e da Família em Relação ao Prenome* (Apêndice B), elaborado para minimizar variáveis no estudo e igualar ao máximo o grupo pesquisado. Foram eliminadas as crianças que eram chamadas em casa por apelido, ou que um dos pais, ou colegas de outros ambientes comuns à criança tivesse o mesmo nome e, por esse motivo, alterasse o reconhecimento do nome, quando comparado às outras crianças.

Muitas exclusões se deram por cadastro telefônico incompleto, e das 251 crianças que receberam pelo menos uma tentativa de contato, 50 compareceram para realização da pesquisa. Dessas crianças, 14 foram excluídas por não concluírem as avaliações anteriores à avaliação específica do Próprio Nome, por motivos diversos como: choro, inquietude ou presença de cerume no conduto

auditivo. Outras 15 crianças também não foram incluídas nesse análise, por apresentarem inadequação na avaliação de audição ou linguagem, resultando em um total de 21 crianças para verificação dos resultados.

PROCEDIMENTOS:

Dos 449 prontuários do ambulatório da TANU (período de dezembro de 2011 a março de 2012), foram eliminados aqueles de crianças com nome composto e, então, foi construída uma lista com todos os nomes apresentados. Gerou-se uma lista de 64 nomes femininos e outra lista com 59 de nomes masculinos. Todos esses nomes foram utilizados para formação das categorias que serão melhores descritas a seguir.

Uma locutora feminina de língua materna portuguesa brasileira realizou a gravação da lista de nomes. A locutora produzia as evocações com enunciados de estrutura prosódica próxima ao *manhês*, (modo como as mães geralmente se direcionam aos seus bebês), apresentando entonação exagerada e prolongamento das vogais de maneira geral (MEHLER, 1990; MANDEL, 1995).

Com o objetivo de investigar qual característica linguística seria a mais contribuinte para o reconhecimento do próprio nome da criança, os próprios nomes (PN) e outros nomes (ON) foram distribuídos em categorias de acordo com três características.

- categoria 1: duração diferente e componentes fonológicos diferentes – nomes com diferente número de sílabas, como no caso de uma contraposição entre palavras dissílabas e polissílabas (exemplo: Ana – PN e Daniele- ON);
- categoria 2: duração semelhante e componentes fonológicos diferentes – nomes com o mesmo número de sílabas, mas com composição fonológica diferente (exemplo: Ana- PN e Ully- ON);
- categoria 3: duração semelhante e composição fonológica com apenas um fonema diferente – nomes com o mesmo número de sílabas e apenas um fonema diferente (exemplo: Ana- PN e Anne - ON).

Os responsáveis pelos bebês foram convidados, via telefone, para participarem do estudo. Nesse momento, caso houvesse concordância em participar, a primeira parte do *Questionário sobre Experiência Linguística da Criança e da Família em Relação ao Prenome – Apêndice B* - era preenchida e agendada a data para a realização das avaliações auditiva, de linguagem e de reconhecimento do próprio nome que ocorreram no mesmo dia, com um tempo médio de 40 minutos para realizar todos os procedimentos.

Quando as crianças chegavam ao ambulatório de Fonoaudiologia do HC/UFMG, o primeiro procedimento consistia na assinatura do TCLE pelos responsáveis da criança, caso estivessem de acordo com a participação na pesquisa.

As avaliações compreenderam os aspectos auditivos, de linguagem e de reconhecimento do próprio nome.

A avaliação da audição foi composta por: a) meatoscopia (realizada com otoscópio marca Kole, de luz óptica), cujo objetivo foi verificar as alterações do meato acústico externo e da membrana timpânica; b) exame de Emissões Otoacústicas Evocadas Transientes (EOAT), para verificar a integridade coclear. Para tanto, utilizou-se o aparelho de Emissão Otoacústica da marca ILO 292; e c) avaliação do comportamento auditivo (com os instrumentos sino, agogô e guizo, da marca Quino), a fim de investigar as habilidades auditivas.

A avaliação da linguagem foi realizada por meio da aplicação de dois protocolos:

- Protocolo Adaptado para Avaliação de Crianças proposto por Gordo e colaboradores (1994), que consiste em avaliar aspectos/marcos do desenvolvimento em várias funções, questionando o acompanhante e avaliando os aspectos expressivos, receptivos, visuais, de alimentação e de interação social da criança.
- Early Language Milestone Scale, (escala ELM) de Lima (1997), consiste em um instrumento específico para avaliação da aquisição e desenvolvimento de linguagem e da função auditiva e visual. Caracteriza-se como um teste de

triagem, aplicável desde o nascimento até os trinta e seis meses de idade. Esse teste é dividido em três partes que representam as funções: expressiva, receptiva e visual.

Caso apresentasse alguma alteração nas avaliações auditiva ou da linguagem, a criança era encaminhada à Unidade Básica de Saúde (UBS) para avaliação e conduta.

Após realizadas as etapas do questionário linguístico, as avaliações de linguagem, audição, e verificação de nenhuma anormalidade, a criança realizava a avaliação do reconhecimento do próprio nome que seguiu o seguinte procedimento, que pode ser visualizado na figura 1. A criança era encaminhada para um ambiente acusticamente tratado, que continha um decibelímetro digital, marca Icel – modelo dl-4020, para controle da intensidade das emissões sonoras;

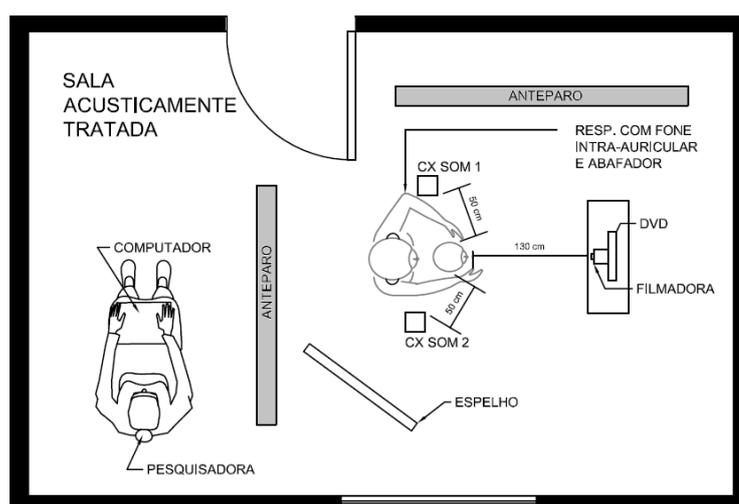


Figura 1*

Durante a testagem, a criança permanecia sentada no colo da mãe. A mãe, ou o responsável, permanecia com um equipamento de proteção auricular e com fone de ouvido (marca C3 Tech – modelo voicer confort), em ambas as orelhas, pelo qual era emitido estímulo sonoro musical, em intensidade confortável, a fim de que não houvesse interferência da mãe nas respostas dos bebês.

Em frente à criança havia uma tela, na qual era exibido um DVD infantil, *Baby Einstein: Baby Bach: Aventura Musical* (The Walt Disney Company, 2004), sem

* Para facilitar a leitura dessa dissertação, a figura 1 está exposta no corpo do texto e será posteriormente reformulada para submissão à revista.

áudio, apropriado à idade da população alvo. As mesmas imagens foram exibidas a todas as crianças.

Esse trecho foi escolhido após pesquisa em campo, realizada pela própria equipe de estudo do Reconhecimento do Nome, na qual os pesquisadores apresentaram para cinco crianças, individualmente, todo o filme. Tais sessões foram filmadas e, posteriormente, analisadas por três integrantes do grupo que, em senso comum, identificaram que o trecho a partir de 5 minutos e 48 segundos, referia ao momento em que as crianças de quatro a nove meses apresentaram maior interesse, focando por maior tempo a visão na tela da televisão.

Durante o experimento aqui proposto, PN e ON foram evocados de forma pareada, não randomizado, em uma sequência de 3 repetições para cada um, com intervalo de 10 segundos entre cada evocação e entre as categorias. Ao final do estudo piloto realizado em 2011, concluiu-se pelos integrantes do grupo de pesquisa, a necessidade de modificar de três segundos para dez segundos de intervalo entre os estímulos, a fim de obter melhor clareza das respostas realizadas pelos bebês a cada evocação nome.

A intensidade sonora das evocações era mantida em uma média de 60 decibéis, nível de intensidade sonora (dBNPS). Os estímulos foram oferecidos em ordem aleatória, do lado: direito e esquerdo, à distância de 50 centímetros do pavilhão auricular da criança, por meio de duas caixas de som (marca Polk Audio – modelo Subwoofer PSW125).

Reforçou-se a ordem aleatória de lançamentos dos estímulos, quando, segundo Mehler e Dupoux (1990), existe uma superioridade para a linguagem do ouvido direito devido ao fato de a palavra ser tratada no hemisfério esquerdo e de cada ouvido estar mais bem relacionado com o hemisfério situado do outro lado. Para precaver, de qualquer vantagem de um ouvido ou de outro; os dois recebiam além de aleatoriamente, a mesma quantidade de estímulos.

Os estímulos sonoros eram apresentados na ordem:

categoria 1 – PN (3 evocações) e em sequência ON (3 evocações)

categoria 2 – ON (3 evocações) e em sequência PN (3 evocações)

categoria 3 – PN (3 evocações) e em sequência ON (3 evocações)

Durante o teste do reconhecimento do nome, a criança era filmada com o uso de uma máquina, marca Sony – modelo HDR-CX12, posicionada em face e acima do nível da cabeça da criança, a 60 centímetros de distância. Posteriormente, os vídeos foram analisados.

Na análise dos vídeos foram considerados como critérios para o reconhecimento do nome: a busca pela fonte sonora e o tempo de permanência do olhar após cada evocação.

Para análise das filmagens foram convidados três avaliadores, previamente treinados que, de forma individual, registraram o comportamento dos bebês, configurando o método como duplo-cego. Os dados obtidos foram digitados em um banco de dados no programa Excel, versão 2007 e, posteriormente, conferidos. Os juízes também assinaram o TCLE, mediante concordância de participação na pesquisa.

A amostra não probabilística foi composta por 21 indivíduos, sendo 11 do sexo masculino e 10 do sexo feminino, com idade entre 180 e 239 dias. Não foi realizado cálculo amostral, sendo convocadas à participação todas as crianças que na coorte apresentavam-se em conformidades com os critérios de inclusão e exclusão.

Com o objetivo de conhecer o perfil dos participantes do estudo, foi feita a análise descritiva dos dados coletados através do questionário semi-estruturado. A associação entre o número de buscas após evocação do nome e o grupo de bebês foi avaliada através do teste qui-quadrado.

As amostras pareadas dos tempos de permanência do olhar após evocação do PN e do ON foram comparadas através do teste de *Wilcoxon*. Optou-se por utilizar o teste não-paramétrico já que o tamanho da amostra em cada grupo avaliado era reduzido e os tempos não tinham distribuição normal.

Para as análises descritas, utilizou-se o *software IBM SPSS Statistics*, versão 20.

AMOSTRA:

Participaram 21 crianças sendo, 11 meninos e 10 meninas. 13 crianças com idade entre 180 a 209 dias e 8 crianças com 210 a 239 dias. Quanto ao grau de instrução dos responsáveis, a maioria cursou o ensino médio, 61,9% das mães e 57,1% dos pais, desses 38,1% apresentava ensino médio completo. A idade dos cuidadores variava de 16 a 60 anos, sendo a maioria com idade entre 16 e 30 anos, o que correspondeu a 53,1 % dos cuidadores de bebês participantes da pesquisa.

RESULTADOS:

Para cada categoria, 1, 2, 3, tínhamos 21, 18 e 9 participantes respectivamente. 3 crianças foram eliminadas da categoria 2 por chorarem nesta etapa e dos nomes das 21 crianças participantes, apenas 9 nomes apresentavam características necessárias para serem evocados na categoria 3.

Quadro 1: Quantidade de busca à fonte sonora por categoria *

Nº Busca	Categoria 1 (n=21)		Categoria 2 (n=18)		Categoria 3 (n=9)	
	PN	ON	PN	ON	PN	ON
0 - 1	4,8%	9,5%	11,1%	11,1%	0%	11,1%
2 - 3	95,2%	90,5%	88,9%	88,9%	100%	88,9%
Valor-p	0,55		1,00		0,30	

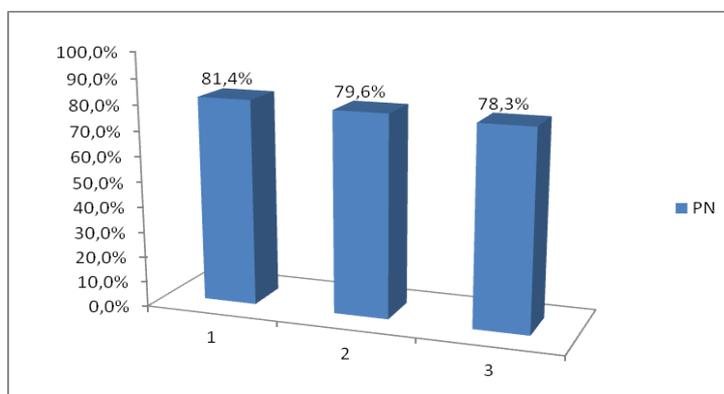
PN: Próprio Nome / ON: Outro Nome. Categ.1: duração e componentes fonológicos diferentes, Categ.2: duração semelhante e componentes fonológicos diferentes, Categ.3: duração e componentes fonológicos semelhantes.

O quadro 1 demonstra que para todas as categorias (1,2 e 3), os bebês apresentaram maior quantidade de busca para PN do que para ON, com exceção da categoria 2, que os valores são iguais.

* Para facilitar a leitura dessa dissertação, os gráficos e tabelas estarão expostos no corpo do texto e posteriormente reformulados para submissão à revista.

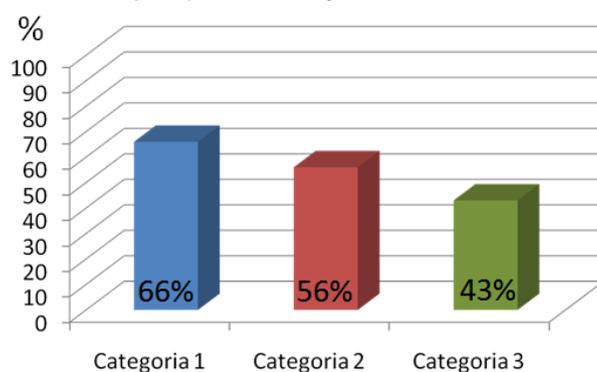
➤ Na Tabela 1 utilizou-se teste exato de Fisher.

Gráfico 1 : Comparação entre a porcentagem de busca a PN para cada categoria . *



O gráfico acima ilustra que na categoria 1, as crianças de 6 e 7 meses realizaram 81,4% de busca quando PN foi evocado, número superior ao encontrado para as categorias 2 e 3, 79,6% e 78,3%, respectivamente. O mesmo foi possível verificar no estudo piloto, no qual ocorreram 66% de busca quando PN foi evocado. Veja o gráfico abaixo:

Gráfico 2 : Comparação entre a porcentagem de busca a PN para cada categoria – Projeto piloto: crianças 4 e 5 meses. *



* Para facilitar a leitura dessa dissertação, as tabelas e gráficos estarão expostos no corpo do texto e posteriormente reformulados para submissão à revista.

Os resultados a seguir, demonstram a comparação entre os tempos de permanência das categorias 1, 2 e 3 para as respostas a PN e ON.

Tabela 1: Tempo médio de permanência do olhar x categoria – PN / ON *

Categoria	PN		ON	
	Tempo médio	valor-p *	Tempo médio	valor-p
Categoria 1 (n=21)	6,32		6,13	
Categoria 2 (n=18)	4,90	0,20	5,94	0,76
Categoria 3 (n=9)	5,05		5,49	

PN: Próprio Nome / ON: Outro Nome. Categ.1: duração e componentes fonológicos diferentes, Categ.2: duração semelhante e componentes fonológicos diferentes, Categ.3: duração e componentes fonológicos semelhantes.

Embora a comparação dos resultados das 3 categorias não tenha se apresentado com significância estatística, verifica-se que a média do tempo de permanência do olhar na primeira categoria evocada, tanto para PN quanto para ON, é maior do que para as outras categorias.

Tabela 2 : Estatísticas descritivas PN x ON *

Grupo 1	Categoria 1		Categoria 2		Categoria 3	
	PN	ON	PN	ON	PN	ON
N	21	21	18	18	9	9
Média	6,32	6,14	4,90	5,94	5,05	5,49
Mediana	6,67	5,56	4,50	5,45	3,67	5,00
desvio-padrão	2,64	2,57	2,55	2,28	2,34	3,11
Mínimo	2,00	1,00	0,00	1,67	2,83	2,00
Máximo	10,22	11,89	11,11	10,25	10,33	9,22
Valor-p	0,70		0,35		0,95	

PN: Próprio Nome / ON: Outro Nome. Categ.1: duração e componentes fonológicos diferentes, Categ.2: duração semelhante e componentes fonológicos diferentes, Categ.3: duração e componentes fonológicos semelhantes.

A tabela 2 descreve a comparação entre as respostas à PN e ON, segundo cada categoria. Na categoria 1, o tempo de permanência para PN foi maior do que

* Para facilitar a leitura dessa dissertação, os gráficos e tabelas estarão expostos no corpo do texto e posteriormente reformulados para submissão à revista.

- Na Tabela 2 utilizou-se o Teste Kruskal-Wallis
- Na Tabela 3 utilizou-se o Teste de Wilcoxon

para ON. Para as categorias 2 e 3 esse fato não ocorreu. Os resultados do teste mantiveram-se acima do nível de significância.

Tabela 3: Tempo médio de permanência do olhar por categoria. Projeto-piloto: crianças 4 e 5 meses.*

	TOTAL DE CRIANÇAS							
	GERAL		CATEGORIA 1		CATEGORIA 2		CATEGORIA 3	
	PN	ON	PN	ON	PN	ON	PN	ON
Número de crianças	16	16	9	9	16	16	7	7
Média	6,36	5,5	5,22	4,33	6,44	5,06	4,57	3,29
Mediana	4,75	4,5	3	2	4,5	2,5	3	0
Desvio padrão	6,33	4,7	7,1	5,27	5,99	4,8	4,392	4,75
Mínimo	0	1	0	0	0	0	0	0
Máximo	22	14	23	13	22	14	10	11
Valor de p	0,001		0,058		0,001		0,033	
IC	2,98-9,73				3,25-9,63		0,51-8,63	

Legenda: PN= próprio nome; ON= outro nome; IC= intervalo de confiança.

No projeto piloto, as crianças de 4 e 5 meses mantiveram maior tempo de permanência do olhar para PN em todas as categorias 1, 2 e 3. Nesse estudo as respostas das crianças foram somadas, diferente da última análise, na qual foi realizada a média dos tempos de permanência a cada evocação e média entre os achados das analisadoras.

Foi realizada uma análise exploratória dos dados para investigação de correlação entre as idades das crianças (6 e 7 meses), além de sexo (feminino/masculino) e inserção na creche (sim/não), a qual não demonstrou tendências à qualquer uma dessas variáveis quando comparado às respostas obtidas para PN ou ON na avaliação do Reconhecimento do Nome. (Anexo H)

DISCUSSÃO:

Alguns autores observaram que é a partir do reconhecimento do próprio nome que se torna mais fácil a compreensão de outras palavras pelas crianças. Aos 6 meses de idade, elas são capazes de detectar palavras familiares em um discurso

* Para facilitar a leitura dessa dissertação, as tabelas e gráficos estarão expostos no corpo do texto e posteriormente reformulados para submissão à revista.

contínuo. Mediante esta afirmação foi escolhido o grupo desta pesquisa com crianças de 6 e 7 meses de idade. (JUSCZYK, AISLIN, 1995; CHRISTOPHE et al, 2003)

A literatura (FEIGELMAN, 2009) afirma que, a partir dos 6 meses, os bebês estão mais hábeis motoramente para explorarem o mundo ao seu redor. Por esse motivo, neste trabalho adotamos a idade de 6 e 7 meses como sendo ideal para a realização da Avaliação do Reconhecimento do Próprio Nome. Apesar disso, crianças nessa idade já possuem um desenvolvimento neuropsicomotor bem evoluído. Interessam-se por estímulos mais variados do meio, apresentam mais movimentos corporais, mais reações e, assim, dificultam os avaliadores a registrar com exatidão os comportamentos observados. Esse pode ser um dos fatores que contribuíram para a não obtenção de dados com significância estatística na correlação das respostas a PN e ON diferente do perfil das crianças com 4 e 5 meses do projeto piloto dessa pesquisa aqui detalhada e do estudo realizado com Mandel et al (1995).

O estudo de Mandel et al (1995) sobre o reconhecimento do som do próprio nome de crianças de 4 e 5 meses de idade resultou na observação de maior tempo de permanência para os próprios nomes. Isso demonstra que as crianças testadas possuem uma percepção desse som, mediante outros sons diferentes.

Com base no experimento de Jusczyk e Tincoff (1999) no qual verificaram que os bebês estão aptos a correlacionar as palavras “mamãe” e “papai” às figuras do próprio pai e mãe, a expectativa quanto à capacidade de representação dos bebês de 6 meses à palavras familiares, incluindo o próprio nome, aumenta.

No projeto piloto realizado em 2011, encontraram-se resultados positivos (com p valor < 0.05) para o reconhecimento do nome por crianças de 4 e 5 meses de idade nas 3 categorias avaliadas, em situação similar ao exposto neste artigo.

Do projeto piloto para a pesquisa neste artigo descrita, ocorreram as seguintes modificações metodológicas:

- tempo de silêncio entre a evocação dos nomes: de 3 segundos passou para 10 segundos;

- número de evocações: no piloto utilizamos 6 evocações para PN e 6 evocações ON, sendo que esta sequência repetia a cada categoria, em um total de 12 evocações por categoria. Na pesquisa descrita, não ocorreu repetição, portanto, tivemos um limite de 6 evocações a cada categoria;
- a idade das crianças: ao invés de 4 e 5 meses, testamos 6 e 7 meses de idade;
- o posicionamento da criança e exposição do material dentro do ambiente de pesquisa também foi modificado a fim de evitar distratores. Anteparos foram posicionados ao redor da mãe e do bebê, para privarem os mesmos de visualizar o pesquisador e outros objetos da sala.

Nota-se uma tendência nos resultados apresentados pelos bebês avaliados em realizar maior quantidade de busca e manter maior tempo de permanência do olhar para a categoria 1. Isso pode ser explicado por duas hipóteses: devido à posição da categoria 1 no teste, que foi sempre a primeira a ser investigada, ou ainda pela acuidade dos bebês de estarem atentos, prioritariamente, à duração da palavra, característica de maior relevância na categoria 1. Quanto aos estímulos, PN e ON, apesar de não randomizados, não foi possível verificar influência da ordem na apresentação dos resultados.

Os achados nessa pesquisa apontam que os bebês com idade de 6 e 7 meses tiveram ~~conseguiram~~ melhor desempenho na identificação do próprio nome, na categoria 1, tanto quanto ao tempo de permanência, quanto à quantidade de busca. A categoria 1 refere-se àquela na qual o pareamento dos nomes se dá pela diferença na duração de PN e ON. Para as demais categorias, eles não se mostraram aptos à discriminar as diferenças.

Os nomes das categorias 2 e 3 que apresentam mesma duração e diferença fonética em todo o PN, ou apenas um fonema, respectivamente, são mais complexos e contribuem para respostas aleatórias dos bebês, gerando como resultados a média de tempo de permanência muito próxima, ou maior para ON do que para PN.

As respostas obtidas na categoria 1 nos faz inferir sobre a capacidade dos bebês em discriminar a duração dos estímulos sonoros e estarem atentos às

características suprasegmentares da língua: ritmo, duração e entonação da fala. (EIMAS, 1974; CHRISTOPHE et al, 1997; RAMUS, NESPOR, MEHLER, 1999)

Além disso, segundo as teorias *bottom-up* e *top-down*, as crianças dessa idade estariam mais atentas à estrutura lexical por completo – *top-down*- e nem tanto à percepção fonêmica detalhada, proposta pelo sistema *bottom-up*. Bortfeld et al (2005), defende que para palavras facilmente identificáveis pelas crianças como “mamãe”, “papai” e o “próprio nome”, são utilizados mais recursos ligados ao *top-down*. Os mesmos autores ressaltam a importância das palavras familiares e seus respectivos traços linguísticos para as crianças na realização da segmentação da fala contínua de um adulto no discurso. A essa familiaridade que o bebê encontra nas palavras particulares como o próprio nome, dá-se o nome de “Âncoras Iniciais” para o fluxo da fala.

Para estudos posteriores é importante testar idades mais precoces, realizar um intervalo com estímulo sonoro diferenciado entre as categorias testadas para ocorrer separação nítida entre elas, além de randomizar as evocações de PN, ON e das próprias categorias.

CONCLUSÃO:

Os achados obtidos nesta pesquisa defendem que os bebês de 6 e 7 meses de língua nativa brasileira estão atentos às formações estruturais da palavra.

Foi marcante, durante a pesquisa que os bebês realizaram maior quantidade de busca à fonte sonora, quando o estímulo sonoro era o PN, principalmente para a categoria 1, na qual a duração e componentes fonológicos, entre PN e ON, são diferentes. Para esta categoria citada, os bebês permaneceram maior tempo de permanência do olhar à fonte sonora.

Pressupõe-se que ocorra reconhecimento do Próprio Nome comparado a Outro Nome e que esta percepção seja favorecida pelas características suprasegmentares da língua: ritmo, entonação da fala e principalmente duração da palavra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ASHCRAFT, Mark. *Human Memory and Cognition*. New York: Harper Collins College Publishers, 1994.
2. BUSNEL, Marie-Claire; HERON, Anne. O desenvolvimento da sensorialidade fetal. In: LAZNIK, Marie Christine; COHEN, David (Org.). *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Langage; 2011. p. 23-44.
3. BORTFELD, Heather; MORGAN, James; GOLINKOFF, Roberta Michnick; RATHBUN, Karen. Mommy and Me. Familiar Names help launch babies. Into Speech-stream segmentation. *Psychological Science*. Texas, v.16, n.4, p. 208-302, 2005.
4. CHRISTOPHE, Anne; DUPOUX, Emmanuel; BERTONCINI, Josiane; MEHLER, Jacques. Do infants perceive word boundaries? An empirical study of the bootstrapping of lexical acquisition. *Journal of the Acoustical Society of America*. Paris, 95 (3), p. 1570-1580, 1994.
5. CHRISTOPHE, Anne; GUASTI, Teresa; NESPOR, Marina; DUPOUX, Emmanuel; OOYEN, Brit Van. Reflections on Phonological Bootstrapping: Its role for lexical and Syntactic Acquisition. *Language and Cognitive Processes*. Paris, 12 (5/6), p. 585-612, 1997.
6. CHRISTOPHE, Anne; GOUT, Ariel; PEPERKAMP, Sharon; MORGAN, James. Discovering words in the continuous speech stream: the role of prosody. *Journal of phonetics*. Paris, 31,585-598, 2003.
7. COPLAN, James. *Early language Milestone Scale* [kit]. Austin: ProEd, 2ed, 1993.
8. CORRÊA, Letícia. O desencadeamento (bootstrapping) da sintaxe numa abordagem psicolinguística para a aquisição da linguagem. In: QUADROS R.M.; FINGER I. (org.) *Teorias de Aquisição da Linguagem*. São Paulo: Contexto, 2007.p. 83-114.
9. DUPOUX, Emmanuel. Percepção de fala nos bebês. In: LASNIK, Marie Cristine; COHEN, David. (org.). *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Langage, 2011. 1ed. p.71-83.

10. EIMAS, Peter; SIQUELAND, Einar; JUSCZYK, Peter; VIGORITO, James. Speech perception in infants. *Science*. New York, v.171, n.3968, p. 303-306, 1971.
11. EIMAS, Peter. Auditory and linguistic processing of cues for place of articulation by infants. *Perception e Psychophysics*. New York, 16, p.513-521, 1974.
12. FEIGELMAN, Suzan. O Primeiro Ano. In KLIEGMAN, Robert; JENSON, Hel; BEHRMAN, Richard; STANTON, Bonita. (org.) Nelson Tratado de Pediatria. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. 18 ed, p. 43-47.
13. FRIEDERICI, Angela; WESSELS, Jeanine. Phonotactic knowledge of word boundaries and its use in infant speech-perception. *Perception & Psychophysics*. Berlin, v.54, p. 287-295, 1993.
14. FRIEDERICI, Angela; FRIEDRICH, Manuela; CHRISTOPHE, Anne. Brain Responses in 4-month-old infants are already language specific. *Current Biology*. Paris, v. 17, p. 1208-1211, 2007.
15. GORDO, Angela; PARLATO, Erika Maria; AZEVEDO, Marisa; GUEDES, Zelita. Triagem auditiva em bebês de 2 a 12 meses. *Pró-Fono R. Atual. Cient.* São Paulo, v.6, n.1, p.7-13, 1994.
16. HÖHLE, Barbara; BIJELJAC-BABIC, Ranka; NAZZI, Thierre; HEROLD, Birgit; WEISSENBORN Jürgen. The development of language specific prosodic preferences during the first half year of life and its relation to later lexical development: evidence from German and French. *Infant Behavior & Development*. Potsdam, v.32, p.262-274, 2009.
17. JUSCZYK, Peter; LUCE, Paul; CHARLES-LUCE, Jan. Infants' sensitivity to phonotactic patterns in the native language. *Journal of Memory and Language*. New York, v.33, n.5, p. 630-645, 1994.
18. JUSCZYK, Peter; ASLIN, Richard. Infants' detection of sound patterns of words in fluent speech. *Cognitive Psychology*. New York, v.29, n.1, p.1-23, 1995
19. JUSCZYK, Peter. The discovery of spoken language, Cambridge: MIT Press, 1997.

20. KUHL, Patricia; TSAO, Feng-Ming; LIU, Huei-Mei. Foreign-language experience in infancy: Effects of short-term exposure and social interaction on phonetic learning. *PNAS*, San Francisco, v.100, n.15, p. 9096-9101, 2003.
21. PERRIN, Fabien; MAQUET, Pierre; PEIGNEUX, Philippe; RUBY, Perrine; DEGUELDRE, Christian; BALTEAU, Evelyne; et al. Neural mechanisms involved in the detection of our first name: a combined ERPs and PET study. *Neuropsychologia*, Belgique, v.43, p.12-19. 2005.
22. MANDEL, Denise; JUSCZYK, Peter; PISONI, David. Infants' recognition of the sound patterns of their own names. *Psychological Science*, New York, v.6, n.5, p.315-317. 1995.
23. MANDEL, Denise; NELSON, Debora Kemler; JUSCZYK, Peter. Infants remember the order of words in a spoken sentence. *Cognitive Development*, New York, v. 11, n.2, p. 181-196. 1996.
24. MCGUINNESS, Diane. *Cultivando um leitor desde o berço: a trajetória de seu filho da linguagem à alfabetização*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
25. MEHLER, Jacques; DUPOUX, Emmanuel. *Naître Humain*. Lisboa: Instituto Piaget. 1990.
26. MEHLER, Jacques; CHRISTOPHE, Anne; RAMUS, Franck. How infants acquire language: some preliminary observations. In: MARANTZ, Alec; MIYASHITA, Yasushi; O'NEIL, Wayne. (org.). *Image, Language, Brain: Papers from the first Mind-Brain Articulation Project symposium*. Cambridge, MA: MIT PRESS, 2000. p. 51-75.
27. MORGAN, James; DEMUTH, Katherine. *Signal to syntax: Bootstrapping from speech to grammar in early acquisition*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1996.
28. NAME, Maria Cristina. Bootstrapping sintático: o papel da ordem estrutural na aquisição de nomes e adjetivos. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.42, n.1, p. 53-63, mar. 2007.
29. PARLATO-OLIVEIRA, Erika Maria. Os aspectos constitucionais do bebê na constituição do sujeito.. In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 5., 2004, São Paulo. *Proceedings online*. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032004000100025&lng=en&nrm=abn . Acesso em: 01 nov. 2012.

-
30. PYLYSHYN, Zenon. What does it take to bootstrap a language? In: MACNAMARA, John Theodore. (org.) *Language learning and thought*. New York: Academic Press, 1977.
31. SONDEREGGER, Morgan. Infant word segmentation: a basic review. *University of Chicago*, Chicago 2008 abr. Disponível em: <<http://people.linguistics.mcgill.ca/~morgan/segReview.pdf>> . Acesso em: 01 nov. 2012.
32. RAMUS, Franck; NESPOR, Marina; MEHLER, Jacques. Correlates of linguistic rhythm in the speech signal. *Cognition*. Paris, v.73, n.3, p. 265-92, 1999.
33. WERKER, Janet; DESJARDINS, Renée. Listening to Speech in the 1st Year of Life : Experiential Influences on Phoneme Perception. *Current Directions in Psychological Science*. Vancouver, v.4, n.3, p. 76-81, 1995.
34. SODERSTROM, Melanie. Beyond babytalk: Re-evaluating the nature and content of speech input to preverbal infants. *Developmental Review*, Providence, v.27, n.4, p. 501-532, 2007.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação engloba apenas um apêndice de um vasto e riquíssimo assunto que é a percepção da fala por crianças menores de um ano. Durante o período de trabalho pude apreender quão importante é cada pequena evolução, aparentemente insignificante, para todo o processo de apreensão de linguagem. Ao mesmo tempo entendi como pequenas falhas podem prejudicar gravemente a criança nesse processo.

A aquisição de linguagem parece acontecer de uma forma mágica, permeada de interligação às estruturas linguísticas, orgânicas, psíquicas e contextos socioculturais. O processo é complexo e possui tantas variáveis que fica difícil direcionar os estudos para uma única teoria e um só fato: o reconhecimento do próprio nome.

Foi prazeroso verificar que o assunto de percepção da fala é discutido em vários países. As pesquisas são difundidas e discutidas por outros estudiosos, o que garante prosseguimento e inovação a essa linha de pesquisa.

Ressalto aqui a importância do estudioso Peter Jusczyk por sua enorme colaboração e incontáveis estudos sobre percepção de fala e, mais ainda, sobre o reconhecimento do próprio nome por crianças. O cientista foi mencionado inúmeras vezes nesta dissertação.

A aquisição da linguagem é vista nesta dissertação como um produto da sensibilidade e percepção auditiva que inicia-se intra útero e dá-se aceleradamente nos primeiros meses de vida. Logo que nasce, o bebê já encontra-se atento às propriedades fonológicas e morfossintáticas da língua.

Acredito ter contribuído de forma pontual, sinalizando um tema indispensável para a literatura científica e para o prosseguimento de experimentos na linha de estudos de aquisição de linguagem.

1. ANEXOS / APÊNDICES

ANEXO A

Diretrizes Para Publicação Da Revista TEMAS SOBRE DESENVOLVIMENTO INSTRUÇÕES AOS AUTORES

TEMAS SOBRE DESENVOLVIMENTO é uma publicação trimestral destinada a profissionais da Saúde e da Educação que atuam com o desenvolvimento da infância e adolescência. Constitui canal para a publicação de artigos originais, revisões e atualizações, relatos de caso, resenhas e comunicações breves.

As normas para a publicação em TEMAS SOBRE DESENVOLVIMENTO estão baseadas no formato proposto pelo *International Committee of Medical Journal Editors* e publicado no artigo *Uniform requirements for manuscripts submitted to biomedical journals* (Ann Intern Med 1997;126:36-47), atualizado em 2004, e disponível no endereço eletrônico <http://www.icmje.org/>.

PRÉ-REQUISITOS OBRIGATÓRIOS

- O trabalho deve destinar-se exclusivamente a TEMAS SOBRE DESENVOLVIMENTO. Não se admite a sua apresentação simultânea a qualquer outro periódico, nacional ou internacional, sob o risco de infração ética, durante todo o processo de avaliação ou, depois de aceito e/ou publicado, sem a devida autorização dos Editores.
- O respeito às normas para publicação é condição obrigatória para que o trabalho seja recebido e encaminhado para análise.
- Se o trabalho for devidamente aceito para publicação, e caso o autor ou pelo menos um dos autores ou a instituição em que a pesquisa foi realizada não seja assinante de TEMAS SOBRE DESENVOLVIMENTO, será cobrada uma taxa de R\$ 120,00 por ocasião da inclusão do artigo na pauta de publicações, valor esse destinado a serviços de revisão gráfica final do texto.

ENCAMINHAMENTO

1) O arquivo digital do artigo em *Word for Windows* deverá ser encaminhado para td@memnon.com.br, obedecendo às seguintes características: Páginas em tamanho CARTA, com margens de 2,5 cm, digitada em espaço duplo, fonte Arial tamanho 12., numeradas em algarismos arábicos, iniciando-se cada seção em uma nova página, na sequência: página de rosto, resumo e unitermos (em Português e Inglês), texto, referências, tabelas, figuras (incluindo gráficos) e legendas. O nome deste arquivo deverá ser o nome completo do primeiro autor, em CAIXA ALTA.

2) Arquivo digital adicional deverá conter carta digitalizada de encaminhamento do material assinada por todos os autores, na qual devem constar:

a) declaração da titularidade e do ineditismo do trabalho. A falta de assinatura de qualquer um dos autores será interpretada como desinteresse ou desaprovação da publicação, determinando a exclusão do nome desse autor da eventual publicação;

b) declaração de que a pesquisa foi devidamente aprovada por Comitê de Ética da Instituição em que o trabalho foi realizado (com indicação do número e data da aprovação), quando referente a intervenções de qualquer ordem em seres humanos.

Esta informação não deverá constar do corpo do trabalho, mas a declaração devidamente assinada é obrigatória para o processo de avaliação do material;

c) declaração de que os sujeitos da pesquisa ou seus responsáveis assinaram termo de consentimento livre e esclarecido, norma que vale também para os relatos de casos. **Esta informação não deverá constar do corpo do trabalho**, mas a declaração devidamente assinada é obrigatória para o processo de avaliação do material;

d) autorização para reprodução do material a critério dos Editores e transferência dos direitos autorais assinada por todos os autores. O nome deste arquivo deverá o nome completo do primeiro autor EM CAIXA ALTA, seguido da expressão “Encaminhamento”.

PROCESSO DE AVALIAÇÃO

O material assim recebido será, inicialmente, submetido à avaliação formal realizada pelos editores, na qual serão consideradas:

(a) a obediência rigorosa às normas para publicação;

(b) a clareza e a correção da redação (tanto em Português quanto em Inglês), que deverá estar em absoluto acordo com as normas ortográficas e gramaticais em vigência;

(c) a compatibilidade entre citações e referências bibliográficas;

(d) a pertinência de tabelas, gráficos, figuras.

Caso o material não esteja em conformidade com algum desses quatro itens, os editores encaminharão ao autor responsável pela remessa do artigo mensagem eletrônica em que solicitarão as devidas adequações formais, e o material recebido será desconsiderado. Realizadas as adequações solicitadas, os autores deverão reencaminhar o material, seguindo os mesmos critérios do encaminhamento original. O nome deste novo arquivo deverá ser o nome completo do primeiro autor, seguido do número 2. Se, nessa segunda remessa, permanecerem incompatibilidades formais, o material não será aceito para publicação já nesta etapa. Se aprovado quanto à obediência às normas formais, o material será encaminhado para dois membros do conselho editorial ou para parecerista(s) *ad hoc* para análise. O anonimato será garantido em todo o processo de julgamento.

MANUSCRITO

1) Página de rosto

A página de rosto deverá conter:

- Título do artigo, em Português e Inglês, que deverá ser conciso, porém informativo;

- Nome completo de cada autor, com o seu maior grau acadêmico e principal afiliação institucional (apenas uma);
- Nome da disciplina, departamento e instituição aos quais o trabalho deve ser atribuído;
- Nome, endereço, fax e e-mail do autor responsável e a quem deverá ser encaminhada a correspondência;
- Indicação de fontes de auxílio à pesquisa, se houver.
- Categoria do trabalho (original, revisão ou atualização, relato de caso, resenha, comunicação ou carta aos editores).

2) Resumo e descritores

A segunda página deve conter o resumo, em Português e em Inglês, com 200 palavras no máximo.

Para os artigos originais, o resumo deve destacar tão somente os objetivos do estudo, o(s) método(s) aplicado(s), principais resultados e conclusões. Para as demais categorias de artigos, o resumo deve conter as informações que revelem o valor do trabalho. Abaixo do resumo, deverão ser especificados de três a cinco unitermos que definam o assunto do trabalho. Os descritores deverão ser baseados no DeCS (Descritores em Ciências da Saúde), publicado pela Bireme (tradução do *MeSH Medical Subject Headings, da National Library of Medicine*) e disponível no endereço eletrônico <http://decs.bvs.br>.

3) Texto

Artigos originais: devem apresentar as seguintes partes:

- Introdução, que deve ser breve, mas com conteúdo suficiente para delimitar o tema de estudo na literatura científica, situá-lo na atualidade e justificar os objetivos da pesquisa.
- Método, que deve ser suficientemente minucioso para possibilitar a sua replicação por outros pesquisadores. Não deve ser subdividido em itens secundários, mas ser redigido em ordem lógica que caracterize a população ou o material estudado e que descreva os procedimentos, técnicas e métodos empregados e a análise a que os dados foram submetidos. **Não são procedimentos metodológicos:** a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição nem a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos sujeitos da pesquisa, informações que devem ser declaradas apenas na Carta de Encaminhamento.
- Resultados, que devem ser puros e objetivos, sem quaisquer comentários do(s) pesquisador(es).

Não serão aceitos artigos que tragam Resultados e Discussão em um mesmo item.

- Discussão, na qual o(s) pesquisador(es) deve(m) se posicionar em relação aos métodos empregados e aos resultados encontrados, à luz de fundamentação teórica adequada e a mais atual possível em relação ao tema apresentado.
- Referências bibliográficas, que deverão ser elaboradas conforme especificações a seguir. **Importante:** Pesquisas cujos dados tenham sido analisados em abordagem qualitativa serão rigorosamente avaliadas no que concerne à técnica qualitativa de análise e à coerência da apresentação e discussão dos achados.

Artigos de revisão ou atualização (sobre um tema, um método etc.): podem ser proposições teóricas, análise de temas específicos ou com outras finalidades. Devem trazer um breve histórico do tema, seu estado atual de conhecimento e as razões do trabalho, critérios, hipóteses e linhas de estudo. Os artigos de revisão ou atualização serão avaliados de acordo com a sua relevância (originalidade e atualidade) para a comunidade científica. Não serão aceitos textos meramente didáticos sobre temas já suficientemente difundidos.

Relatos de caso(s): devem apresentar Introdução, com breve revisão de literatura atual, o Relato do(s) Caso(s), Discussão e Referências bibliográficas. Os relatos de caso(s) serão avaliados de acordo com a raridade da condição relatada ou com a originalidade de método empregado.

Resenhas: podem ser desenvolvidas em relação a livros e artigos originais recentemente publicados ou a dissertações e teses apresentadas e devidamente aprovadas nos últimos 12 meses. Devem apresentar título próprio e limitar-se a cinco páginas.

Comunicações: devem ser relatos breves de pesquisas em desenvolvimento, delimitando brevemente o tema na literatura e sua relevância, os métodos empregados e os resultados preliminares encontrados. Devem limitar-se a cinco páginas.

Cartas ao editor: referem-se a comentários relevantes a artigos publicados, e devem ser limitadas a duas páginas.

4) Citações

Em todas as categorias, as citações de autores (referências) deverão seguir ordem numérica e sequencial (conforme aparecem no texto), utilizando-se algarismos arábicos sobrescritos, evitando-se o uso do nome dos autores e a data da publicação sempre que possível. No entanto, quando o uso dos nomes dos autores for imprescindível para o texto, seguir as normas do *Vancouver Style*. Por exemplo:

- Citação de um autor: Schwartzamn¹
- Citação de dois autores: Capovilla e Capovilla²
- Citação de três ou mais autores: Ciasca et al.³

Não usar caixa alta (maiúsculas) nas citações.

5) Referências

Devem ser numeradas consecutivamente, na mesma ordem em que foram citadas no texto e identificadas com números arábicos. A apresentação deverá estar baseada no formato *Vancouver Style*, conforme exemplos a seguir, e os títulos de periódicos deverão ser abreviados (sem uso de pontos) de acordo com o estilo apresentado pela *List of Journal Indexed in Index Medicus*, da *National Library of Medicine* e disponibilizados no endereço: www.ncbi.nlm.nih.gov/entrez/linkout/journals.

Em todas as referências, cite todos os autores até seis. Acima de seis, cite os seis primeiros, seguidos da expressão et al. (sem itálico).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigos de periódicos :1. Costa VP, Vasconcelos JP, Comegno PEC, Jose NK. O uso de mitomicina C em cirurgia combinada. Arq Bras Oftalmol 1999; 62:577-84.

Livros : 2. Capovilla AGS, Capovilla FC. Alfabetização: Método fônico. São Paulo: Memnon; 1991.

Capítulos de livros: 3. Routh DK. Intellectual development. In: Jacobson JW, Mulick JA [ed]. Manual of diagnosis and professional practice in mental retardation. 4. ed. Washington: American Psychological Association; 2002.

Anais: 4. Hofling-Lima AI, Belfort Jr R. Infecção herpética do recém-nascido. In: IV Congresso Brasileiro de Prevenção da Cegueira; 1980 Julho 28-30, Belo Horizonte, Brasil; 1980. [v. 2. p. 205-12].

Teses: 5. Schor P. Idealização, desenho, construção e teste de um ceratômetro cirúrgico quantitativo [tese]. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo; 1997.

Documentos eletrônicos: 6. Monteiro MLR, Scapolan HB. Construção campimétrica causada por vigabatrin. Arq Bras Oftalmol [periódico online] 2000; 63(3). Disponível em: <http://www.abonet.com.br/abo/abo63511.htm>.

Importante:

- 1) A despeito de TEMAS SOBRE DESENVOLVIMENTO receber trabalhos de diferentes áreas do conhecimento, não serão aceitos trabalhos estruturados com quaisquer outras normas (ABNT, APA etc.) para citações e referências bibliográficas.
- 2) Não italizar nem negritar qualquer componente das referências.
- 3) A pontuação utilizada para separação dos elementos da referência bibliográfica deverá ser rigorosamente obedecida.

TABELAS

Cada tabela deve ser impressa em folha separada, com espaço duplo. A numeração deve ser sequencial, em algarismos arábicos, na ordem em que sejam obrigatoriamente citadas no texto. Todas as tabelas devem ter título e cabeçalho para todas as colunas. No rodapé da tabela deve constar legenda para abreviaturas (indispensáveis) e testes estatísticos utilizados, se houver. As tabelas só devem ser usadas quando trouxerem informações não contidas no texto. Deve-se evitar o uso de tabelas para mera repetição de dados que constem do texto. Não usar tabulação na confecção das tabelas. As tabelas deverão ser confeccionadas obrigatoriamente no *Word for Windows*, em formato doc. Não serão aceitas tabelas em formato de imagem.

FIGURAS

Gráficos, fotografias e quaisquer outras ilustrações devem ser apresentadas em preto e branco, sempre no tamanho 9 cm x 6 cm, em páginas separadas. Não devem ser inseridas no texto. A numeração deve ser sequencial, em algarismos

arábicos, na ordem em que sejam obrigatoriamente citadas no texto. Todas as figuras devem ter título. Caso o material seja aprovado para publicação, os arquivos digitais das figuras devem obrigatoriamente estar em extensão ".tiff".

ABREVIATURAS E SIGLAS

Devem ser precedidas do nome completo quando citadas pela primeira vez. Nas legendas das tabelas e figuras, devem ser acompanhadas de seu significado. Não devem ser usadas no título nem no resumo do trabalho, a menos que universalmente aceitas (por exemplo, "EUA"; "cm"; "O₂" etc.)

LINGUAGEM

É fundamental que o trabalho passe por revisão linguística adequada, evitando-se erros de ortografia e gramática. Quando o uso de uma palavra estrangeira for absolutamente necessário, ela deve aparecer em *italico*. O uso de neologismos e termos retirados de traduções inadequadas deve ser evitado. Na ausência de alternativa, esses termos devem ser grafados "entre aspas". Citações de texto de outros autores também devem estar entre aspas, e não italizadas.

ANEXO B

Diretrizes para publicação na revista DISTÚRBIOS DA COMUNICAÇÃO INSTRUÇÕES AOS AUTORES

Serão aceitos para apreciação apenas trabalhos originais em português, inglês ou espanhol, que não tenham sido anteriormente publicados, nem que estejam em processo de análise por outra revista científica. Podem ser encaminhados: ARTIGOS ORIGINAIS, COMUNICAÇÕES, RESENHAS, RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES.

Os trabalhos submetidos à revista, que atenderem às "Instruções aos Autores" e que se coadunem com a sua política editorial são encaminhados ao Corpo Editorial que considerará o mérito científico da contribuição. Aprovados nesta fase, os trabalhos são encaminhados aos relatores previamente selecionados. Cada trabalho é enviado para dois relatores de reconhecida competência na temática abordada. O anonimato é garantido durante todo o processo de julgamento.

SUBMISSÃO DE ARTIGO PARA A REVISTA DISTÚRBIOS DA COMUNICAÇÃO

Ao ser submetido o artigo:

- Será analisado quanto à política editorial da revista que considerará o mérito científico da contribuição;
- Em caso de aprovação na primeira instância pelo Corpo Editorial, o mesmo será enviado a dois relatores de reconhecida competência na temática abordada, momento em que será garantido o anonimato dos autores; a decisão sobre a aceitação é tomada pelo Conselho de Editores e os pareceres serão divulgados aos autores.
- Quando recusados, mas com a possibilidade de reformulação, poderão retornar como novo trabalho, iniciando outro processo de julgamento.

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

O artigo deve:

- Ser encaminhado para uma das CATEGORIAS DE PUBLICAÇÃO, a saber:
 - ARTIGOS ORIGINAIS - São contribuições destinadas a divulgar resultados de pesquisa original inédita, que possam ser replicados e/ou generalizados ou uma análise crítica de teorias. O autor deve deixar claro quais as questões que pretende responder e explicitar o método científico adotado. Nesta categoria será aceita revisão bibliográfica sistemática da literatura, de material publicado sobre um assunto específico e atualizações sobre o tema. Estudos de casos podem ser aceitos nesta seção, desde que apresentem relato de casos não

rotineiros. Os textos não devem ultrapassar 25 páginas, incluindo as referências.

- **COMUNICAÇÕES** - são textos sintéticos sobre experiências clínicas, revisão bibliográfica não-sistemática ou outros assuntos de interesse da Fonoaudiologia. Os textos não devem ultrapassar 20 páginas, incluindo as referências.
 - **RESENHAS** - podem ser de artigos ou livros; não devem se restringir a resumos das obras e sim apresentar uma análise crítica, reflexiva e ter no máximo 2000 palavras. Pode ou não ter referências bibliográficas.
 - **RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES** - são textos breves (até 500 palavras) sobre dissertações e teses recentemente defendidas nas áreas de interesse da revista. Devem ser enviados à revista com nome do autor, orientador, banca examinadora, data e instituição de defesa.
- Estar em língua portuguesa, em inglês ou em espanhol
 - Ser enviado pelo site www.pucsp.br/revistadisturbios
 - Ser encaminhado o termo de transferência de direitos autorais com a identificação do número do artigo pelo email revisdic@pucsp.br, assinado por todos os autores, garantindo que o artigo nunca foi publicado e nem enviado a outra revista, reservando o direito de exclusividade à revista Distúrbios da Comunicação; no caso de RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES não é necessário o envio desta carta e o resumo pode ser publicado em diversos periódicos com o objetivo de divulgação.
 - Ser formatado em folha tamanho A4 (210mm X 297mm), digitado em Word for Windows, usando fonte Arial, tamanho 12, em espaço simples, com margens de 25mm em ambos os lados.
 - As referências bibliográficas devem seguir formato denominado “Vancouver Style”.
 - Deve conter os seguintes itens:
 - Página de rosto com: categoria de publicação (original, comunicação, resenha ou resumo); título do artigo, curto e objetivo; versão exata do título para o inglês e espanhol; primeiro e último nome dos autores e iniciais dos nomes intermediários; titulação mais importante e relevante de cada autor; instituição à qual o trabalho está vinculado; nome, endereço, telefone, e-mail do autor responsável pela correspondência; se o trabalho foi apresentado, especificar qual o congresso, com data e cidade; fonte de suporte ou financiamento se for o caso. Todas as páginas devem ser numeradas a partir da página de identificação.
 - Segunda página deve ter resumo com no máximo 250 palavras em português, inglês, e espanhol, tanto para os ARTIGOS ORIGINAIS, quanto para as COMUNICAÇÕES. No caso de ARTIGO ORIGINAL deve ser estruturado com introdução, objetivo, material e método,

resultados e conclusões. No caso de COMUNICAÇÃO, o resumo não precisa necessariamente ser estruturado dessa forma. Abaixo do resumo, deve conter três a seis descritores (em português, inglês e espanhol), que são palavras-chave, e que auxiliarão a inclusão adequada do resumo nos bancos de dados bibliográficos; para tal, empregar a lista de "Descritores em Ciências da Saúde", elaborada pela Biblioteca Regional de Medicina e disponível nas bibliotecas médicas e no site <http://decs.bvs.br> ou no Thesaurus of Psychological Index Terms, da American Psychological Association. Para as categorias de RESENHA e RESUMO DE DISSERTAÇÃO E TESE essa formatação não se aplica.

- Texto a partir da 3ª página

Para os ARTIGOS ORIGINAIS: devem conter a) introdução com revisão de literatura e objetivo; b) material e método; c) resultados; d) discussão; e) conclusões; f) referências bibliográficas. Especificamente quando se tratar de estudo de caso, deverá ter a descrição do histórico, condutas e procedimentos. Devem seguir os itens Introdução (com breve revisão da literatura), Apresentação do Caso Clínico, Discussão, Comentários Finais e Referências.

As referências dos artigos devem conter até 30 referências atualizadas, preferencialmente 70% de periódicos e 30% de livros, dissertações e teses. As referências de periódicos devem citar publicações de periódicos nacionais e internacionais. As informações contidas em tabelas e figuras não devem ser apresentadas no texto. A Introdução deve ser curta, definindo o problema estudado, sintetizando sua importância e destacando as lacunas do conhecimento ("estado da arte") que serão abordadas no artigo. Os métodos empregados, a população estudada, a fonte de dados e critérios de seleção, dentre outros, devem ser descritos de forma compreensiva e completa, mas sem prolixidade. A seção de Resultados deve se limitar a descrever os resultados encontrados sem incluir interpretações/comparações e devem ser separados da discussão. O texto deve complementar e não repetir o que está descrito em tabelas e figuras. Essas não devem exceder o número de 10, e estarem ao final do artigo. A discussão deve começar apreciando as limitações do estudo, seguida da comparação com a literatura e da interpretação dos autores, extraindo as conclusões e indicando os caminhos para novas pesquisas. Estudos experimentais envolvendo seres humanos devem fazer referência à aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição a que está vinculada a pesquisa.

Para COMUNICAÇÃO: deve conter, de forma estruturada ou não, uma introdução com apresentação da proposta, a descrição e finalmente as considerações finais. O manuscrito deve ter até 20 páginas, digitadas em espaço simples, incluindo-se as referências bibliográficas. No caso de haver tabelas (ou figuras), apenas um máximo de 10, devem ser colocadas na sequência, ao final do texto. As referências das COMUNICAÇÕES devem conter até 30 referências, atualizadas preferencialmente 70% de periódicos e 30% de livros, dissertações e teses. As referências de periódicos devem citar publicações de periódicos nacionais e

internacionais.

Para RESENHA: deve conter um título, seguido dos autores e da referência completa do artigo ou livro a ser resenhado. O título pode ou não ser o mesmo do material resenhado. A análise crítica e reflexiva deve ter até 2000 palavras, e no caso de haver referências bibliográficas, essas não devem exceder a 10.

Para RESUMO: são textos breves (até 500 palavras) sobre dissertações e teses recentemente defendidas nas áreas de interesse da revista. Devem ser enviados à revista com nome do autor, orientador, banca examinadora, data e instituição de defesa.

Observações:

1. Apresentação de abreviaturas: no caso de apresentar abreviaturas ou siglas essas devem ser precedidas do nome completo quando citadas pela primeira vez. Nas legendas das tabelas e figuras devem ser acompanhadas de seu nome por extenso. Quando presentes em tabelas e figuras, as abreviaturas e siglas devem estar com os respectivos significados nas legendas. Não devem ser usadas no título e nos resumos. Valores de grandezas físicas devem ser referidos nos padrões do Sistema Internacional de Unidades, disponível no endereço: <http://www.inmetro.gov.br/infotec/publicacoes/Si/si.htm>.

2. Apresentação dos títulos de periódicos: deverão ser abreviados de acordo com o estilo apresentado pela List of Journal Indexed in Index Medicus, da National Library of Medicine e disponibilizados no endereço: <http://nlmpubs.nlm.nih.gov/online/journals/ljiweb.pdf>

3. Apresentação das referências bibliográficas: devem seguir os seguintes exemplos:

Artigos de Periódicos

Autor(es) do artigo. Título do artigo. Título do periódico abreviado. Data, ano de publicação; volume(número):página inicial-final do artigo.

Ex.: Shriberg LD, Flipsen PJ, Thielke H, Kwiatkowski J, Kertoy MK, Katcher ML et al. Risk for speech disorder associated with early recurrent otitis media with effusions: two retrospective studies. J Speech Lang Hear Res. 2000;43(1):79-99. Observação: Quando as páginas do artigo consultado apresentarem números coincidentes, eliminar os dígitos iguais. Ex: p. 320-329; usar 320-9.

Ex.: Halpern SD, Ubel PA, Caplan AL. Solid-organ transplantation in HIV-infected patients. N Engl J Med. 2002Jul;25(4):284-7.

Ausência de Autoria

Título do artigo. Título do periódico abreviado. Ano de publicação; volume(número):página inicial-final do artigo.

Ex.: Combating undernutrition in the Third World. Lancet. 1988;1(8581):334-6.

Livros

Autor(es) do livro. Título do livro. Edição. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação.

Ex.: Murray PR, Rosenthal KS, Kobayashi GS, Pfaller MA. Medical microbiology. 4th ed. St. Louis: Mosby; 2002.

Capítulos de Livro

Autor(es) do capítulo. Título do capítulo. "In": nome(s) do(s) autor(es) ou editor(es). Título do livro. Edição. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação. Página inicial-final do capítulo.

Ex.: Meltzer PS, Kallioniemi A, Trent JM. Chromosome alterations in human solid tumors. In: Vogelstein B, Kinzler KW, editors. The genetic basis of human cancer. New York: McGraw-Hill; 2002. p. 93-113.

Observações: Na identificação da cidade da publicação, a sigla do estado ou província pode ser também acrescentada entre parênteses. Ex.: Berkeley (CA); e quando se tratar de país pode ser acrescentado por extenso. Ex.: Adelaide (Austrália);

Quando for a primeira edição do livro, não há necessidade de identificá-la; A indicação do número da edição será de acordo com a abreviatura em língua portuguesa. Ex.: 4ª ed.

Anais de Congressos

Autor(es) do trabalho. Título do trabalho. Título do evento; data do evento; local do evento. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação.

Ex.: Harnden P, Joffe JK, Jones WG, editors. Germ cell tumours V. Proceedings of the 5th Germ Cell Tumour Conference; 2001 Sep 13-15; Leeds, UK. New York: Springer; 2002.

Trabalhos apresentados em congressos

Autor(es) do trabalho. Título do trabalho apresentado. "In": editor(es) responsáveis pelo evento (se houver). Título do evento: Proceedings ou Anais do título do evento; data do evento; local do evento. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação. Página inicial-final do trabalho.

Ex.: Christensen S, Oppacher F. An analysis of Koza's computational effort statistic for genetic programming. In: Foster JA, Lutton E, Miller J, Ryan C, Tettamanzi AG, editors. Genetic programming. EuroGP 2002: Proceedings of the 5th European Conference on Genetic Programming; 2002 Apr 3-5; Kinsdale, Ireland. Berlin: Springer; 2002. p. 182-91.

Dissertação, Tese e Trabalho de Conclusão de curso:

Autor. Título do trabalho [tipo do documento]. Cidade da instituição (estado):

instituição; Ano de defesa do trabalho.

Ex.: Borkowski MM. Infant sleep and feeding: a telephone survey of Hispanic Americans [dissertation]. Mount Pleasant (MI): Central Michigan University; 2002.

Ex.: Tannouril AJR, Silveira PG. Campanha de prevenção do AVC: doença carotídea extracerebral na população da grande Florianópolis [trabalho de conclusão de curso]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina.

Curso de Medicina. Departamento de Clínica Médica; 2005.

Ex.: Cantarelli A. Língua: que órgão é este? [monografia]. São Paulo (SP): CEFAC – Saúde e Educação; 1998.

Material Não Publicado (No Prelo)

Autor(es) do artigo. Título do artigo. Título do periódico abreviado. Indicar no prelo e o ano provável de publicação após aceite.

Ex.: Tian D, Araki H, Stahl E, Bergelson J, Kreitman M. Signature of balancing selection in Arabidopsis. Proc Natl Acad Sci USA. No prelo 2002.

Material Audiovisual

Autor(es). Título do material [tipo do material]. Cidade de publicação: Editora; ano.

Ex.: Marchesan IQ. Deglutição atípica ou adaptada? [Fita de vídeo]. São Paulo (SP): Pró-Fono Departamento Editorial; 1995. [Curso em Vídeo].

Documentos eletrônicos

ASHA: American Speech and Hearing Association. Otitis media, hearing and language development. [cited 2003 Aug 29]. Available from: http://asha.org/consumers/brochures/otitis_media.htm. 2000

Artigo de Periódico em Formato Eletrônico

Autor do artigo(es). Título do artigo. Título do periódico abreviado [periódico na Internet]. Data da publicação [data de acesso com a expressão “acesso em”]; volume (número): [número de páginas aproximado]. Endereço do site com a expressão “Disponível em:”.

Ex.: Abood S. Quality improvement initiative in nursing homes: the ANA acts in an advisory role. Am J Nurs [serial on the Internet]. 2002 Jun [cited 2002 Aug 12]; 102(6):[about 3 p.]. Available from: <http://www.nursingworld.org/AJN/2002/june/Wawatch.htm>

Monografia na Internet

Autor(es). Título [monografia na Internet]. Cidade de publicação: Editora; data da publicação [data de acesso com a expressão “acesso em”]. Endereço do site com a expressão “Disponível em:”.

Ex.: Foley KM, Gelband H, editores. Improving palliative care for cancer

[monografia na Internet]. Washington: National Academy Press; 2001 [acesso em 2002 Jul 9]. Disponível em: <http://www.nap.edu/books/0309074029/html/>

Cd-Rom, DVD, Disquete

Autor (es). Título [tipo do material]. Cidade de publicação: Produtora; ano.

Ex.: Anderson SC, Poulsen KB. Anderson's electronic atlas of hematology [CD-ROM]. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins; 2002.

Homepage

Autor(es) da homepage (se houver). Título da homepage [homepage na Internet]. Cidade: instituição; data(s) de registro* [data da última atualização com a expressão “atualizada em”; data de acesso com a expressão “acesso em“]. Endereço do site com a expressão “Disponível em.”

Ex.: Cancer-Pain.org [homepage na Internet]. New York: Association of Cancer Online Resources, Inc.; c2000-01 [atualizada em 2002 May 16; acesso em 2002 Jul 9]. Disponível em: <http://www.cancer-pain.org/>

Bases de dados na Internet

Autor(es) da base de dados (se houver). Título [base de dados na Internet]. Cidade: Instituição. Data(s) de registro [data da última atualização com a expressão “atualizada em” (se houver); data de acesso com a expressão “acesso em“]. Endereço do site com a expressão “Disponível em.”

Ex.: Jablonski S. Online Multiple Congenital Anomaly/Mental Retardation (MCA/MR) Syndromes [base de dados na Internet]. Bethesda (MD): National Library of Medicine (US). [EMGB1] 1999 [atualizada em 2001 Nov 20; acesso em 2002 Aug 12]. Disponível em: http://www.nlm.nih.gov/mesh/jablonski/syndrome_title.html

Apresentação de tabelas, figuras e legendas

Tabelas

As tabelas devem estar após as referências bibliográficas. Devem ser auto-explicativas, dispensando consultas ao texto ou outras tabelas e numeradas consecutivamente, em algarismos arábicos, na ordem em que foram citadas no texto. Devem conter título na parte superior, em caixa alta, sem ponto final, alinhado pelo limite esquerdo da tabela, após a indicação do número da tabela. Abaixo de cada tabela, no mesmo alinhamento do título, devem constar a legenda, testes estatísticos utilizados (nome do teste e o valor de p), e a fonte de onde foram obtidas as informações (quando não forem do próprio autor). O traçado deve ser simples em negrito na linha superior, inferior e na divisão entre o cabeçalho e o conteúdo. Não devem ser traçadas linhas verticais externas; pois estas configuram quadros e não tabelas.

Figuras (gráficos, fotografias, ilustrações, quadros)

[
Cada figura deve ser inserida em página separada após as referências bibliográficas. Devem ser numeradas consecutivamente, em algarismos arábicos, na ordem em que foram citadas no texto. As legendas devem ser apresentadas de forma clara, descritas abaixo das figuras, fora da moldura. Na utilização de testes estatísticos, descrever o nome do teste, o valor de p, e a fonte de onde foram obtidas as informações (quando não forem do próprio autor). Os gráficos devem, preferencialmente, ser apresentados na forma de colunas. No caso de fotos, indicar detalhes com setas, letras, números e símbolos, que devem ser claros e de tamanho suficiente para comportar redução. Deverão estar no formato JPG (Graphics Interchange Format) ou TIF (Tagged Image File Format), em alta resolução (mínimo 300 dpi) para que possam ser reproduzidas. Reproduções de ilustrações já publicadas devem ser acompanhadas da autorização da editora e autor. Todas as ilustrações deverão ser em preto e branco.

Legendas

Elaborar as legendas usando espaço duplo, uma em cada página separada. Cada legenda deve ser numerada em algarismos arábicos, correspondendo a cada tabela ou figura e na ordem em que foram citadas no trabalho.

PARA MAIORES INFORMAÇÕES:

PEPG em Fonoaudiologia da PUC-SP.

Rua Monte Alegre, 984, sala 4E-13, Perdizes, São Paulo – SP

E-mail: revisdic@pucsp.br

Telefone: (11) 3670-8518 (Virgínia)

ANEXO C

Diretrizes para publicação na revista LETRAS DE HOJE

ARTIGOS

- Os artigos devem ter de 15 a 20 páginas, digitadas em fonte Arial, corpo 12, espaçamento 1,5 e margens 2,5cm, em papel tamanho A4.
- O título, com a primeira letra maiúscula, deve estar destacado em negrito, com alinhamento centralizado e entrelinha simples. Na linha seguinte, deve ser indicada a versão do título em inglês.
- O nome do(s) autor(es) deve estar centralizado(s) abaixo do título (em inglês), seguido, em nova linha, do nome da instituição (por extenso) a que pertence.
- O resumo, de 100 a 150 palavras, em português e em inglês, deve ser em corpo 11, alinhamento justificado, entrelinha simples. O termo “Resumo” deve estar em negrito, seguido de dois pontos.
- As palavras-chave, em português e em inglês, devem ter a mesma configuração do resumo. O termo “Palavras-chave” deve estar em negrito, seguido de dois pontos. Extensão de 3 a 5 palavras, separadas entre si por ponto e vírgula e concluídas com ponto final. Para facilitar a localização em consultas bibliográficas, as palavras-chave devem corresponder a conceitos gerais da área do trabalho.
- Imagens, quadros ou gráficos que acompanhem o texto devem: constar dentro do documento no espaço previsto; ser enviados em arquivos separados, para o caso de problemas na formatação.
- Artigos que utilizem símbolos fonéticos devem ser salvos incorporando fontes “true type”.
- As referências, com a primeira letra maiúscula, destaque em negrito, entrelinha simples, devem seguir as normas da ABNT, com os nomes completos dos autores ou organizadores das obras, bem como com a indicação de tradutores, quando for o caso.

RESENHAS

As resenhas devem:

- Tratar de livros relevantes para as áreas de Linguística e Literatura, publicados até dois anos antes da data de submissão da resenha.
- Ter a extensão de três a oito páginas (mesmo formato do artigo).
- Trazer destacada, antes do título, a referência completa da obra resenhada.

TEXTOS FICCIONAIS OU POÉTICOS

Os textos ficcionais ou poéticos, de extensão não maior que dez páginas, devem trazer indicação de autor e instituição. De forma a respeitar a criatividade desse tipo de texto, a formatação é livre.

ORIENTAÇÕES GERAIS PARA TODAS AS MODALIDADES DE TRABALHOS

- Todos os trabalhos devem ser acompanhados de biodata(s), de 70 a 100 palavras, constando nome completo do autor, e-mail, formação, vínculo institucional e atividades acadêmicas atuais.
- Todo material deve passar por prévia revisão textual antes de ser apresentado à Revista.

ANEXO D



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Projeto: CAAE – 0418.0.203.000-11

Interessado(a): Profa. Sirley Alves da Silva Carvalho
Departamento de Fonoaudiologia
Faculdade de Medicina- UFMG

DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 04 de outubro de 2011, após atendidas as solicitações de diligência, o projeto de pesquisa intitulado **"Relação entre audição, desenvolvimento de linguagem e reconhecimento do próprio nome em bebês"** bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Maria Teresa Marques Amaral', is written over a faint rectangular stamp.

Prof. Maria Teresa Marques Amaral
Coordenadora do COEP-UFMG

ANEXO E


AVALIAÇÃO AUDITIVA INFANTIL
 Protocolo Adaptado para Pesquisa

Nome: _____ Nº _____

D.N. ___/___/___ Idade: _____ Data avaliação: ___/___/___

OBSERVAÇÃO DO COMPORTAMENTO AUDITIVO

INSTRUMENTO	TIPO DE REAÇÃO
GUIZO I	
GUIZO II	
AGOGÔ	
TAMBOR	

- () RCP
 () Startle
 () Habituação

A	Resposta Ausente
PF	Proc. Fonte Sonora
LLD / LLE	Localização Lateral
LD \uparrow/\downarrow	Localização direta para cima / para baixo
LI \uparrow/\downarrow	Localização indireta para cima / para baixo
S	Startle
RCP	Reflexo Cocleo Palpebral
HA	Habituação

DETECÇÃO DE VOZ

- X Detecta
 O Discrimina

Reação a VOZ DA MÃE: () Sim () Não

Hz	/a/		/u/		/i/		/s/		/f/	
	OD	OE								

EMISSIONES OTOACÚSTICAS EVOCADAS POR ESTÍMULO TRANSIENTE
 Analisador de emissões otoacústicas: ILO 92
 Calibração: ___/___/___

Protocolo:
 Estimulo click não-linear, amplitude 80 dBNPS
 Janela: 520 ms
 Frequência: 1,2 – 3,5 kHz
 Estabilidade mínima da sonda: 95%
 Rejeição de artefatos: 20 mPa

Critério de Normalidade:
 Reprodutibilidade mínima: 70%
 Amplitude mínima TE: 0 dB
 Relação TE/NF: >= 6 dB

Parâmetros	ORELHA DIRETA	ORELHA ESQUERDA
Estabilidade da sonda		
Reprodutibilidade		
Eco (TE)		
Ruído de Fundo (NF)		
Relação eco/ruído (TE/NF)		

CONCLUSÃO:

ANEXO F

Protocolo Adaptado para Crianças de 0 a 24 meses

Nome: _____ RG: _____ Nasc.: _____ I.G.: _____

Data:	Idade Cronológica:	Idade Corrigida:	Observadoras:

Aspectos/Marcos do Desenvolvimento	Anamnese						Avaliação							
	2	4	6	9	12	18	24	2	4	6	9	12	18	24
1. Procura o bico do seio ao encostá-lo próximo à boca?														
2. Olha para a pessoa que a observa?														
3. Dá mostras de prazer e desconforto?														
4. Acompanha objetos em movimento com os olhos?														
5. Acalma-se ao ouvir vozes familiares?														
6. Começa a diferenciar dia/noite														
7. Arruiha e sorri espontaneamente														
8. Suga com força e de forma ritmada?														
9. Recebe aleitamento natural? Até quando?														
10. Quando está dormindo assusta ou acorda com som alto?														
11. Reage ao "manhês"?														
12. Você acha que a criança escuta?														
13. Mantém o furo original do bico da mamadeira?														
14. Usa Chupeta?														
15. Tem sono tranquilo?														
16. Faz contato de olhos?														
17. Chora de diferentes maneiras?														
18. Murmura para si mesmo ou faz barulho?														
19. Dorme mais à noite do que de dia?														
20. Sorri para os outros?														
21. Conta com a ajuda de outra pessoa mas não fica passiva?														
22. Vira a cabeça na direção de uma voz ou objeto sonoro?														
23. Engole com facilidade?														
24. Ingere alimento amassado?														

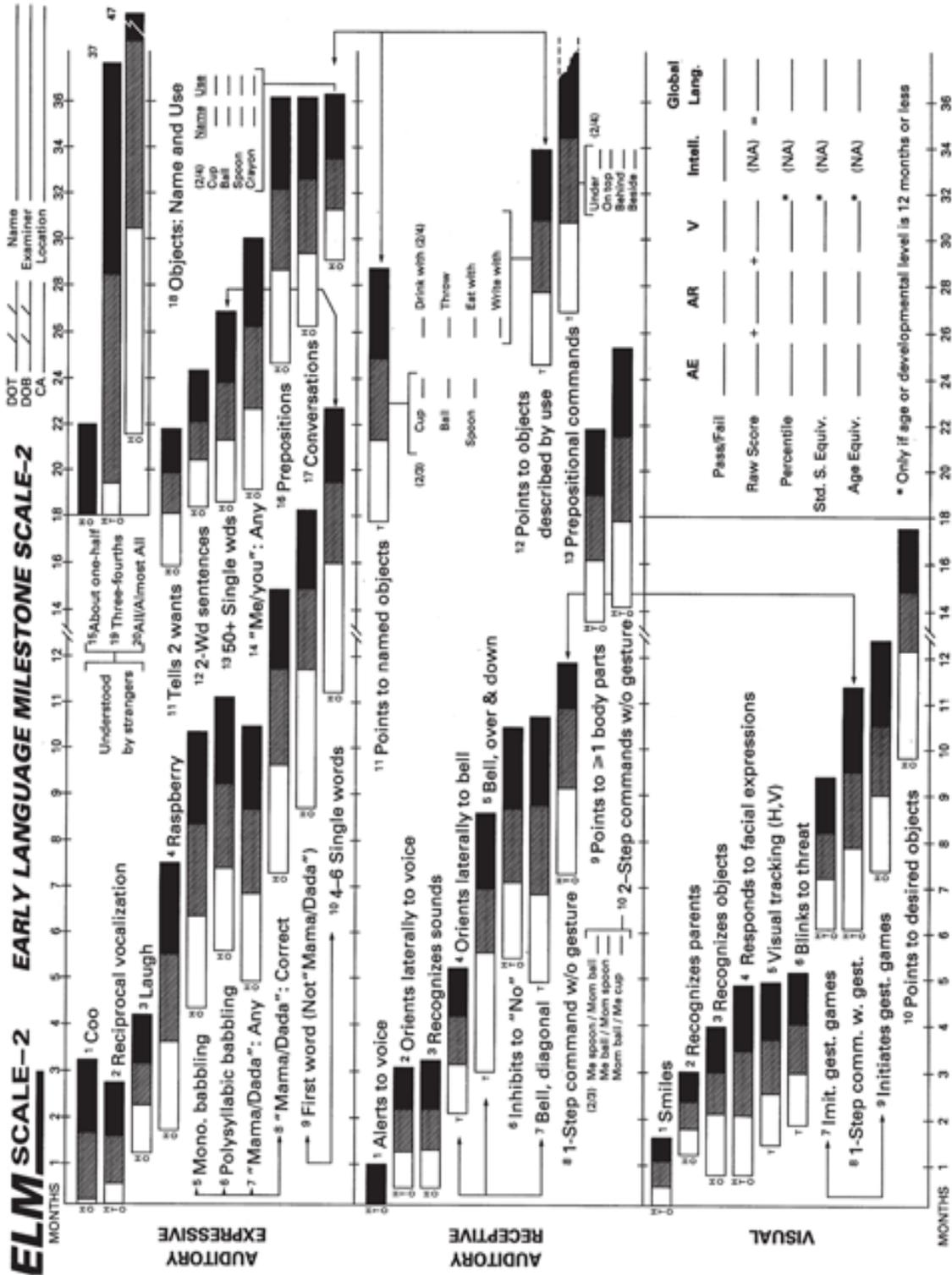
Aspectos/Marcos do Desenvolvimento	Anamnese						Avaliação							
	2	4	6	9	12	18	24	2	4	6	9	12	18	24
25. Ingere alimento em pedaços?														
26. Ingere alimento em grãos?														
27. Ingere alimento peneirados?														
28. Produz sons com variação de entonação?														
29. Emite sons-balbucia?														
30. Responde diferentemente à pessoas familiares e/ou estranhos?														
31. Reconhece quando se dirigem a ela?														
32. Leva objetos à boca?														
33. Imita pequenos gestos e brincadeiras?														
34. Aceita o copo?														
35. Estranha pessoas não familiares?														
36. Repete a mesma ação motora?														
37. Brinca de esconde-esconde?														
38. Utiliza-se da voz para chamar a atenção?														
39. Sorri e vocaliza ao ver sua imagem refletida no espelho?														
40. Reconhece seu nome?														
41. Emprega pelo menos uma palavra com sentido?														
42. Faz gestos com a mão e a cabeça? (tchau, não, bate palmas, etc)														
43. Aponta para pedir as coisas?														
44. Emite três palavras com significado?														
45. Reage ao "não"?														
46. Chama-se de nenê?														
47. Entende situações de proibição?														
48. Combina 2/3 palavras pelo menos?														
49. Indica suas vontades vocalizando?														
50. Distancia-se da mãe sem perdê-la de vista?														
51. Aceita a companhia de outras crianças, mas brinca isoladamente?														
52. Diz seu próprio nome e nomeia objetos como sendo seu?														
53. Usa frases?														
54. Brinca com outras crianças?														
55. Imita pessoas da vida cotidiana? (pai, mãe, médico, etc)														
56. Começa o controle esfinteriano?														

Adaptado de PARLATO, E.M. et al. Triagem auditiva em bebês de 2 a 12 meses. Pro-Fono Revista de Atualização Científica. v.6,n.1,1994.

Observações:

ANEXO G

Escala de Linguagem ELM



ANEXO H

Resultados estatísticos - análise exploratória Grupo 1 e Grupo 2

CATEGORIA 1

Tabela 1: Busca do olhar x Evocação PN ou ON x IDADE

Idade	Busca olhar	Tipo de Evocação		Valor-p
		PN	ON	
6 meses	Sim	80,3%	80,3%	1,00
	Não	19,7%	19,7%	
7 meses	Sim	82,9%	78,0%	0,58
	Não	17,1%	22,0%	

CATEGORIA 2

Tabela 2: Busca do olhar x Evocação PN ou ON x IDADE

Idade	Busca olhar	Tipo de Evocação		Valor-p
		PN	ON	
6 meses	Sim	77,6%	86,2%	0,23
	Não	22,4%	13,8%	
7 meses	Sim	82,9%	67,6%	0,14
	Não	17,1%	32,4%	

CATEGORIA 3

Tabela 3: Busca do olhar x Evocação PN ou ON x IDADE

Idade	Busca olhar	Tipo de Evocação		Valor-p
		PN	ON	
6 meses	Sim	80,0%	83,3%	0,74
	Não	20,0%	16,7%	
7 meses	Sim	75,0%	81,2%	0,67
	Não	25,0%	18,8%	

Tabela 4: Busca do olhar x Evocação PN ou ON x SEXO

Sexo	Busca olhar	Tipo de Evocação		Valor-p
		PN	ON	
Feminino	Sim	78,3%	80,4%	0,80
	Não	21,7%	19,6%	
Masculino	Sim	83,9%	78,6%	0,47
	Não	16,1%	21,4%	

Tabela 5: Busca do olhar x Evocação PN ou ON x SEXO

Sexo	Busca olhar	Tipo de Evocação		Valor-p
		PN	ON	
Feminino	Sim	70,3%	80,6%	0,31
	Não	29,7%	19,4%	
Masculino	Sim	85,7%	78,6%	0,32
	Não	14,3%	21,4%	

Tabela 6: Busca do olhar x Evocação PN ou ON x SEXO

Sexo	Busca olhar	Tipo de Evocação		Valor-p
		PN	ON	
Feminino	Sim	77,8%	88,9%	0,37
	Não	22,2%	11,1%	
Masculino	Sim	78,6%	78,6%	1,00
	Não	21,4%	21,4%	

Tabela 7: Busca do olhar x Evocação PN ou ON x CRECHE

CRECHE	Busca olhar	Tipo de Evocação		Valor-p
		PN	ON	
Não	Sim	81,7%	78,5%	0,58
	Não	18,3%	21,5%	
Sim	Sim	77,8%	88,9%	0,53
	Não	22,2%	11,1%	

Tabela 8: Busca do olhar x Evocação PN ou ON x CRECHE

CRECHE	Busca olhar	Tipo de Evocação		Valor-p
		PN	ON	
Não	Sim	77,4%	77,1%	0,97
	Não	22,6%	22,9%	
Sim	Sim	100,0%	100,0%	-
	Não	0,0%	0,0%	

Tabela 9: Busca do olhar x Evocação PN ou ON x CRECHE

CRECHE	Busca olhar	Tipo de Evocação		Valor-p
		PN	ON	
Não	Sim	75,0%	85,0%	0,26
	Não	25,0%	15,0%	
Sim	Sim	100,0%	66,7%	0,12
	Não	0,0%	33,3%	

Tabela 10: Tempo médio de permanência do olhar por sexo – PN

PN	Categoria 1		Categoria 2		Categoria 3	
	M (n=11)	F (n=10)	M (n=11)	F (n=7)	M (n=6)	F (n=3)
Tempo médio (segundos)	5,51	7,21	5	4,73	4,68	5,8
Valor-p	0,15		0,65		0,80	

Tabela 11: Tempo médio de permanência do olhar por sexo – ON

ON	Categoria 1		Categoria 2		Categoria 3	
	M (n=11)	F (n=10)	M (n=11)	F (n=7)	M (n=11)	F (n=10)
Tempo médio (segundos)	5,53	6,81	5,72	6,27	5,78	4,93
Valor-p	0,26		0,75		0,80	

Tabela 12: Tempo médio de permanência do olhar por idade em meses – PN

PN	Categoria 1		Categoria 2		Categoria 3	
	6M (n=13)	7M (n=8)	6M (n=12)	7M (n=6)	6M (n=8)	7M (n=1)
Tempo médio (segundos)	6,67	5,75	5,15	4,38	4,93	6
Valor-p	0,35		0,93		0,44	

Tabela 13: Tempo médio de permanência do olhar por idade em meses – ON

ON	Categoria 1		Categoria 2		Categoria 3	
	6M (n=13)	7M (n=8)	6M (n=12)	7M (n=6)	6M (n=8)	7M (n=1)
Tempo médio (segundos)	6,8	5,05	5,62	6,58	5,56	5
Valor-p	0,17		0,33		1,00	

Tabela 14: Tempo médio de permanência do olhar x frequenta creche – PN

PN	Categoria 1		Categoria 2		Categoria 3	
	Sim (n=3)	Não (n=18)	Sim (n=3)	Não (n=15)	Sim (n=2)	Não (n=7)
Tempo médio (segundos)	4,44	6,63	5,81	4,71	4,78	5,13
Valor-p	0,18		0,29		1,00	

Tabela 15: Tempo médio de permanência do olhar x frequenta creche – ON

ON	Categoria 1		Categoria 2		Categoria 3	
	Sim (n=3)	Não (n=18)	Sim (n=3)	Não (n=15)	Sim (n=2)	Não (n=7)
Tempo médio (segundos)	5	6,32	4,52	6,22	3,78	5,98
Valor-p	0,25		0,24		0,56	

Resultados estatísticos - análise exploratória Grupo 1

CATEGORIA 1

Tabela 1: Busca do olhar x Evocação PN ou ON x IDADE

Idade	Busca olhar	Tipo de Evocação		Valor-p
		PN	ON	
6 meses	Sim	82,1%	92,3%	0,18
	Não	17,9%	7,7%	
7 meses	Sim	91,7%	75,0%	0,25
	Não	8,3%	25,0%	

Tabela 4: Busca do olhar x Evocação PN ou ON x SEXO

Sexo	Busca olhar	Tipo de Evocação		Valor-p
		PN	ON	
Feminino	Sim	86,7%	86,7%	1,00
	Não	13,3%	13,3%	
Masculino	Sim	84,8%	84,8%	1,00
	Não	15,2%	15,2%	

Tabela 7: Busca do olhar x Evocação PN ou ON x CRECHE

CRECHE	Busca olhar	Tipo de Evocação		Valor-p
		PN	ON	
Não	Sim	87,0%	85,2%	0,78
	Não	13,0%	14,8%	
Sim	Sim	77,8%	88,9%	0,53
	Não	22,2%	11,1%	

CATEGORIA 2

Tabela 2: Busca do olhar x Evocação PN ou ON x IDADE

Idade	Busca olhar	Tipo de Evocação		Valor-p
		PN	ON	
6 meses	Sim	88,9%	97,2%	0,36
	Não	11,1%	2,8%	
7 meses	Sim	77,8%	70,6%	0,71
	Não	22,2%	29,4%	

Tabela 5: Busca do olhar x Evocação PN ou ON x SEXO

Sexo	Busca olhar	Tipo de Evocação		Valor-p
		PN	ON	
Feminino	Sim	76,2%	80,0%	0,77
	Não	23,8%	20,0%	
Masculino	Sim	90,9%	93,9%	0,64
	Não	9,1%	6,1%	

Tabela 8: Busca do olhar x Evocação PN ou ON x CRECHE

CRECHE	Busca olhar	Tipo de Evocação		Valor-p
		PN	ON	
Não	Sim	82,2%	86,4%	0,59
	Não	17,8%	13,6%	
Sim	Sim	100,0%	100,0%	-
	Não	0,0%	0,0%	

CATEGORIA 3

Tabela 3: Busca do olhar x Evocação PN ou ON x IDADE

Idade	Busca olhar	Tipo de Evocação		Valor-p
		PN	ON	
6 meses	Sim	87,5%	91,7%	0,64
	Não	12,5%	8,3%	
7 meses	Sim	100,0%	33,3%	0,40
	Não	0,0%	66,7%	

Tabela 6: Busca do olhar x Evocação PN ou ON x SEXO

Sexo	Busca olhar	Tipo de Evocação		Valor-p
		PN	ON	
Feminino	Sim	88,9%	100,0%	0,30
	Não	11,1%	0,0%	
Masculino	Sim	88,9%	77,8%	0,37
	Não	11,1%	22,2%	

Tabela 9: Busca do olhar x Evocação PN ou ON x CRECHE

CRECHE	Busca olhar	Tipo de Evocação		Valor-p
		PN	ON	
Não	Sim	85,7%	90,5%	0,63
	Não	14,3%	9,5%	
Sim	Sim	100,0%	66,7%	0,46
	Não	0,0%	33,3%	

ANEXO I

Declaração de Aprovação


**FACULDADE DE MEDICINA
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

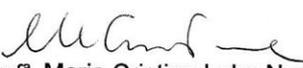
Av. Prof. Alfredo Balena 190 / sala 533
Belo Horizonte - MG - CEP 30.130-100
Fone: (031) 3409.9641 FAX: (31) 3409.9640
cpg@medicina.ufmg.br

**DECLARAÇÃO**

A Comissão Examinadora abaixo assinada, composta pelas Professoras Doutoras: Érika Maria Parlato Oliveira, Leandro Fernandes Malloy Diniz e Maria Cristina Lobo Name aprovou a tese de doutorado intitulada: “**RECONHECIMENTO DO PRÓPRIO NOME EM CRIANÇAS DE SEIS E SETE MESES DE IDADE**” apresentada pela mestranda **ALINE MOREIRA LUCENA** para obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Área de Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, realizada em 25 de janeiro de 2013.


Prof.^a Érika Maria Parlato Oliveira
Orientadora


Prof. Leandro Fernandes Malloy Diniz


Prof.^a Maria Cristina Lobo Name



Em tempo: Onde se lê: “...tese de doutorado...”, leia-se: “... dissertação de mestrado...”; onde se lê: “...título de doutor...”, leia-se: “... título de mestre...”

ANEXO J

Ata de Defesa


**FACULDADE DE MEDICINA
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Av. Prof. Alfredo Balena 190 / sala 533
Belo Horizonte - MG - CEP 30.130-100
Fone: (031) 3409.9641 FAX: (31) 3409.9640
cpg@medicina.ufmg.br



ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de **ALINE MOREIRA LUCENA** nº de registro 2011626030. Às quatorze horas, do dia **vinte e cinco de janeiro de dois mil e treze**, reuniu-se na Faculdade de Medicina da UFMG, a Comissão Examinadora de dissertação indicada pelo Colegiado do Programa, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado: **"RECONHECIMENTO DO PRÓPRIO NOME EM CRIANÇAS DE SEIS E SETE MESES DE IDADE"**, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Saúde: Saúde da Criança e do Adolescente, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde: Saúde da Criança e do Adolescente. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Prof^a. Érika Maria Parlato Oliveira, após dar conhecimento aos presentes o teor das Normas Regulamentares do trabalho final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Prof. Erika Maria Parlato Oliveira	Instituição: UFMG	Indicação: <u>aprovada</u>
Prof. Leandro Fernandes Malloy Diniz	Instituição: UFMG	Indicação: <u>aprovada</u>
Prof. Maria Cristina Lobo Name	Instituição: UFJF	Indicação: <u>aprovada</u>

Pelas indicações a candidata foi considerada aprovada

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a sessão e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 25 de janeiro de 2013.

Prof^a. Érika Maria Parlato Oliveira – Orientadora Erika Parlato Oliveira

Prof. Leandro Fernandes Malloy Diniz Leandro Malloy Diniz

Prof^a. Maria Cristina Lobo Name Maria Cristina Lobo Name

Prof^a Ana Cristina Simões e Silva /Coordenadora Ana Cristina Simões e Silva

Obs.: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo do Coordenador.

Prof^a Ana Cristina Simões e Silva
Coordenadora do Programa de Pós-graduação em
Ciências da Saúde: Saúde da Criança e do Adolescente
Faculdade de Medicina/UFMG

CONFERE COM ORIGINAL
Centro de Pós-Graduação
Faculdade de Medicina - UFMG

APÊNDICE A

Lista de Prenomes comuns da TANU coleta referente à dezembro/2011 à março/2012

NOMES COMUNS DOS PACIENTES DA TANU			
FEMININOS		MASCULINOS	
1. Alexia	34. Lara	1. Alessandro	34. Marcelo
2. Alice	35. Laura	2. André	35. Marcos
3. Ana	36. Lavínia	3. Arleison	36. Mateus
4. Andelina	37. Letícia	4. Arthur	37. Miguel
5. Ayane	38. Lilian	5. Athos	38. Mikael
6. Beatriz	39. Luana	6. Augusto	39. Nicolas
7. Camile	40. Ludmila	7. Bernardo	40. Pablo
8. Clara	41. Luisa	8. Bryan	41. Pedro
9. Daniele	42. Manuela	9. Caetano	42. Rhedley
10. Emanuelle	43. Manuelle	10. Carlos	43. Richard
11. Emily	44. Marcela	11. Daniel	44. Riquelme
12. Ester	45. Mariany	12. Davi	45. Robert
13. Evelin	46. Marília	13. Douglas	46. Ruan
14. Fernanda	47. Mirella	14. Emanuel	47. Rubens
15. Gabrielly	48. Naira	15. Enzo	48. Samuel
16. Geovanna	49. Náira	16. Felipe	49. Taylon
17. Gisele	50. Natally	17. Gabriel	50. Tiago
18. Giulia	51. Nicole	18. George	51. Tomás
19. Helena	52. Nina	19. Guilherme	52. Victor
20. Isabela	53. Paula	20. Gustavo	53. Vitor
21. Isadora	54. Sara	21. Heitor	54. Vinícius
22. Jamile	55. Sofia	22. Iago	55. Wellington
23. Jenifer	56. Stephany	23. Ícaro	56. Wesdras
24. Jéssica	57. Tatiane	24. Isaque	57. Wesley
25. Júlia	58. Taila	25. Ítalo	58. Yan
26. Juliana	59. Taila	26. Jean	59. Yuri
27. Kemilly	60. Thalita	27. João	
28. Kenia	61. Thauane	28. Juan	
29. Kethellyn	62. Thays	29. Kaio	
30. Ketlen	63. Vitória	30. Kauã	
31. Ketley	64. Yasmin	31. Kayque	
32. Laisa		32. Luan	
33. Laísa		33. Lucas	

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO SOBRE EXPERIÊNCIA LINGUÍSTICA DA CRIANÇA E DA FAMÍLIA COM RELAÇÃO AO PRENOME

Nome da criança: _____

Nome da mãe: _____

Nome do pai: _____

D.N.: ___ / ___ / _____ Idade: (no dia da pesquisa) _____ Sexo: () F () M

• Perguntas a serem feitas via telefone:

1. Possui apelidos? () SIM () NÃO Quais? _____
2. O nome dos pais coincide com o da criança? () SIM () NÃO
3. Por qual nome os pais chamam a criança? () pelo próprio nome () pelo apelido
() por mais de um nome () chamam de “neném” () outros: _____
4. Permanece com cuidador? () SIM () NÃO
5. Quem é o cuidador?
() mãe () pai () babá () creche () avó () outro: _____
6. Qual o nome do cuidador: _____
7. Como o cuidador chama a criança? _____
8. Permanece em creche? () SIM () NÃO
9. Como é chamada na creche? _____
10. Tem outras crianças com o mesmo nome na creche? () SIM () NÃO
11. Convive com crianças que tem o mesmo nome em outros ambientes?
() SIM () NÃO. Quais ambientes? _____
12. Endereço: _____

○ Perguntas a serem feitas antes das avaliações (no local da pesquisa):

1. Responde ao chamado pelo nome? () SIM () NÃO
2. Possui nome composto? () SIM () NÃO
 - a) A criança é chamada pelos dois nomes? () SIM () NÃO
 - b) Por qual nome atende? _____
3. Quando a criança recebeu o nome pelos pais? _____
4. Desde quando era chamado pelo próprio nome? _____
5. Intra-útero já era chamado pelo nome? () SIM () NÃO. Desde _____ meses.
6. Com quantas pessoas adultas convive na casa? _____ pessoas.
7. Com quantas crianças convive na casa? _____ crianças. Qual a idade? _____
8. Qual a escolaridade dos pais?
 - a) Mãe: () E.Fundamental () E.Médio () superior / () completo () incompleto
 - b) Pai: () E. Fundamental () E.Médio () superior / () completo () incompleto
9. Qual a escolaridade do cuidador?
() E.Fundamental () E.Médio () superior / () completo () incompleto
10. Qual a idade desse cuidador? _____ anos
11. Quantas horas por dia a criança permanece na creche? _____ horas
12. A creche é () pública () particular.
13. Desde qual idade a criança permanece na creche? _____

APÊNDICE C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: SUJEITO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante,

O(a) Sr(a) e o seu filho estão sendo convidados(as) para participar do estudo **Relação entre audição, desenvolvimento de linguagem e reconhecimento do próprio nome em bebês**, que tem como objetivo identificar a idade em que a criança reconhece o próprio nome.

A pesquisa será realizada sob orientação das fonoaudiólogas Sirley Alves da Silva Carvalho e Erika Parlato-Oliveira.

Esta pesquisa se justifica por contribuir como fonte complementar aos estudos acadêmicos fonoaudiológicos e multidisciplinares, uma vez que a identificação da idade na qual a criança reconhece o próprio nome servirá como ferramentas para o melhor direcionamento a respeito dos estágios adquiridos ou não pela criança, no que diz respeito à linguagem e à audição.

Para participar da pesquisa, serão realizadas duas avaliações fonoaudiológicas simples com a criança, sendo a 1ª - avaliação da audição (observação das respostas obtidas por meio de aparelhos auditivos e as reações comportamentais a estímulos emitidos de instrumentos musicais), e a 2ª - avaliação da linguagem (observação dos aspectos comunicativos). Por último, a fim de avaliar o reconhecimento do nome, pela criança, esta permanecerá em seu colo para que possamos observar as reações do seu filho (a), quando ele (a) for chamado (a) pelo nome. Durante toda a avaliação do reconhecimento do nome, uma filmadora digital irá registrar as respostas.

A participação nesta pesquisa oferece risco mínimo, uma vez que o seu filho será submetido a avaliações indolores, não invasivas e que, portanto não apresentam risco à sua integridade física. A sua participação é voluntária e, deste modo, você pode se recusar a participar ou retirar o seu consentimento a qualquer momento sem que isso lhe traga qualquer constrangimento ou prejuízo em sua relação com os profissionais responsáveis pela avaliação.

As informações coletadas terão um caráter confidencial, podendo ser o resultado desta pesquisa divulgado em artigo de revista científica sem, no entanto, colocar em evidência a sua identidade, de seu filho e dos demais participantes. Os dados coletados serão destruídos após a publicação dos artigos.

Você não terá nenhum gasto, uma vez que as despesas serão pagas pelos pesquisadores. Caso deseje, em qualquer momento da pesquisa (antes, durante, ou após sua realização), você pode desistir e/ou entrar em contato com os pesquisadores pelos contatos descritos abaixo e, em

caso de dúvidas sobre a ética do estudo, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, pelo telefone (31) 3409-4592.

Agradecemos à disponibilidade.

Atenciosamente.

Erika Parlato-Oliveira

Pesquisadora

Sirley Alves da Silva Carvalho

Pesquisadora

Baseado neste termo, eu, _____ CI _____, órgão expedidor _____, aceito participar da pesquisa **Relação entre audição, desenvolvimento de linguagem e reconhecimento do próprio nome em bebês**, em acordo com as informações acima expostas.

Belo Horizonte, _____ de _____ de 20__.

De acordo.

Pesquisadores:

Sirley Alves da Silva Carvalho - fonoaudióloga, professora adjunto do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Tel. (31) 34099791.

Erika Parlato-Oliveira – fonoaudióloga, professora adjunto do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Tel. (31) 34099791.

Comitê de Ética e Pesquisa da UFMG - Endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II - 2º andar Campus sala 2005 Pampulha Belo Horizonte, MG – Brasil 31270-901. Tel. (31) 3409-4592.

APÊNDICE D

Lista dos pares de nomes por categorias MENINOS

		CATEGORIA 1	CATEGORIA 2	CATEGORIA 3
MENINOS	Alessandro (4)	Alessandro (4) Jean (2)	Caetano (4) Alessandro (4)	
	André (2)	André (2) Emanuel (4)	Enzo (2) André (2)	
	Arleison (3)	Arleison (3) Pablo (2) Caetano (4)	Gabriel (3) Arleison (3)	
	Arthur (2)	Arthur (2) Alessandro (4)	Miguel (2) Arthur (2)	
	Athos (2)	Athos (2) Emanuel (4)	João (2) Athos (2)	Athos (2) Carlos (2)
	Augusto (3)	Augusto (3) Rhedley (2) Caetano (4)	Ícaro (3) Augusto (3)	
	Bernardo (3)	Bernardo (3) Kauã (2) Alessandro (4)	Mikael (3) Bernardo (3)	
	Bryan (2)	Bryan (2) Emanuel (4)	Kaio (2) Bryan (2)	Bryan (2) Luan (2)
	Caetano (4)	Caetano (4) Heitor (2)	Alessandro (4) Caetano (4)	
	Carlos (2)	Carlos (2) Caetano (4)	Pedro (2) Carlos (2)	
	Daniel (3)	Daniel (3) Rubens (2) Alessandro (4)	Iago (3) Daniel (3)	Daniel (3) Gabriel (3)
	Davi (2)	Davi (2) Emanuel (4)	Enzo (2) Davi (2)	
	Deivid (3)	Deivid (3) Wesley (2) Caetano (4)	Gustavo (3) Deivid (3)	Deivid (3) Richard (3)
	Douglas (2)	Douglas (2) Alessandro (4)	Lucas (2) Douglas (2)	Douglas (2) Nicolas (3)
	Emanuel (4)	Emanuel (4) Mateus (2)	Alessandro (4) Emanuel (4)	
	Enzo (2)	Enzo (2) Alessandro (4)	Marcos (2) Enzo (2)	
	Felipe (3)	Felipe (3) Arthur (2) Caetano (4)	Mikael (3) Felipe (3)	
	Gabriel (3)	Gabriel (3) João (2) Alessandro (4)	Isaque (3) Gabriel (3)	Gabriel (3) Mikael (3)
	George (3)	George (3) Tomás (2) Emanuel (4)	Ícaro (3) George (3)	
	Guilherme (3)	Guilherme (3) Davi (2) Caetano (4)	Samuel (3) Guilherme (3)	Guilherme (3) Riquelme (3)
	Gustavo (3)	Gustavo (3) Heitor (2) Alessandro (4)	Kayque (3) Gustavo (3)	
	Heitor (2)	Heitor (3) Emanuel (4)	Carlos (2) Heitor (2)	Heitor (2) Vitor (2)
	Iago (3)	Iago (3) Athos (2) Caetano (4)	Marcelo (3) Iago (3)	Iago (3) Tiago (3)
	Ícaro (3)	Ícaro (3) Davi (2) Alessandro (4)	Samuel (3) Ícaro (3)	
	Isaque (3)	Isaque (3) Kaio (2) Emanuel (4)	Wellington (3) Isaque (3)	
	Ítalo (3)	Ítalo (3) Carlos (2) Caetano (4)	Mikael (3) Ítalo (3)	
	Jean (2)	Jean (2) Alessandro (4)	Enzo (2) Jean (2)	Jean (2) Luan (2)
	João (2)	João (2) Emanuel (4)	Douglas (2) João (2)	
	Juan (2)	Juan (2) Caetano (4)	Athos (2) Juan (2)	Juan (2) Luan (2)
	Kaio (2)	Kaio (2) Alessandro (4)	Rubens (2) Kaio (2)	
	Kauã (2)	Kauã (2) Emanuel (4)	Davi (2) Kauã (2)	Kauã (2) Ruan (2)
	Kayque (3)	Kayque (3) Jean (2) Caetano (4)	Samuel (3) Kayque (3)	
	Luan (2)	Luan (2) Alessandro (4)	Pedro (2) Luan (2)	Luan (2) Ruan (2)
	Lucas (2)	Lucas (2) Emanuel (4)	Tomás (2) Lucas (2)	Lucas (2) Wesdras (2)
	Marcelo (3)	Marcelo (3) Taylon (2) Caetano (4)	George (3) Marcelo (3)	
	Marcos (2)	Marcos (2) Alessandro (4)	João (2) Marcos (2)	
	Mateus (2)	Mateus (2) Emanuel (4)	Heitor (2) Mateus (2)	
	Miguel (2)	Miguel (2) Caetano (4)	Jean (2) Miguel (2)	
	Mikael (3)	Mikael (3) Arthur (2) Alessandro (4)	Bernardo (3) Mikael (3)	Mikael (3) Gabriel (3)
	Nicolas (3)	Nicolas (3) Kaio (2) Emanuel (4)	Guilherme (3) Nicolas (3)	Nicolas (3) Douglas (3)
	Pablo (2)	Pablo (2) Caetano (4)	Marcos (2) Pablo (2)	
	Pedro (2)	Pedro (2) Alessandro (4)	Lucas (2) Pedro (2)	
	Rhedley (2)	Rhedley (2) Emanuel (4)	Miguel (2) Rhedley (2)	Rhedley (2) Wesley (2)
	Richard (3)	Richard (3) Kauã (2) Caetano (4)	Nicolas (3) Richard (3)	Richard (3) Deivid (3)
	Riquelme (3)	Riquelme (3) Bryan (2) Alessandro (4)	Augusto (3) Riquelme (3)	Riquelme (3) Guilherme (3)
Robert (3)	Robert (3) Athos (2) Emanuel (4)	Isaque (3) Robert (3)		
Ruan (2)	Ruan (2) Caetano (4)	Carlos (2) Ruan (2)	Ruan (2) Juan (2)	
Rubens (2)	Rubens (2) Alessandro (4)	Lucas (2) Rubens (2)		
Samuel (3)	Samuel (3) André (2) Emanuel (4)	George (3) Samuel (3)	Samuel (3) Mikael (3)	
Taylon (2)	Taylon (2) Caetano (4)	Rubens (2) Taylon (2)		
Tiago (3)	Tiago (3) Vitor (2) Alessandro (4)	Samuel (3) Tiago (3)	Tiago (3) Iago (3)	
Tomás (2)	Tomás (2) Emanuel (4)	André (2) Tomás (2)		
Victor (3)	Victor (3) Arthur (2) Caetano (4)	Gabriel (3) Victor (3)		
Vitor (2)	Vitor (2) Alessandro (4)	Davi (2) Vitor (2)		
Vinicius (3)	Vinicius (3) Wesley (2) Emanuel (4)	Isaque (3) Vinicius (3)		
Wellington (3)	Wellington (3) Kaio (2) Caetano (4)	Mikael (3) Wellington (3)		
Wesdras (2)	Wesdras (2) Alessandro (4)	Pablo (2) Wesdras (2)	Wesdras (2) Lucas (2)	
Wesley (2)	Wesley (2) Emanuel (4)	Yan (2) Wesley (2)	Wesley (2) Rhedley (2)	
Yan (2)	Yan (2) Caetano (4)	Pedro (2) Yan (2)	Yan (2) Ruan (2)	
Yuri (3)	Yuri (3) Kauã (2) Alessandro (4)	Ícaro (3) Yuri (3)		

Lista dos pares de nomes por categorias MENINAS

	CATEGORIA 1	CATEGORIA 2	CATEGORIA 3
Alexia (3)	Alexia (3) Brenda (2) Juliana (4)	Emily (3) Alexia (3)	Alexia (3) Leticia (3)
Alice (3)	Alice (3) Julia (2) Gabrielly (4)	Ayane (3) Alice (3)	
Ana (2)	Ana (2) Daniele (4)	Brenda (2) Ana (2)	Ana (2) Nina (2)
Andelina (4)	Andelina (4) Clara (2)	Gabrielly (4) Andelina (4)	
Ayane (3)	Ayane (3) Julia (2) Manuelle (4)	Beatriz (3) Ayane (3)	
Beatriz (3)	Beatriz (3) Lara (2) Tatiane (4)	Kamilly (3) Beatriz (3)	
Brenda (2)	Brenda (2) Isabela (4)	Ester (2) Brenda (2)	
Camile (3)	Camile (3) Paula (2) Thauane (4)	Natally (3) Camile (3)	Camile (3) Manuelle (3)
Clara (2)	Clara (2) Isadora (4)	Julia (2) Clara (2)	Clara (2) Naira (2)
Daniele (4)	Daniele (4) Laura (2)	Juliana (4) Daniele (4)	Daniele (4) Gabrielly (4)
Emanuelle (5)	Emanuelle (5) Ketley (2)		
Emily (3)	Emily (3) Lara (2) Isadora (4)	Leticia (3) Emily (3)	Emily (3) Kemily (3)
Ester (2)	Ester (2) Juliana (4)	Ketlen (2) Ester (2)	
Evelin (3)	Evelin (3) Lara (2) Thauane (4)	Sofia (3) Evelin (3)	Evelin (3) Kethellyn (3)
Fernanda (3)	Fernanda (3) Sara (2) Isabela (4)	Jenifer (3) Fernanda (3)	
Gabrielly (4)	Gabrielly (4) Thays (2)	Isadora (4) Gabrielly (4)	Gabrielly (4) Daniele (4)
Geovanna (4)	Geovana (4) Julia (2)	Manuela (4) Geovana (4)	Geovana (4) Juliana (4)
Gisele (3)	Gisele (3) Clara (2) Isadora (4)	Alexia (3) Gisele (3)	
Giulia (2)	Giulia (2) Andelina (4)	Ester (2) Giulia (2)	Giulia (2) Julia (2)
Helena (3)	Helena (3) Brenda (2) Ludmila (4)	Camile (3) Helena (3)	Helena (3) Luana (3)
Isabela (4)	Isabela (4) Ester (2)	Daniele (4) Isabela (4)	Isabela (4) Manuela (4)
Isadora (4)	Isadora (4) Laura (2)	Adelina (4) Isadora (4)	
Jamile (3)	Jamile (3) Paula (2) Manuelle (4)	Fernanda (3) Jamile (3)	Jamile (3) Camile (3)
Jenifer (3)	Jenifer (3) Sara (2) Tatiane (4)	Lilian (3) Jenifer (3)	
Jéssica (3)	Jéssica (3) Nina (2) Daniele (4)	Lavinia (3) Jéssica (3)	
Júlia (2)	Júlia (2) Andelina (4)	Ketlen (2) Júlia (2)	Júlia (2) Giulia (2)
Juliana (4)	Juliana (2) Sara (2)	Tatiane (4) Juliana (4)	Juliana (4) Geovana (4)
Kemilly (3)	Kemilly (3) Clara (2) Andelina (4)	Marcela (3) Kemilly (3)	Kemilly (3) Natally (3)
Kenya (3)	Kenya (3) Paula (2) Juliana (4)	Luisa (3) Kenya (3)	
Kethellyn (3)	Kethellyn (3) Ana (2) Isabela (4)	Fernanda (3) Kethellyn (3)	Kethellyn (3) Evelin (3)
Ketlen (2)	Ketlen (2) Tatiane (4)	Brenda (2) Ketlen (2)	Ketlen (2) Ketley (2)
Ketley (2)	Ketley (2) Ludmila (4)	Clara (2) Ketley (2)	Ketley (2) Ketlen (2)
Laisa (2)	Laisa (2) Isadora (4)	Clara (2) Laisa (2)	
Laísa (3)	Laísa (3) Ana (2) Isadora (4)	Fernanda (3) Laísa (3)	Laisa (3) Luisa (3)
Lara (2)	Lara (2) Andelina (4)	Ester (2) Lara (2)	Lara (2) Laura (2)
Laura (2)	Laura (2) Isabela (4)	Ana (2) Laura (2)	Laura (2) Lara (2)
Lavinia (3)	Lavinia (3) Clara (2) Tatiane (4)	Marcela (3) Lavinia (3)	
Leticia (3)	Leticia (3) Nina (2) Manuela (4)	Kemilly (3) Leticia (3)	Leticia (3) Alexia (3)
Lilian (3)	Lilian (3) Júlia (2) Daniele (4)	Mirela (3) Lilian (3)	
Luana (3)	Luana (3) Paula (2) Isabela (4)	Jéssica (3) Luana (3)	Luana (3) Helena (3)
Ludmila (4)	Ludmila (4) Brenda (2)	Geovana (4) Ludmila (4)	Ludmila (4) Manuela (4)
Luisa (3)	Luisa (3) Nina (2) Thauane (4)	Fernanda (3) Luisa (3)	Luisa (3) Laísa (3)
Manuela (4)	Manuela (4) Ana (2)	Geovana (4) Manuela (4)	Manuela (4) Ludmila (4)
Manuelle (4)	Manuelle (4) Clara (2)	Geovana (4) Manuelle (4)	
Marcela (3)	Marcela (3) Paula (2) Thauane (4)	Jenifer (3) Marcela (3)	Marcela (3) Mirella (3)
Mariany (4)	Mariany (4) Júlia (2)	Ludmila (4) Mariany (4)	
Marília (3)	Marília (3) Sara (2) Manuela (4)	Leticia (3) Marília (3)	
Mirella (3)	Mirella (3) Clara (2) Isabela (4)	Lilian (3) Mirella (3)	Mirella (3) Marcela (3)
Naira (2)	Naira (2) Juliana (4)	Ana (2) Naira (2)	
Naira (3)	Naira (3) Ester (2) Daniele (4)	Luana (3) Naira (3)	
Natally (3)	Natally (3) Thays (2) Gabrielly (4)	Vitória (3) Natally (3)	Natally (3) Kemilly (3)
Nicole (3)	Nicole (3) Ana (2) Ludmila (4)	Alice (3) Nicole (3)	Nicole (3) Natally (3)
Nina (2)	Nina (2) Isadora (4)	Clara (2) Nina (2)	Nina (2) Ana (2)
Paula (2)	Paula (2) Isabela (4)	Brenda (2) Paula (2)	Paula (2) Taila (2)
Sara (2)	Sara (2) Daniela (4)	Nina (2) Sara (2)	Sara (2) Clara (2)
Sofia (3)	Sofia (3) Ana (2) Juliana (4)	Alice (3) Sofia (3)	
Stephany (3)	Stéphany (3) Paula (2) Isadora (4)	Alexia (3) Stéphany (3)	
Tatiane (4)	Tatiane (4) Nina (2)	Geovanna (4) Tatiane (4)	Tatiane (4) Thauane (4)
Taila (2)	Taila (2) Isabela (4)	Brenda (2) Taila (2)	Taila (2) Paula (2)
Taila (3)	Taila (3) Sara (2) Ludmila (4)	Jéssica (3) Taila (3)	Taila (3) Marcela (3)
Thalita (3)	Thalita (3) ketlen (2) Gabrielly (4)	Helena (3) Thalita (3)	
Thauane (4)	Thauane (4) Paula (2)	Manuela (4) Thauane (4)	Thauane (4) Tatiane (4)
Thays (2)	Thays (2) Mariany (4)	Ketley (2) Thays (2)	
Vitória (3)	Vitória (3) Júlia (2) Geovanna (4)	Sofia (3) Vitória (3)	
Yasmin (3)	Yasmin (3) Nina (2) Thauane (4)	Natally (3) Yasmin (3)	

MENINAS

APÊNDICE E
Termo de Consentimento Livre Esclarecido: AVALIADOR

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante,

O(a) Sr(a) está sendo convidado(a) para participar do estudo **Relação entre audição, desenvolvimento de linguagem e reconhecimento do próprio nome em bebês**, que tem como objetivo identificar a idade em que a criança reconhece o próprio nome.

A pesquisa será realizada sob orientação das fonoaudiólogas Sirley Alves da Silva Carvalho e Erika Parlato-Oliveira.

Esta pesquisa se justifica por contribuir como fonte complementar aos estudos acadêmicos fonoaudiológicos e multidisciplinares, uma vez que a identificação da idade na qual a criança reconhece o próprio nome servirá como ferramenta para o melhor direcionamento a respeito dos estágios adquiridos ou não pela criança, no que diz respeito à linguagem e à audição.

Caso concorde em participar desta pesquisa, você fará parte de um grupo de avaliadores que se reunirá três vezes, em local a ser definido, com duração de 2 horas, para realizar a descrição das observações dos comportamentos das crianças relativos à duração do olhar para a caixa de som, que emitirá o nome, bem como quanto ao ângulo de deslocamento do olhar e demais reações.

A sua participação é voluntária e, deste modo, você pode se recusar a participar ou retirar o seu consentimento a qualquer momento sem que isso lhe traga qualquer constrangimento ou prejuízo em sua relação com os profissionais responsáveis pela avaliação.

As informações coletadas terão um caráter confidencial, podendo ser o resultado desta pesquisa divulgado em artigo de revista científica sem, no entanto, colocar em evidência a sua identidade e dos demais participantes. Os dados coletados serão destruídos após a publicação dos artigos.

Você não terá nenhum gasto, uma vez que as despesas serão pagas pelos pesquisadores. Caso deseje, em qualquer momento da pesquisa (antes, durante, ou após sua realização), você pode desistir e/ou entrar em contato com os pesquisadores pelos contatos descritos abaixo e, em caso de dúvidas sobre a ética do estudo, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, pelo telefone (31) 3409-4592.

Agradecemos à disponibilidade.

Atenciosamente.

Erika Parlato-Oliveira

Sirley Alves da Silva Carvalho

Pesquisadora

Pesquisadora

Baseado neste termo, eu, _____ CI
_____, órgão expedidor _____, aceito participar da pesquisa **Relação
entre audição, desenvolvimento de linguagem e reconhecimento do próprio nome em
bebês**, em acordo com as informações acima expostas.

Belo Horizonte, _____ de _____ de 20__.

De acordo.

Pesquisadores:

Sirley Alves da Silva Carvalho - fonoaudióloga, professora adjunto do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Tel. (31) 34099791.

Erika Parlato-Oliveira – fonoaudióloga, professora adjunto do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Tel. (31) 34099791.

Comitê de Ética e Pesquisa da UFMG - Endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II - 2º andar Campus sala 2005 Pampulha Belo Horizonte, MG – Brasil 31270-901. Tel. (31) 3409-4592.

APÊNDICE G

Cartilha de orientação à família

Orientações sobre Desenvolvimento de Linguagem

► As BRINCADEIRAS ajudam as crianças a aprenderem sobre si mesmos e sobre o mundo ao seu redor. Elas são formas importantes para desenvolver a comunicação antecipada e habilidades sociais. Auxiliar e participar das brincadeiras com seus filhos é uma maneira simples, fácil para beneficiá-lo e para divertirem juntos!



Referências Bibliográficas:

- McGinness, Diane. *Cultivando um leitor desde o berço*. Editora Record, SP, 2006.
- Kemler Nelson, Jusczyk, Mandel, Myers, Turk, and Genten. *The headstart preference procedure for testing auditory perception*. 1995.

O desenvolvimento da linguagem começa antes mesmo do nascimento da criança. Mesmo dentro da barriga da mãe, o bebê já responde a sons e sensações experimentadas pela mãe. No primeiro ano de vida, a criança comunica-se através do olhar, do choro, do sorriso e do gesto. O adulto deve ficar atento a essas reações, respondendo às necessidades da criança e estimulando-a sempre. As mães são as responsáveis pelo ponta pé inicial do processo de atrair a atenção dos recém-nascidos durante as conversas.

PAPAI E MAMÃE, FIQUEM ATENTOS!

DICAS IMPORTANTES!

Organização da cartilha:
Fg^a Aline Moreira Lucena
Fg^a Patrícia Reis Fanelra
Julho de 2011
HCF/UFMG

Como auxiliar no desenvolvimento da fala da criança

- ▶ Proporcione à criança oportunidades para falar. É importante que ela seja ouvida e que também possa ouvir sua própria voz.
- ▶ O bebê adora quando você responde diretamente a ele, repetindo o que falou como se isso realmente significasse algo. Nesse tipo de conversa, a mãe consegue atrair a atenção do bebê.
- ▶ Utilize palavras adequadas para a idade da criança, aproveitando as situações da vida diária.
- ▶ O convívio com outras crianças é importante para o desenvolvimento.

Sugestões importantes...

- ▶ Dê um modelo de fala correta. Não fale errado com a criança, não infantilize a sua fala, tratando-a como se fosse um bebê. As crianças aprendem a falar ouvindo os seus pais.
- ▶ Não faça por seu filho o que ele já pode fazer sozinho.
- ▶ Ajude-o e oriente-o naquilo que ainda não consegue realizar.
- ▶ Faça passeios a parques e praças, chamando a atenção para sons do ambiente. Procure imitá-los.
- ▶ Utilize livros infantis, estimulando a criança a nomear e reconhecer as gravuras.
- ▶ Ler histórias e cantar músicas infantis são recursos que favorecem o desenvolvimento da linguagem, além de ser de grande interesse da criança.
- ▶ Tenha sempre livros e revistas (adequados à idade) ao alcance da criança. Deixe que ela manuseie livremente e os leia. Desta forma ela irá adquirir gosto pela leitura.

Você sabia?!

Que chamar a criança pelo próprio nome é muito importante? É a partir do reconhecimento do próprio nome que se torna mais fácil a compreensão de outras palavras pelas crianças! Evite os apelidos.

O Desenvolvimento da Linguagem da Criança

Fique atento ao desenvolvimento de linguagem do seu filho! Se surgirem dúvidas, procure um fonoaudiólogo.

1 a 3 meses
Presta atenção aos sons e se acalma com a voz da mãe. Chora, faz alguns sons, dá gargalhadas. Observa o rosto, sorri quando alguém fala com ele.

4 a 6 meses
Procure de onde vem o som. Grita, faz alguns sons como se estivesse conversando e imita sua voz.

7 a 11 meses
Encontra de qual lado vem som. Faz alguns sons. Repete palavras. Bate palmas, aponta o que quer, dá tchau.

12 meses
Começa a falar as primeiras palavras. Imita a ação de outra pessoa.

18 meses
Pede as coisas usando uma palavra. Já sabe falar umas 20 palavras.

2 anos
Consegue dizer frases curtas com duas palavras. Já sabe falar umas 200 palavras.

3 anos
É possível entender tudo o que ele fala, mas às vezes ele conjuga errado. Conhece cores.

4 anos
Inventa histórias. Compreende regras de jogos simples.

5 anos
Forma frases completas, fala corretamente.

6 anos
Aprende a ler e a escrever.

Fonte: Boone, Daniel & Plante, Elena. Comunicação humana e seus distúrbios. Ed. Artes Médicas, 1994.; Bee, Helen. A criança em desenvolvimento. Ed. Artes Médicas, 1996.; Frankenburg, W. K. e cols., Manual de aplicação do teste de desenvolvimento Denver II, 1992.